Obras Completas de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 || 45, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 3.°

VOLUMES PUBLICADOS:

I — AMOR E MELANCOLIA.
II — A CHAVE DO ENIGMA.
III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º vol.)
V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º vol.)
VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
VIII — VIVOS E MORTOS—Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.

NO PRÉLO:

IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
VIII

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME I

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1904

SUMMARIO

ADVERTENCIA DOS EDITORES

Para toda a gente é esta obra de Castilho uma apparição inesperada. Póde-se-lhe antes chamar uma ressurreição.

Diremos mais: se Castilho voltasse ao mundo, e lhe falassem nos seus *Vivos e mortos*, responderia:

—Não escrevi isso.

Pois enganava-se. O titulo é nosso, mas o livro é d'elle.

Escreveu-o aos poucos, sem suspeitar que formava uma das suas producções mais interessantes; escreveu-o, segundo as fluctuações da opinião publica; escreveu-o, retratando as phases litterarias e artisticas do seu tempo; escreveu-o deixando inconscientemente aos pósteros uma parte do seu proprio retrato moral.

Aqui, saúda o apparecimento de uma collecção poetica; além, analysa um drama de nome; acolá, biographa um contemporaneo benemerito; depois, ressuscita pela critica historica um morto de seculos; n'um dado momento, implora a boa-vontade nacional em favor de Camões, procura e acha-lhe os ossos, pugna em favor de uma rehabilitação nacional a tão grande nome; n'outra

SUMMARIO

Academia Real das Sciencias. — Noticia sobre João Vicente Pimentel Maldonado. — Obras poeticas de Francisco Evaristo Leoni. — Luiz de Camões; busca dos seus ossos; proposta apresentada á Sociedade dos Amigos das Lettras. — Noticia litteraria de D. Francisca de Paula Possollo.

ADVERTENCIA DOS EDITORES

Para toda a gente é esta obra de Castilho uma apparição inesperada. Póde-se-lhe antes chamar uma ressurreição.

Diremos mais: se Castilho voltasse ao mundo, e lhe falassem nos seus *Vivos e mortos*, responderia:

—Não escrevi isso.

Pois enganava-se. O titulo é nosso, mas o livro é d'elle.

Escreveu-o aos poucos, sem suspeitar que formava uma das suas producções mais interessantes; escreveu-o, segundo as fluctuações da opinião publica; escreveu-o, retratando as phases litterarias e artisticas do seu tempo; escreveu-o deixando inconscientemente aos pósteros uma parte do seu proprio retrato moral.

Aqui, saúda o apparecimento de uma collecção poetica; além, analysa um drama de nome; acolá, biográpha um contemporaneo benemerito; depois, ressuscita pela critica historica um morto de seculos; n'um dado momento, implora a boa-vontade nacional em favor de Camões, procura e acha-lhe os ossos, pugna em favor de uma rehabilitação nacional a tão grande nome; n'outra

occasião, e em muitas, arvóra-se arauto da Opera essencialmente portugueza; n'outras, e sempre, peleja pela Lingua-mãe, e forceja inocular nas turbas o amor ás tradições antigas; um dia, discute o duello; outro, estigmatisa a cobardia das cartas anonymas; n'um ponto, versa uma questão social; mais adiante, anima um neóphyto das Lettras; mezes andados, ergue se, sem trepidar, paladim de uma ideia nobre combatida por imprudentes. Em tudo isso o anima, e sempre, um entranhado amor da nossa Patria, um consciencioso anhelo do bem geral.

Este livro é pois historia, prégação, registo, e exemplo.

Começámos pelo rasto que ficou das juvenís relações de Castilho com o mais elevado corpo scientifico de Portugal, a Academia Real das Sciencias, cujo Socio era aos vinte e seis annos; seguimos chronologicamente, rebuscando em jornaes antigos, desenterrando velharias esquecidas, que (¡ mercê de Deus!) apparecem hoje á luz tão brilhantes como nasceram, e servem de marcos milliarios, não só da laboriosa vida do autor, mas da chronica nacional. ¡Curiosa collecção! a *actualidade* d'esses escritos conserva-se em muitos d'elles; a critica litteraria é exercida com cortezia, benevolencia, e espirito justiceiro. Poude o litterato enganar-se alguma vez; o homem foi sempre sincerissimo.

Além de tantos fragmentos de indole propriamente moral e litteraria, daremos, lá para o diante, outros chistosos volumes, sacados da mesma mina jornalistica: factos da vida lisbonense, noticiario de acontecimentos

minimos por elle primorosamente commentados, e que em sua vida elle proprio apontou e ajuntou, chamando a esse conjunto multicor e variado *Casos do meu tempo.*

São, no seu tanto, materiaes para a narração do viver portuguez de cincoenta, sessenta, ou setenta annos atraz, e figuram por documentos irrecusaveis.

Saem pois estes *Vivos e mortos* com fóros de verdadeiros inéditos. Vão fielmente trasladados, e apenas alterados na orthographia, paragraphação, e pontuação, que o autor não podia suggerir aos seus casuaes secretarios.

Temos a certeza de que o Publico illustrado ha-de collocar esta série de volumes, que lhe confiamos, e que hão-de ser seguidos de um minucioso Indice geral remissivo, e de notas explicativas, na lista dos commettimentos mais uteis, mais attractivos, mais valiosos, do incançavel trabalhador que foi Castilho.

I

A' Academia Real das Sciencias de Lisboa

ENVIANDO-LHE OS POEMETOS *A PRIMAVERA*

(1823)

Senhores:

Se Ovidio, o meu bom amigo, me não tivesse dito que as deusas do Estro foram visitadas na sua montanha pela deusa das Sciencias, nunca eu me atreveria a fazer entrar a minha Musa no recinto da vossa Minerva.

A divisa que vós adoptastes, e que existe gravada sobre a entrada mesma do vosso santuario, respira uma austeridade nobre e terrivel, capaz de suspender os passos de qualquer profano, e muito mais os de uma Musa fraca e timida. Considerando esta divida, ella me repetia tremendo aquellas doces palavras, que n'outro tempo tinha inspirado ao seu Virgilio:

...Pallas quas condidit arces
Ipsa colat; nobis placeant ante omnia silvæ.

Isto era sem duvida rasoavel; mas a resolução estava já tomada, e a grinalda do

tributo prompta nas suas mãos. Permitti-lhe pois, senhores, a passagem por entre vós; ella não quer senão pendurar a sua grinalda n'um dos ramos da vossa oliveira, e voltará contente de ter ali deixado um penhor do seu respeito.

Vós nascestes para offerecer todos os annos á nossa Patria uma abundante colheita de frutos preciosos devidos aos vossos trabalhos. Eu não posso offerecer-lhe mais do que flores, que a primavera me produz espontaneamente. Os frutos estimam-se porque são uteis; as flores, porque são agradaveis; mas a união d'estes dois objectos lhes dobra mutuamente o valor.

Assim Corydon promettia a Alexis um presente de frutos enfeitados com loiro e murta, porque, dizia elle, o loiro e a murta assim postos derramam um cheiro que agrada muito mais.

Tenho a honra, senhores, de ser
o vosso mais attento admirador

Lisboa, 19 de Março
de 1823.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

II

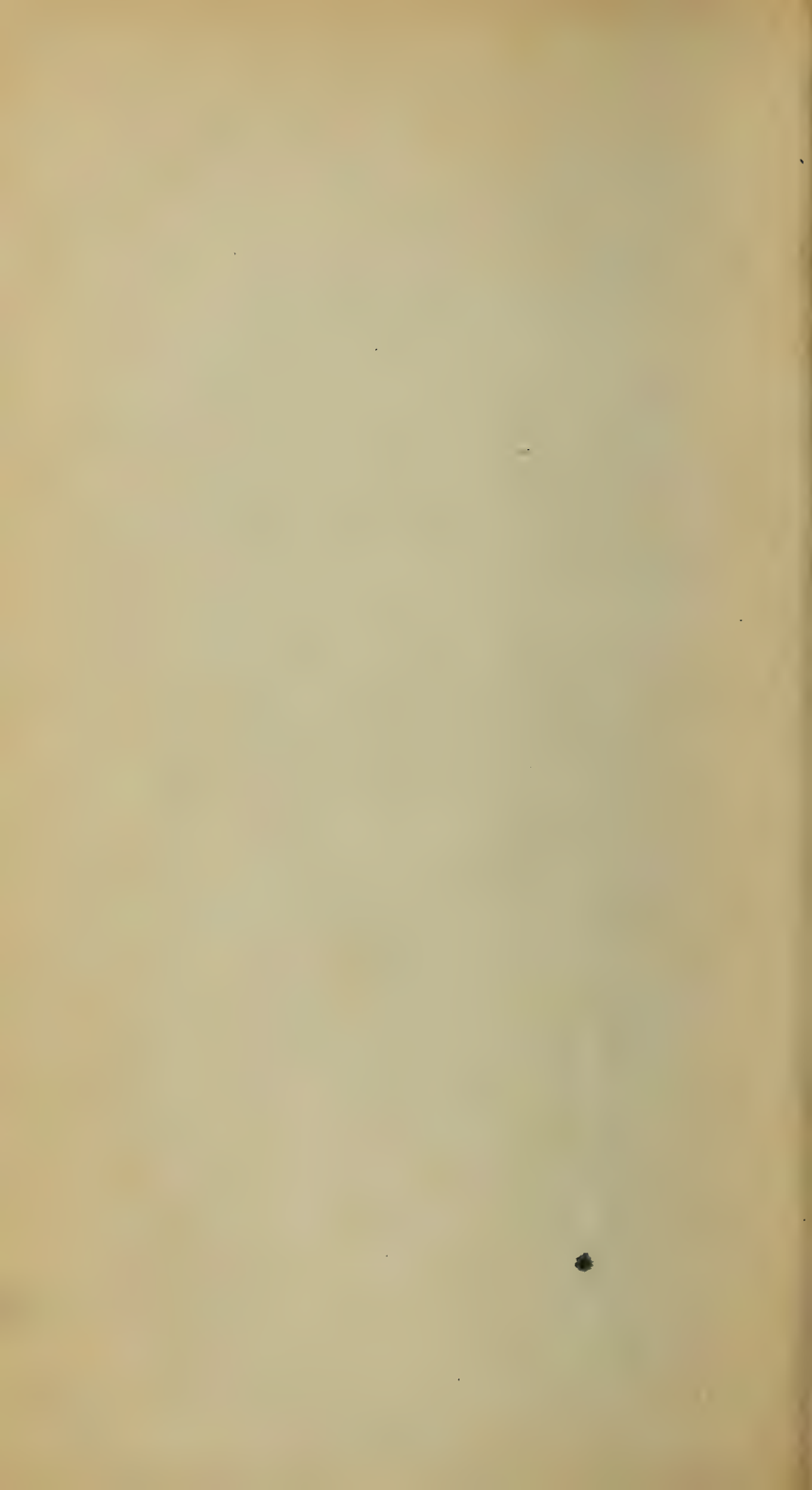
Resposta da Academia Real das Sciencias

(1823)

A Academia Real das Sciencias, recebendo os dois exemplares da collecção de poemetos sobre a *Primavera*, que V. S.ª lhe offereceu, e ouvindo a obsequiosa carta que os acompanha, manda agradecer a V. S.ª a delicadeza do seu presente, acceito com toda a complacencia; e eu, communicando lhe os agradecimentos da Academia, tenho a juntar os meus louvores pela feliz applicação do seu engenho aos encantos da Poesia, e pelo honesto decóro com que sabe aformosear suas mimosas producções.

Deus guarde a V. S.ª—Secretaria da Academia, em 16 de Abril de 1823.

Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

RODRIGO FERREIRA DA COSTA.

III

A' mesma Academia

REMETTENDO-LHE AS *CARTAS DE ECCO E NARCISO*

(1826)

Animada pela bondade com que vós tendes acolhido as suas offertas, a minha Musa se atreve mais livremente a apresentar-vos hoje os seus ultimos trabalhos.

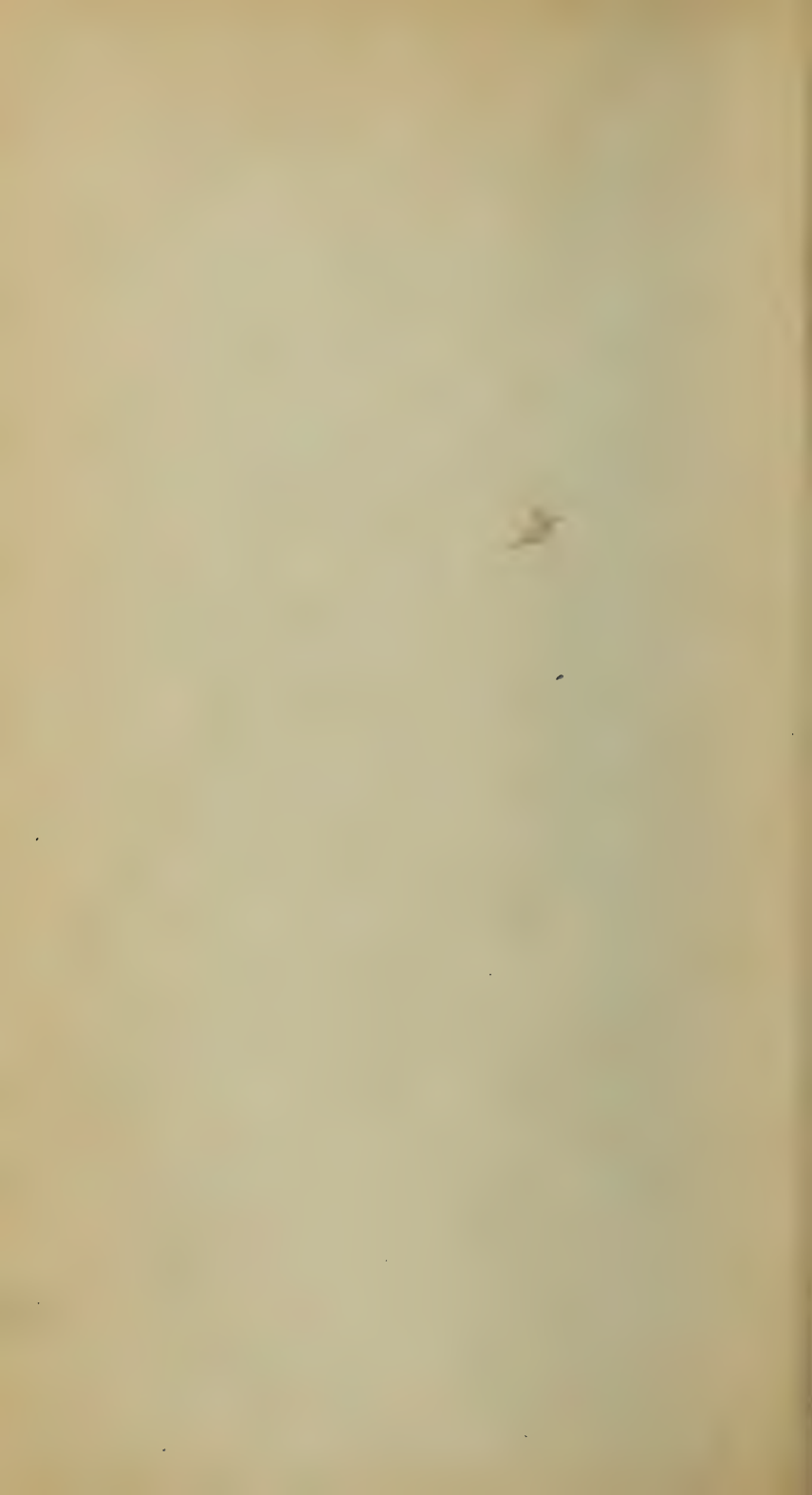
Vós acceitastes com complacencia o seu ramalhete de *Primavera*; agora é uma grinalda de murtas de Gnido, que ella vos apresenta. O Publico tem dado uma preferencia decidida a esta ultima.

As *Cartas de Ecco e Narciso*, composição de um genero seguramente novo em portuguez, tornaram se em pouco tempo um livro popular. O voto da minha Patria é sem duvida o mais lisonjeiro para mim; mas, para que elle se torne o maior premio a que eu possa aspirar, só lhe falta a vossa confirmação.

Tenho a honra de ser da Academia Imperial e Real das Sciencias de Lisboa

o mais respeitoso admirador

Lisboa, 6 de Abril
de 1826.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

IV

A' mesma Academia

AGRADECENDO-LHE A NOMEAÇÃO DE SEU SOCIO
POR DIPLOMA DE 5 DE MAIO DE 1826

Senhores:

Se um logar concedido entre vós é uma grande honra para os grandes homens, ¿ que expressão poderá jámais significar o que eu sinto, vendo-me pela vossa adopção recebido no vosso gremio?

Comparando o meu nome, que acabais de escrever na vossa lista, com todos os que o precedem, e com o do illustre Mathematico que o acompanha, experimento a admiração, o reconhecimento, o enthusiasmo. E' a este que pertence talvez justificar um dia a vossa escolha, porque o enthusiasmo, elevando a alma acima do seu horizonte ordinario, engrandece prodigiosamente a esphera das suas faculdades.

A gloria conseguida produz sempre a sêde de nova gloria, ardor para procural-a, e meios de a conseguir. Se não sou ainda o que deveria ser para me honrar com o titulo de vosso Consocio, é a vós, senhores, que

pertence tornar-me tal, que a vossa escolha não seja uma reprehensão para mim, e para vós uma injuria. Espero tudo do vosso exemplo, da communicação das vossas luzes, e d'essa atmosphera de inspiração, que envolve sempre a sociedade dos grandes homens, como a nuvem da immortalidade, na linguagem dos poetas, cérca o concilio dos deuses.

Vós arrancastes do seio da Natureza uma planta quasi estéril, ou que, pelo menos, ainda não tem dado senão flores; transportastel-a para o vosso terreno fecundo; a exposição, o ar, a luz, o calor, a cultura, tudo d'aqui por diante lhe vai ser favoravel; mudará de natureza; e, pois que a escolhestes, virá por fim a produzir frutos.

O fim da Academia Real das Sciencias de Lisboa, nomeando os seus membros, tem sido constantemente o augmento das Sciencias e da Litteratura; associar sabios e litteratos, eis o meio que ella tem empregado. Franqueando-me o seu recinto, poderia parecer ter mudado de systema; mas é um novo caminho que se abriu para chegar aos seus fins; é um convite para o trabalho, uma animação que ella dá, esperanças que faz nascer, e um premio que promette á mocidade estudiosa.

Só por este lado, senhores, a minha consciencia me obriga a encarar o honroso titulo de que me tornais possuidor, e de que eu me julgaria completamente digno, se o saber aprecial-o devidamente fosse merecel-o.

Amigo das Lettras, eu as cultivo, por sympathia e por gratidão, desde a minha infan-

cia. A Poesia tem sido sempre o objecto dos meus estudos e dos meus sonhos. As mãos das Musas teem fiado horas de oiro na minha existencia. Posto de alguma sorte fóra do Mundo pela Natureza, ellas me acolheram no seu Parnaso, me adormeceram com seus cantos para me fazer esquecer o que eu tinha perdido, e me acordaram na gruta dos encantos, onde a phantasia, com o seu facho na mão, representa em phantasmagoria um novo Universo, em que os desejos se tornam sonhos, e os sonhos realidades.

Ninguem tem, melhor do que eu, sentido a força e a verdade do elogio das Lettras feito por Cicero na defeza de Archías, e repetido depois pelos versos de M.r Delille. Mas d'aqui por diante, não é só a sympathia e a gratidão que me prende ás Lettras, porém um dever rigoroso de lhes fazer serviços, e de alcançar por ellas alguma celebridade. Este dever, senhores, é o titulo de Membro da vossa Academia quem m'o impõe. Trabalharei por desempenhal-o, continuando no caminho em que tenho começado, sentindo entretanto não me poder jamais tornar o vosso rival.

Vós tendes abraçado todos os ramos mais sublimes do saber humano: a Mathematica, a Philosophia, a Medicina, a Jurisprudencia, as Antiguidades, a Historia, e todas as partes da Philologia, são ideias associadas á ideia dos vossos nomes. Mas se Minerva é uma deusa, Pales e Flora, as Musas e os Prazeres teem tambem os seus altares; e é n'esses que eu sirvo.

Em quanto vós cultivardes a seára, eu tratarei com desvelos o jardim. Em quanto fizerdes á Humanidade os serviços mais importantes, eu entreterei o ocio do amigo dos campos com a pintura da sua felicidade, e invocarei algumas vezes a Musa da Tragedia para dar lições de virtude ao cidadão desoccupado.

¿Não é isto segundar de alguma sorte as vossas intenções, que se dirigem sempre ao interesse publico?

Se a Poesia não é tão util, como alguns enthusiastas o teem pretendido, tambem não é tão inutil e frivola como parece a muitos. Os vossos programmas annuaes provam que vós estais bem persuadidos d'isto.

Convencido d'esta verdade, não posso deixar de lamentar o mau estado, ou antes a nullidade, a que ella se acha reduzida em Portugal. A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, e ainda a Hespanha mesma, teem augmentado nos ultimos tempos, e augmentam ainda, o catalogo dos seus grandes Poetas; e a nossa Patria, entretanto, se contenta com ouvir os cantos estrangeiros, e raras vezes as grutas do Pindo se dignam de repetir sons portuguezes.

Não pretendo negar o merecimento a alguns dos nossos modernos Poetas, de quem juntaria aqui os nomes e os elogios, se elles carecessem do meu suffragio, se não temesse enojar-vos repetindo o que vós sabeis avaliar melhor do que eu, e se não fosse do gosto geral da nossa Litteratura de hoje que eu devo falar aqui.

¿E em que consiste pois este gosto? n'u-

ma escuridade affectada, n'uma exageração ridicula de pensamentos, n'um cuidado constante de evitar a expressão simples da Natureza, e em fazer ressuscitar todos os vocábulos mortos de decrepitude, sepultados ha seculos nos Elucidarios, e perdidos inteiramente da memoria dos vivos. O estudo da Natureza, tanto physica como moral, é despresado. Um periodo em versos duros, empolados, e enigmaticos, parece a alguns o maior triumpho que o Genio pode conseguir. Não ha —diz La Harpe— um meio mais facil para se poder prescindir de estylo e de espirito.

E' a este contagio terrivel que eu protesto diante de vós oppôr-me sempre. ¡Podesse eu fazer já d'elle o que os annos farão sem duvida!

As minhas vigilias serão todas consagradas ao serviço da Litteratura nacional; darlhe-hei pouco, mas este pouco será tudo que eu possa. E' uma promessa, a que não faltarei jamais. Faço-a solemnemente diante da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de quem sou, com a mais profunda consideração,

filho, alumno, admirador respeitoso

Coimbra, 14 de Maio
de 1826.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

V

BREVE NOTICIA LITTERARIA

ACERCA DO SNR.

JOÃO VICENTE PIMENTEL MALDONADO

(Abril de 1836)

Melindrosa coisa é o falar de um amigo. D'aqui, uma especie de modestia nos fecha os labios para os louvores; d'ali, nos adverte a consciencia, que bem pode ser que o affecto nos torça o juizo. Onde de justiceiros assentámos a espada, censuram-nos de desleaes; se nos pascemos em devidos louvores, já nol-os quebram com suspeição de affeiçoados.

Sobe porém de ponto a difficuldade, quando o de quem nos cabe escrever elogios os desama, e em mais não põe a sua felicidade, que em fugir das honras e do tumulto, e lograr, entre poucos livros e poucos amigos, um ocio estudioso e philosophico.

Tal é o Poeta, de cujos ineditos encetamos hoje, quasi a seu mau grado, a publicação. E, porque além das rasões já ponde-

radas, os seus escritos, sós, por si bastam para lhe pregoar e merito, n'esta Nota nos limitaremos a dar uma ideia succinta da sua vida, a quem quer que para o diante escreva a nossa Historia litteraria.

*

Nasceu o snr. João Vicente Pimentel Maldonado em Lisboa aos 22 de Janeiro de 1773, filho de uma muito antiga e esclarecida familia d'este Reino, na qual, aos outros meritos e circumstancias, de que no mundo se costuma derivar a Nobreza, accrescem, como realce e primor, a instrucção e talentos, melhor e mais acreditada fonte de gloria que todas as outras.

Com quanto, porém, podemos apontar escritores sabios de materias proveitosas n'esta ascendencia, taes como Luiz Serrão Pimentel, autor da *Arte da fortificação*, que seu filho Manuel Pimentel, bisavô materno do nosso Poeta, augmentou, pondo-lhe por titulo *Arte de navegar*, n'ella não se nos depara poeta, de que haja noticia; sendo assim, que esta divisa que no seu brasão faltava, estava o nosso illustre amigo destinado a suppril-a.

O engenho poetico do snr. Maldonado, não foi dos que, logo na primeira madrugada da vida desabrocham e florescem, e, pelo de mais, já antes que sua tarde chegue ao cabo, se murcham; se não que, porque era bem-fadado a chegar com seus frutos até nossos dias, lento se foi desenvolvendo; e se não deu mostras de si senão serodio,

pelo menos as deu então formosas e perfeitas.

Foram seus primeiros estudos no Real Convento de Mafra, onde então liam Humanidades professores insignes em lettras e virtudes.

Ao sahir d'esta primeira palestra victorioso, e já crescido em forças para mais agro commettimento, o mandaram seus paes para Coimbra a cursar a sciencia das Leis, nas quaes se formou, com boas informações de seus mestres, no anno de 1796.

Os seus primeiros versos trovou os, não lá nas tão poeticas margens do Mondego, se não cá, na terra do nascimento, e quando já, sem deterimento de mais graves estudos, pelos ter concluidos, podia dar largas a phantasias de mancebo. Eram então os vinte e tres de sua edade; já seria excusado o dizer quem fosse o que lhe recebeu as primicias de sua poesia; os primeiros versos, como os primeiros annos, são sempre religião do mesmo nume. Feliz de quem, até ao fim da vida póde, como o snr. Maldonado, conservar este duplice culto sem esfriar nos declivios do occaso, nem se perder pela aridez e baldio das coisas reaes.

A mulher a quem o Poeta consagrou seus preludios, não era d'essas que primeiro se chrismam em Filis ou Natercias para as ennobrecer com fôro no Parnaso, se não que, afamada por unica em todo o mundo, não só honrava a quem a celebrasse, mas até deixar de com ella subir ao cume da Poesia mais era que impossivel a todo o animo

bem nascido; e, por que nos não taxem de encarecidos, essa mulher, sem antecessora nem rival, foi a que abonou de criveis as fabulas de Orpheu e das Sereias; foi Catalani.

Se nas duas odes, que em 1802 e 1803 lhe dirigiu pela estampa, e com que tão felizmente abria a carreira, falava só o enthusiasmo do Poeta para com a Cantora, ou se por ventura (como alguns o creram), o prestigio de tamanha gloria havia chegado até o coração, alguns o duvidaram, mas não o duvidarão poetas.

Longo e inesperado silencio seguiu estes primeiros ensaios.

Em 1820 tornou a apresentar-se ao Publico, e d'esta vez com mais copiosa colheita. N'esse anno, além de um tomo de *Apólogos*, cheios de novidade, philosophia, e rima numerosa, imprimiu algumas *Odes* liberaes mui presadas, no *Portuguez Constitucional* redigido pelo seu amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

Nova pausa até 1826, no qual anno sahiram duas *Odes* suas ao senhor D. Pedro, onde o patriotismo se expressa completo e soberbo no idioma das Musas.

Além d'estas mencionadas e conhecidas composições, muitas outras ha, pela maior parte eróticas, das quaes, pois que temos a fortuna de as possuir, iremos entresachando algumas por entre as materias mais graves e sêccas d'este jornal.

Uma circumstancia, que certo não é para ommittir n'este logar, é que todas estas muitas poesias, as quaes em geral são anacreon-

ticas, as compoz elle, não em dias de bonançosa felicidade, mas nos lances mais apertados (e terribilissimos) da sua vida. Semelhante áquellas aves, a quem mãos desabridas roubam a liberdade, e as cegam para que por noite cantem seus amores saudosos e infortunios, foram os carceres e o desterro os que mais lhe acudiram com auras de inspiração.

Onze annos e meio o lograram as Musas constante e assiduo, que tanto foi o que elle pela Liberdade amargou, ou de ferros a dentro captivo, ou em extranha terra exilado; do qual tempo os seis primeiros annos se lhe foram pelas masmorras da Inquisição, cadeias Reaes, castellos, e a final degredo na Ilha Terceira; perseguição da qual, por bem conhecida, não falaremos; ficou para capitulo da Historia; pozeram-lhe nome *setembrisada*.

Os restantes annos de penas e poesia, deu-lh'os D. Miguel entre as muralhas do Limoeiro, d'onde só sahiu na hora da redempção de Lisboa.

Afóra estes meritos forçados de martyrio, tem tambem a sua vida (o que nem sempre com poetas acontece) uma pagina de serviços á Republica; sendo assim, que, em todos os cargos e empregos que teve, se houve sempre como homem de prestimo e vontade. Foi Provedor dos residuos e captivos desde 1801 até 1803, Deputado ás Côrtes constituintes, Presidente do Tribunal da liberdade de Imprensa, e é hoje Archivista da Camara dos Deputados.

Este homem, reliquia brilhante da escola

e sociedade de Bocage, antigo amigo de tantos poetas de esperanças, de que tão poucos amadureceram, e ainda menos chegaram á nossa edade, vive hoje, no meio d'este seculo em prosa, encerrado em si, ruminando o preterito, despresando o porvir, e logrando do presente o que póde, no estudo da philosophia, e no trato familiar de poucos e escolhidos amigos.

Poisa, emfim, descançado e feliz; mas a sua felicidade custa ás graças e á ternura um cantor bem suave.

(Jornal da Sociedade dos Am. das Lettras).

VI

OBRAS POETICAS

DE

FRANCISCO EVARISTO LEONI

(Julho de 1836)

Esta collecção poetica de mais de 200 paginas em 12.°, e mui nitidamente estampada, tem de ser bem acceita aos poucos amigos das Lettras portuguezas, que já com razão desconfiavam que nunca mais em vida sua sahiria a publico um tomo de versos.

N'este porém accresce ao valor da raridade, e ainda ao preço de um grande numero das *Odes* e mais poemas que encerra, uma circumstancia, que no animo de quem a bem pesar muito lhe realça o verdadeiro merito; e vem a ser: que de annos verdissimos, e não no remanso de um aposento fechado, se não entre os passatempos e delicias do mundo, nasceram todas estas flores poeticas; sendo que o autor outra coisa não fez, do que apanhal-as taes como lhe vinham brotando, e de todas tecer um ramalhete,

em que não curou de artificio, como aquelle que o não offerecia senão á Musa folgasan e namorada de Anacreonte e Parny.

Ainda que de muito, e quasi desde os dias da infancia, o snr. Leoni tenha sido um de meus constantes amigos, não valerá tal consideração para que eu diga não haver defeito nas suas poesias. A linguagem podera ser mais aprimorada, e muitas vezes o estylo mais contrahido e reforçado; mas um e outro desar se converte em louvor, quando bem se adverte que ambos nascem da abundancia da veia poetica, e provam facilidade no escrever, o que, d'entre os louvores que a poetas se podem dar, certo não é o menos raro.

(*Jorn. da Soc. dos Am. das Lettras*).

VII

PROPOSTA

APRESENTADA
Á SOCIEDADE DOS AMIGOS DAS LETTRAS EM LISBOA
NA SUA CONFERENCIA PUBLICA DE 6 DE AGOSTO DE 1836

Das honras solemnes que se hão-de tributàr a LUIZ DE CAMÕES

Meus senhores:

Aos... de Julho do presente anno propuz n'esta Sociedade dos Amigos das Lettras um acto digno d'ella e da Nação portugueza; uma desafronta publica, uma quasi litação religiosa a um Morto de tres seculos, tão mesquinho e desvalido nos dias da sua existencia, quão grande e celebrado hoje pelo mundo todo.

Propuz se trasladassem os ossos, ou ultimo pó, de LUIZ DE CAMÕES, da sepultura onde sem honra jazem, para um mausoleo digno, em terra sagrada e publica.

Com tão unisona acclamação vi, não só approvado, mas agasalhado e bafejado por todos os Amigos das Lettras, aquelle meu

pensamento de bom Portuguez, que, se jamais em mim coube um abalo de ufania intima (confessal-o-hei), intimo e suavissimo o senti eu n'essa hora.

Cumpria, porém, por que o bom proposito se viesse a converter em obra, traçar primeiro o desenho de tamanha solemnidade por modo tão concertado, que a pobreza dos tempos não empecesse á magnificencia da empreza, nem, por se querer e se demandar o muito que a tão grande Nome é devido, se accrescentasse ás antigas vergonhas a nova injuria de nem o pouco se conseguir.

Obra era esta para melhor engenho do que o meu; e nem falleciam elles em boa copia n'esta Sociedade. Como, porém, me fosse commettida, quasi premio de minha provada boa vontade, forçado me foi submetter os hombros á pesada honra.

Tomado o encargo, profundada a materia, e discutidas as difficuldades, tanto me não pareceram ellas insuperaveis, que, exforçado com o bom successo da minha primeira ideia, trago hoje aos debates e juizo da Sociedade alguma coisa mais do que se me havia ordenado; e fio que, porque as novas ideias que ora vão ser lidas nascem todas do amor da Patria e das Artes, serão plenamente approvadas; e a Sociedade dos Amigos das Lettras não cederá a outrem a gloria de por ellas pugnar, até que as haja cedo posto por obra.

Mas sendo que não só é possivel, senão tambem provavel, que já a alguns, fóra (e até dentro) d'este gremio, hajam meus intentos de parecer exagerados, e superiores ás

forças e desejos d'esta edade, entendi que importava dividir, como agora dividirei, o todo da Proposta em tantos capitulos, quantos forem os ramos que n'ella se possam estremar; para que, se parecer que algum, por espinhoso, tardio, ou incapaz de frutificar, deve ser decepado, fiquem os outros illesos, e n'esses se concentrem todos os desvelos de tão curiosos cultores.

Tratarei portanto: primeiro, da fundação de um Elysio para os nossos varões e donas memoraveis, tanto preteritos, como presentes e futuros; logo, da trasladação das reliquias mortaes do Poeta portuguez; ultimamente, da fundação da sua Estátua.

CAPITULO I

De um Campo Elysio

....

Um Pantheon, qual para seus grandes homens já a França em outro tempo decretou se levantasse, empreza é, que, sobre exceder o exhausto de nossas forças, pede prasos e dilações, de que é rasão haver sempre medo; e conformaria pouco, ou nada, com a indole e institutos da presente edade.

Pois que já, e com prudentissimo aviso, se assentou desassombrar as casas da oração da importuna, perigosa, e disparatada assistencia dos que já não podem orar, grande fôra a contradicção de quem tornasse a facultar caminho de volta ao afugentado abuso, o qual, por sua posse de tão largos seculos, ainda não poude descahir das affei-

ções da gente indouta. Sendo de todos sabido de quão pequenos começos nasceu, e se engrossou logo, o costume de sepultar nos templos, leve fica de prophetisar quão depressa ressuscitaria o mesmo costume, quando, em vez de santidade, fossem lettras e estudo os passaportes para taes enterramentos.

Outra razão accresce, e nasce ella de um sentimento e reflexão muito obvia: posto que o homem cresça na imaginação de seus semelhantes, á hora em que dos olhos e bocca despede a luz e sôpro da vida; posto que o novo ar, que então lhe dá dos montes da Eternidade, pareça dissipar n'elle toda a baixeza terrestre; posto que emfim cada anno que se devolve por sobre as cinzas de um sabio ou de um poeta, em vez de lhe desbotar as obras lhes dá maior lustre e viveza, que das obras passa e se communica á fama e á propria imagem phantastica do sujeito; nunca todavia se torna este divindade nem semi-deus, para que as honras dos templos lhe sejam devidas; e ainda o animo creado com a Poesia e não poucas das superstições romanas, por algum modo creria n'estes manes e semi-deuses, se os não visse com os olhos corporaes occupar no templo, não as aras, sim os sepulcros.

As grandezas de Deus e de sua côrte tanto enchem e assoberbam todo aquelle espaço, que ahi o homem, vivo ou morto, menos póde representar glorias, do que dissipar-se e sumir-se.

Um Pantheon para os talentos é por tanto, se bem deitamos as contas, lembrança ainda mais absurda, que a dos primeiros

christãos sepultarem na egreja os Fieis, só porque o eram, ou se presumiam taes.

Agora, emfim, sou chegado ao âmago do meu proprio assumpto, que é a fundação de um, não faustoso mas decente, Campo Elysio, no cemiterio d'esta cidade, que mais accommodado pareça ao effeito. A nós toca sermos n'esta diligencia os procuradores; ao Governo o realisal-a; para o que, nem póde ser que lhe falleçam as boas vontades, suas ou alheias. que são os ventos que melhor levam ao porto qualquer empreza; nem os meios, porque de nenhuns (ou só de tenuissimos) gastos publicos pende o começo, e talvez ainda a continuação e remate da obra.

Signalado espaço conveniente em chão já consagrado a sepulturas, espaço que, segundo os tempos vão dando mostras de si, não ha de mister cançar os medidores; povoado das arvores que melhor respondem aos pensamentos de gloria e saudade; e circumvallado como quer que seja em quanto a fortuna para mais não der licença, cuidar-se-ha em para ahi ir transportando quantos por sciencia, lettras, e artes, de si fôrem deixando boa memoria, e trasladando os ossos dos que honrados falleceram antes d'este tempo.

Detenhâmo nos por um pouco n'este ponto, d'onde se descortina paragem que assim é deleitosa.

¿Para quem não será encantamento ir ali encurtar horas e dias, á sombra d'aquelles fresquissimos e calados arvoredos, já copados de flores entre sepulturas na nova primavera, já alastrando-lhes por cima suas fartas sombras no estio; ora sentado nos de-

graus de um mausoleo, reler algumas paginas eloquentes á cabeceira de quem as escreveu; já peregrinar descuidadamente de sepulcro em sepulcro, folheando o livro do proprio coração? Ali, debaixo d'aquella abobada, não escura, nem lavrada pela mão pequena do homem, mas infinita e luminosa, ali, não afastada a Natureza com muros e portões, mas convidada, e revestida com todas suas galas de côres, aromas, virações, e estrellas, ¡ que effeito não tem de produzir na imaginação menos poetica o concilio de tantos Portuguezes veneraveis, que, depois de terem, por diversas vias, arrancado á morte a melhor metade do seu despojo, vieram de seus differentes seculos congregar-se n'este mesmo recanto, como soldados, que, apoz a peleja, onde muitos de seus companheiros morreram para sempre, ao toque da trombeta se recolhem gloriosos no socego de suas trincheiras!

Cada um d'estes pelejadores no campo do espirito, deitado entre seus talvez desconhecidos camaradas, parece ora estar contando suas proprias fadigas e victorias, ora dar ouvido a eguaes narrativas dos que ao lado lhe poisam. De cada um se reflecte por todos uma especie de luz mystica; e, como que dando todos alguma coisa, nenhum deixa, n'este commercio, de se melhorar em lustre e veneração.

Depois, ¡ que perfeita harmonia entre a terra calada, e os filhos da meditação! ¡ entre a Natureza viçosamente florída, e os homens da imaginação fecunda!

. . . . quam sedem somnia vulgo
Vana tenere ferunt, foliisque sub omnibus hærent.

Todos sabem como a solidão e os campos foram sempre amores de philosophos e poetas. Platão e Orpheu não derramavam senão entre arvores as maravilhas de seus engenhos.

¿Onde vistes jamais cantor, que para si anhelasse a pyramides, ou mausoleos em jazigo de pórphido? Um torrão desafrontado lhe basta para o somno ultimo; um céspede com boninas por coberta; por docél um salgueiro; e não longe o murmurio de aguas, folhas, e abelhas.

Virgilio, que tão docemente suspirou viver nos campos,

Flumina amem sylvasque inglorius. O ubi campi,
Sperchiusque et virginibus bacchata Lacœnis
Taygete! oh quis me gelidis in vallibus Hœmi
Sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!

esse mesmo Virgilio, ¡quão regaladamente se não deve jazer na terra amorosa da sua Parthénope, á sombra do seu loireiro avergado de seculos! ¡Quão mais feliz ahi, que os vingados manes de Voltaire sob os marmores de um santuario glorioso! O mesmo Virgilio, cantando os Elysios, havia já dito que a bemaventurança dos finados se compunha dos simulacros de seus passados gostos.

Cura eadem sequitur tellure repostos.

Vaines ombres, qu'amuse une ombre de la vie.

Pelo que, repetil-o-hei, o depositarmos taes homens no seio ameno da Natureza é recom-

pensal-os a seu grado, e verdadeiramente bemaventural os com um Elysio terrestre.

¿Quem ousará negar a Luiz de Camões os fóros para primeiro entre os primeiros de tal companhia? ¿Onde ha ahi Portuguez, que tanto servisse e amasse a sua Patria, e tão conhecido se fizesse

pelo pregão do ninho seu paterno?

A este, pois, de juro pertence ser do Elysio portuguez o primeiro morador, hospedeiro generoso de todos os outros Portuguezes em terra de honra, e d'esta o fundador verdadeiro.

Das circumstancias da sua trasladação, e maneira do mausoleo, falarei no seguinte capitulo; e cerrarei este, lembrando quanto coisa tão singela e facil, como este Elysio, é não só formosa e nobre, mas por muitos modos util; já porque um semelhante premio esperado poderá expertar engenhos curiosos para o merecer; já porque aos olhos do mundo desfaremos o vergão que nos teem cravado nossas ingratidões e desleixadas indifferenças; já porque a vista e conversação de tão aprasivel retiro será mais um logar de favorecida inspiração em paiz e debaixo de ceo, que tanto exhalam poesia; e já, emfim, por então havermos com que acenar a estrangeiros desdenhosos, que, por nos terem em conta de barbaros, raro aportam em nossas praias, e, quando d'ellas se ausentam, nos vão pôr por de todo barbaros e selvagens.

CAPITULO II

Da trasladação de Luiz de Camões

Tomadas, como me incumbia, informações do verdadeiro logar da sepultura do Poeta, dando as Vidas que d'elle andam escritas mui fraca luz para coisa de tamanha aventura, e em que tanto se requer certeza e provas irrefragaveis, ouvida a tradição, que, não menos que os escritores, affirmava terem os tempos trazido comsigo mudanças e desconcertos, até nas pedras e leitos dos mortos, acudiu-se ás Religiosas possuidoras de tão despresada reliquia, para ver se d'ellas, ou por ellas, se conseguiria o que por outro modo já parecia impossivel.

Ou porque o saberem que de seus muros a dentro se encerrava lhes bastasse, e de feito deixassem perecer noticias mais precisas, ou porque receassem perder um thesoiro, de que já pela larga posse se julgavam donas, não deram solução ás duvidas, antes as aggravaram com mais, talvez, do que ellas proprias tinham.

Renovaram-se instancias, juntaram-se persuasões. Muito póde a má estrella que nos inveja felicidades, até depois de morte de seculos; nada as demoveu de sua verdadeira, ou fingida, ignorancia, sendo sua unica resposta, que sim, era fama entre ellas possuirem os despojos terrenos de Camões; que porém do sitio se não fazia memoria, nem havia lettra que abonasse o mais leve indicio; que vagamente suspeitavam algumas, porém para a suspeita não indicavam autoridade nem argumento, jazer o thesoiro subterrado,

e já provavelmente consumido do tempo, por debaixo de uma escada, sem inscripção nem loisa, nem outra alguma denuncia de sepulcro; do que, estavam prestes para dar declaração por escrito, se lh'a requeressem.

Descupavel, e até piedosa, é a malicia de quem sonega joias de tal natureza; mas, desculpando-a e louvando-a (se n'ellas a ha, como cuido), importa comtudo não fiar em palavras de interessado, e pôr toda a diligencia em sacar á luz a verdade.

Toca portanto aos Amigos das Lettras impetrar para logo da autoridade competente licença para mandar por alguns de seus consocios, acompanhados de praticos e entendidos em architectura, proceder á mais prolixa e escrupulosa investigação, dando principio a ella por descobrir e palpar todo o pavimento do côro de baixo, para onde, na era de 1595, e quando ainda, por não existir então o dito côro, era tudo corpo da egreja, foi o cadaver trasladado, e sobre elle posta uma pedra, que dizia:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE DOS POETAS DO SEU TEMPO.
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE
E ASSI MORREO
ANNO DE 1579
ESTA CAMPA LHE MANDOU AQUI PÔR D. GONÇALO COUTINHO, NA QUAL SE NÃO ENTERRARÁ PESSOA ALGUMA.

. . . .

N. DO EDITOR. — A cerrada argumentação de Castilho ácerca da campa de Camões, transferencia d'ella, sua ruina em 1755, etc. consta minuciosamete dos respectivos capitulos das *Memorias de Castilho*; a elles remettemos os leitores. Os documentos annexos a este escrito esclarecerão tambem a materia.

CAPITULO III

Ceremonias publicas no desenterramento dos ossos de Luiz de Camões, e sua trasladação para o cemiterio de honra

Achados os ossos, como me praz acreditar que sem falta o serão, segue-se que a pompa do dia do seu desenterramento e nova aposentadoria seja digna de Camões, de nós, e dos ouvidos do mundo.

A outro deixo o encargo, com que me não atrevo, de conceber no animo, e abranger com escritura, a somma e serie de tantas coisas, quaes nunca entre nós se devem ter visto juntas. Contento-me com indicar as principaes.

Comecemos pelo que é em todas as coisas mundanas indispensavel principio: o oiro; porque, dado que um grande numero das partes para tal ceremonia requeridas serão espontanea e gratuitamente dadas, assaz restará comtudo em que se dispenda. Enêas não chegou aos Elysios sem primeiro haver colhido o ramo do precioso metal.

Sendo notorio que o publico Thesoiro não pode, nem deve, dissipar com os finados o que para os vivos mal chega, podendo aliás contribuir muito o Governo com sua autoridade e influencia, á honra do Publico pertence concorrer largamente com todo o necessario para tal fim. Para isto me parece dever-se sollicitar desde já uma subscripção, unicamente de Nacionaes, convidando para espertadores d'ella todos os cabeças e centros de Repartições numerosas e influentes,

taes como Governadores Civís, Militares, e Ecclesiasticos, Presidentes de Tribunaes, de Camaras Legislativas, de Municipios, de Academias e Sociedades, etc.

De crer é que raras pessoas se eximam d'este suffragio nacional, ou escaceiem o obolo, com que o Morto haja de pagar sua passagem do Lethes para os campos do descanço, da luz, e do premio. E pois que, desde o Throno até o ultimo casal, não ha quem não saiba o nome, e se não lastime dos fados de Camões, por sem duvida tenho que, desde Sua Majestade até o ultimo lavrador, não haverá quem não lance o seu seitil aos novos Amigos, por quem segunda vez se pede esmola para Camões; e não já para lhe grangearem, como o fiel Jau, uma fatia de pão, com que mantenha aquella vida tão votada á Patria, pannos grosseiros com que tape a desnudez do corpo quebrantado de guerras e desterros, leito onde adormeça suas magoas, ou papel onde escreva as nossas glorias; é um tumulo que lhe queremos dar; é um asylo poetico, depois da morte, áquelle que nunca teve onde descançar a cabeça; é um torrão de benção e amor ao que amou e abençoou sempre aos seus ingratos conterraneos; é um poucochinho de gloria no canto de um cemiterio, para quem nol-a deu por todo o mundo e para todos os tempos.

Em um registo solemne serão lançados os nomes dos concorrentes, com a declaração das quantias; e este registo será impresso com a historia da trasladação.

Determinado para ella o dia, convidar-se-

hão Suas Majestades e Altezas, Sua Eminencia, os membros do Governo, do Conselho de Estado, das duas Camaras, de todos os Tribunaes, de todas as Academias e Sociedades, pedindo e recommendando ao mesmo tempo áquelles de quem dependem o Clero e Exercito, que em nome da gloria nacional os convidem tambem para se acharem presentes onde e como convem a tal acto.

Proclamada com salva de artilharia em todas as fortalezas e navios do Reino a alvorada do dia, enfileiradas em armas todas as tropas de Lisboa, desde Sant'Anna até o determinado cemiterio, serão, com as devidas ceremonias da Egreja, e ao som de segunda salva no castello, tirados da terra, por mão do principal Prelado d'esta Côrte, os ossos, ou pó, de Luiz de Camões, e encerrados em urna posta em féretro magnifico, no qual virão, trazidos por pessoas todas muito principaes em representação ou lettras, com seguimento dos Sacerdotes, Grandes, e Sociedades, todos de luto, ao som de todas as musicas militares, até á egreja do extincto convento de S. Domingos.

Ahi se celebrará a grandiosa Missa funebre, que o snr. Bomtempo compôz, e dedicou á memoria do Poeta, havendo no meio d'ella um discurso christão recitado por orador digno de tamanha honra.

Concluïdo o officio, tornará a pôr se a procissão em caminho para o logar do seu ultimo destino, que, pelas razões que atraz apontámos, melhor convirá seja porção em

cemiterio já de antemão talhada para Campo Elysio.

Sedibus ut saltem placidis in morte quiescam.

Em cova espaçosa, e anteriormente aberta, lançarão á porfia tanta cama de flores como a estação o permittir, todas as senhoras, que desejarem dar um testemunho do mais puro e innocente amor ao amante mais terno de quantos jámais poetaram pelas ribeiras do Tejo.

Reclinados assim mollemente, ao som da ultima despedida da artilharia, os restos do amigo e afamador das Tágides, e lançada por uma a terra, exemplo grande seria a futuros escriptores, se a propria Mão que sustenta o Sceptro plantasse á cabeceira do obscuro soldado de seus Avós o lettreiro votivo da Patria agradecida. Grande fôra o assumpto para os poetas, que, sem falta alguma, hão de, n'esse momento e sitio, empenhar todo o seu engenho para dar um melodioso e extremo *Vale* a seu antigo Mestre.

Digno remate seria para uma solemnidade, onde amplamente se estampou cunho de Religião, de gratidão, de patriotismo, cerral-a com um acto de pura beneficencia. Pelo que, proponho que, se tanto permittir o donativo, se acabe o dia com uma decente esmola a cincoenta e cinco soldados pobrissimos, em attenção aos cincoenta e cinco annos que viveu o desamparado guerreiro que vingamos.

Para que os annos não venham para o diante a pôr outra vez questão vergonhosa acêrca do jazigo de Camões, depois de se

ter gravado nova lapide no sepulcro d'onde sahiu, erigir-se-lhe-ha sobre o ultimo jazigo um formoso e levantado mausoleo, com o competente epitaphio, no qual se poderiam ler duas linhas do mesmo poeta:

> VEM DO NAUFRAGIO TRISTE E MISERANDO
> DOS PROCELLOSOS BAIXOS ESCAPADO.

Portuguez interesse é tudo isto, e tão natural, tão manifesto e incontrastavel, que já talvez seja o unico em nossa vida, em que toda a Familia portugueza conflua unanime, e de mãos dadas. E' esse um dia, que vamos arrancar aos odios e disputas interminaveis, para o darmos sólido a um emprego pacifico, moral, religioso, e poetico.

Assim era, que os heroes homéricos de ambos os arraiaes se pediam e davam tréguas para os funeraes de seus mortos.

CAPITULO IV

Da estatua de Luiz de Camões

Deixou-me o precedente capitulo absolvido do encargo que a Sociedade me havia imposto. Devêra não porfiar em lhe tomar o tempo. Obedeceria ao dever, se outro, que se me representa maior, me não mandasse ir ainda por diante; e é elle nascido da obrigação em que como membro d'esta Sociedade me julgo, de lhe apontar novo acto, com que mais se illustre. Isso farei; mas tão de corrida, quanto vejo que o devem estar pedindo os limites da vossa paciencia.

Um funeral e um mausoleo não pódem (ou o coração me engana grandemente) consumir tudo quanto a liberalidade portugueza tem de trazer ao grande Homem.

Avultadissimos devem ser os remanescentes; e taes, que sem medo affrontem a fundação de uma estatua; com a qual nós e a Patria firmaremos o ultimo sello na nossa obra.

Se é licito colher vaidade de bons desejos, releve-se-me dizel-o: muito ha que ella existiria, se eu tivesse achado em outros entendimento sequer para comprehender tal petição.

Mais de anno ha, que o desenho foi feito a rogos meus, pelo nosso consocio o snr. Francisco de Assis Rodrigues, e por mim apresentado á Camara Municipal de Lisboa, como áquella que eu entendia dever principalmente interessar-se na obra.

Corria o tempo; não se dava solução ao negocio; appareci de novo; lembrei; insisti, quasi como se de interesse meu se tratasse, e não do publico, tantas eram as delongas, rodeios e excusas. A final me chegaram a desenganar de que por ali se não faria coisa alguma, sendo aliás certo e provado, que em obras de nenhum proveito nem gosto gastava e gasta a mesma Camara muito mais, do que para esta se havia de mistér.

Pedi a restituição do desenho; e piedade seria deixar por mais tempo o bom do Camões entre gentes, quando menos, suas desconhecidas.

Lembrou-me requerer ao Governo, que

mandasse executar a estatua pela mão que a riscára, e na propria officina da Aula-Nacional de Esculptura; mas era por esse tempo Ministro do Reino aquelle por cuja causa, e a cujo despeito, nasceu e se formou uma Sociedade, antes Confederação, de amigos das lettras. ¿Que podia Camões esperar de quem, vendo que vinham a amanhecer as sciencias em Portugal, fizera com uma só palavra as trevas, como Deus tinha feito a luz?

Por então me recolhi com minha ideia, e fiquei aguardando por melhor ensejo, o qual emfim se me apresenta agora, e com tão boa estreia, como o são, meus senhores, as vossas luzes e desejos, e o logar altissimo, em que algumas pessoas d'esta Sociedade se acham subidas.

Egualmente vos trago, portanto, o mesmo até agora tão malfadado desenho e projecto, para que o hajais na devida consideração.

N'uma coisa insistirei eu aqui; e é: que se a fortuna fôr tão mesquinha, que o suspirado sepulcro se não possa por modo algum desencantar, nos vinguemos d'ella, com fazer que saia a Estatua por tal maneira grandiosa e soberba, que a nenhuma outra tenha inveja.

Sobeja prova de que não faltam bom entendimento e mãos para a conceber e lavrar, ahi está já patente a todos os olhos no busto do Poeta, coroado com um ramo do proprio loiro do artista; busto em cuja base, segundo já com razão se disse, podia o snr Rodrigues gravar o seu nome de autor, e

se para a eternidade trabalhava, quebrar o cinzel.

Em pedestal altissimo, visinho e sobranceiro ao Tejo, deve este futuro colosso ufanar a praça e caes de Belem, d'onde partiu a armada dos verdadeiros Lusiadas, e d'onde provavelmente desferiu vela o que tão altamente os cantou.

É a barra do Tejo a porta d'este Reino mais sabida e frequentada de estrangeiros. Junto d'ella, pois, alcemos este pregoeiro de nossa tardia e inesperada justiça.

Quando navios peregrinos remontarem a corrente para saudarem este Paiz, onde a Natureza é poeta, e os homens o serão quando elles mesmos se favorecerem, seja Camões o primeiro objecto que lhes attráia os olhos, e lhes diga: «Aqui floresceu já um Povo grande, que algum dia reflorirá.» Seja como o brasão de Armas da Familia, posto para veneração na frontaria do domicilio.

VIII

Documentos elucidativos e comprovativos da antecedente Proposta

1

Requerimento á Rainha

Senhora.

A Sociedade dos Amigos das Lettras, tendo muito a peito tributar ás venerandas cinzas de CAMÕES os unicos testemunhos de consideração e respeito, que em seus meios cabem, tem projectado elevar-lhe um monumento decente, e em logar a isso accommodado, em um dos cemiterios publicos da Capital; mas como isto se não possa levar a effeito sem primeiro se saber, com toda a certeza, onde param os restos mortaes do Autor dos *Lusiadas*, e constando que estes restos existem na egreja, hoje côro de baixo, do convento de Sant'Anna, não pode a Sociedade proceder ás precisas indagações, sem que para isso seja autorisada por Vossa Majestade;

Pede a Vossa Majestade Haja por bem

Mandar, que, pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça, se passem as ordens precisas, a fim de que a Commissão da Sociedade dos Amigos das Lettras, encarregada d'esta importante indagação, não seja estorvada, antes auxiliada no emprego dos meios que julgar conducentes a tão importante fim.

E. R. M.

Sala das Sessões da Sociedade dos Amigos das Lettras.. de Agosto de 1836.

Gonçalo José Vaz de Carvalho
Presidente

Dr. José Feliciano de Castilho
Secretario

II

Officio do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça a Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa

Negocios Ecclesiasticos

Em.^mo^ e Rev.^mo^ Senhor

Sua Majestade A Rainha Manda remetter a V. Em.ª o incluso requerimento em que a Sociedade dos Amigos das Lettras pede se lhe não ponha embaraço algum na indagação, que se propõe fazer, dos restos mortaes de Camões, a fim de que, sendo depois

decentemente conduzidos a um dos cemiterios d'esta Capital, ali lhe possam elevar o monumento que teem projectado; e A Mesma Augusta Senhora Deseja que V. Em.ª, não só não ponha estorvo algum á pretenção da dita Sociedade, mas antes a auxilie no emprego dos meios que julgar conducentes a este objecto.

Deus Guarde a V. Em.ª — Secretaria de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça em 26 de Agosto de 1836.

Em.ᵐᵒ e Rev.ᵐᵒ Senhor Cardeal Patriarcha

Joaquim Antonio de Aguiar

III

Licença de Sua Eminencia

Damos licença, para que a Sociedade dos Amigos das Lettras, ou a sua Commissão, possa entrar no côro-de-baixo das Religiosas do Convento de Sant'Anna d'esta Capital, com os Officiaes necessarios, para ahi procederem á louvavel indagação de uma sepultura, que se suppõe existir no pavimento do mesmo côro, e extrahirem d'ella os restos mortaes, que se acharem ser do celebre Portuguez LUIZ DE CAMÕES, e serem trasladados a um publico e honroso tumulo. A Rev.ᵈᵃ Madre Abbadessa não lhes duvide dar entrada, nem ponha embaraços ou estorvos á sobredita indagação, até se conseguir e ultimar o seu fim; ficando na certeza de que qualquer

desmancho, ou prejuizo, que se lhe faça, será immediatamente reparado, restituido tudo ao seu estado antecedente e á mesma decencia; sem que resulte á sua exemplar Communidade o mais leve incommodo.

S. Vicente, 29 de Agosto de 1836.

P. Patriarcha

IV

Apontamentos de Castilho sobre as buscas

No dia 7 de Setembro de 1836 pelas 10 horas e 10 minutos da manhan, a Commissão da Sociedade, que se compunha dos snrs. Castilho (Antonio), Assis, Feijó, e os Socios Castilho (Augusto), Assentiz, Gonçalo Vaz, procederam ás investigações.

Entregou-se a ordem á snr.ª Abbadessa, e começou-se pela egreja.

Arredado o estrado do altar de S. Francisco, o primeiro do lado esquerdo, achou-se proximo ao frontal do dito altar a entrada de um carneiro, pertencente a *Francisco de Abreu*, Fidalgo d'el Rei Nosso Senhor, que o mandou fazer para si e seus herdeiros em Dezembro de 1643, segundo se colhe da inscripção gravada em pedra a um lado do mesmo altar.

Mais a um lado achou-se uma campa de D. Lucia, etc.

Nada mais se achando debaixo do estrado, nem havendo outra alguma sepultura do lado esquerdo da egreja, pois que o corpo d'ella

é todo ladrilhado de xadrez de lagedo de Hollanda, passou se a descobrir uma grande loisa, cuja extremidade ressahia tres palmos por baixo da balaustrada que guarnecia uma especie de antecôro. E porque a dita loisa estava no resto coberta com o estrado do mesmo antecôro, foi necessario arrancar as taboas; feito o que, se achou ser a pedra de qualidade lioz, com quasi doze palmos de comprido, e seis fartos de largo, sem lettreiro ou ornatos alguns, perfeitamente liza. Faltando porém instrumentos para a levantar, passámos ao côro de baixo.

Ali reconhecemos o logar, onde outr'ora foi a porta principal da egreja, hoje occupado pelo altar do Senhor Jesus Crucificado, no topo posterior, em frente do altar mór; e n'este conhecimento, além das informações positivas das Religiosas, fomos de mais a mais confirmados por nòssa inspecção ocular, sendo, como é, visivel a cimalha de pedra da mesma porta, que se conhece entaipada mais modernamente; achando se n'este sitio uma Cruz de pedra da parte da rua, que é a 1.ª estação de uma via-sacra.

Perguntadas as Religiosas por onde deviamos começar as nossas pesquizas, allegaram perfeita ignorancia.

Nenhuma tradição se conservava no convento, ainda mesmo entre as mais antigas moradoras. Houve entretanto alguma, que nos indicou com preferencia o lado esquerdo da porta, o que conformava com o logar primeiro da sepultura, segundo referem todos os biographos de Camões.

Tratou se, em consequencia, de procurar

n'aquelle logar, preferindo-se começar pelo canto, onde se acha a escada que sobe para o côro de cima.

Arrancados os degraus, começava se a tirar o entulho que occupava todo aquelle vão; suspendeu-se ainda, por falta de cestos, e por ser tarde; era meia hora da tarde.

Voltou se ás 2 e meia, por se querer dar algum repoiso ás Religiosas, que estavam proximas a fazer o seu côro.

Foi se levantar a lage grande; e, não bastando a tarde para se ultimar o trabalho, e achando se já espectadores reunidos, pozemos lhe o sello da Sociedade, e sahimos ao escurecer.

Dia 9

Não se continuaram os trabalhos no dia 8 por ser santificado.

Reunidos pelas 10 horas da manhan, e fechadas as portas, continuou-se com o trabalho na campa que se levantou.

Cobria um subterraneo com lastro de ladrilho; a sua profundidade de 8 palmos e 5 polegadas; comprimento 9 palmos e 6 polegadas; largura 4 palmos e 7 polegadas. Descia-se por uma escada de tres degraus, em frente para o altar mór. Dentro, terra, e ossos de mais de uma pessoa. Juntaram se todos, e deixámol-os dentro. Fechámos novamente a campa, e demos por acabada a diligencia. Eram 12 horas da manhan.

Voltámos de tarde, e entrámos no côro de baixo.

Começámos por passar em revista os azulejos da esquerda. Não os havia na extensão

da parede que corre desde a porta até ao canto da porta da escada para o côro de cima.

Achamol-os nas paredes do patim da escada, mas sem os *emblemas* que procuravamos; eram vasos muito triviaes de flores, e a adoração do Sacramento pelos Anjos.

Em quanto alguns dos nossos obreiros continuavam em remover o entulho debaixo da escada, outros passaram a apalpar todo o chão ao longo da parede esquerda, entrando pela porta principal.

Arrancadas varias taboas do solho ao longo da dita parede, viu-se que os barrotes que a sustentavam estavam sobre telha e entulho. Sondada a terra por toda a parte, offerecia sempre uma profundidade de mais de tres palmos, sem resistencia alguma.

Desenganados assim de que não havia por aquelles sitios nenhuma campa sotterrada, visto que as sondas tinham descido muito a baixo do antigo pavimento, e sendo já horas de recolher, deixámos para o dia seguinte a ultimação das nossas diligencias.

Dia 10

Pelas 9 horas reunida a Commissão, passou se ao côro, para continuar e ultimar os seus trabalhos.

Reconheceu-se toda a parede esquerda do paralellogrammo da egreja, e não foram vistos os azulejos.

Continuou-se a sondar todo o pavimento do côro, sempre na profundidade de mais de tres palmos, e nada se achou.

Afastou-se todo o resto do entulho do vão da escada que conduz para o côro de cima, e descobriu-se o antigo pavimento do patim da escada, que era de pedra liza; o vão da escada era terreo; e sondado cinco palmos, não offereceu resistencia.

Dia 12 (segunda-feira)

Começou-se pelas 7 horas.

Da Commissão só se achava Castilho (Antonio), e dos socios só Castilho (Augusto).

Movidos de reflexões das Religiosas, tratámos de mantear profundamente o chão da esquerda da porta. Dessolhou-se todo; abriu-se uma manta de quatro palmos.

Evidentemente se conheceu então ter-se chegado abaixo do antigo pavimento, que tinha menos profundidade do que as nossas anteriores sondas.

Appareceram-nos ossos dispersos, e nada mais. ¿Seriam alguns d'aquelles, que com desprezo se atiraram para o lado, os ossos de Camões?

Desenganados de que nada já tinhamos que esperar do côro, por um escrupulo superfluo, e encarecimento de zelo, passámos a correr todo o chão dos claustros, da egreja, da sacristia, dos corredores, e peças adjacentes.

As sepulturas do claustro e do côro da capella mór eram todas de mulheres.

As do lado direito da egreja são, no topo debaixo do estrado, junto á teia, duas sem anno.

Segue-se uma, que é assim: *Sepultura*

perpetua de Diogo Nunes Cavalleiro Fidalgo da Casa de S. M. e de sua Mulher e Erdeiros. Faleceo a 5 de Julho de 1592.

Depois outra de 1618.

Entre outras sem anno, acha-se a seguinte: *Esta S.ª he de D. Leitão e de seus Herdeiros. Faleceo a 18 d'Abril de 1568.*

Outra de 1612.

A' porta está a seguinte: *Sepultura de Roque Fernandes Mestre de Pedraria e de Alvenaria, e de seus herdeiros. Faleceo na era de 157...* (Falta outra lettra, por gasta).

No chão da capella mór, junto á teia, ha uma sepultura, cujo nome se não pode ler por gasto, mas em que se lê distinctamente: *Faleceo a 10 de Março de 1575.*

Ha outra, que parece ser de Jorge de Vasconcellos, e cujo anno parece ser de 1575, posto que o primeiro 5 esteja muito gasto.

Nada mais havia na capella mór.

Lado esquerdo:

entre outras sem anno ha a seguinte:

Sepultura de Manuel Correa d'Oliveira na qual está sepultada Maria da Rosa que faleceo a 9 de outubro de 15..., e n'ella jaz seu ....Francisco Dias que faleceo em Agosto de 1568 pela peste grande, a qual he de seus herdeiros e descendentes.

V

O livro mais antigo que se acha na Parochia tem o titulo seguinte:

«N'este volume estão encadernados tres

livros de defunctos, e serviram n'esta parochia no tempo que estava em Sant'Anna: o 1.º começa em 14 de Outubro de 1588 e acaba em 20 de Setembro de 1613; o 2.º começa em 14 de Outubro de 1613, e acaba no 1.º de Abril de 1639; o 3.º começa em 22 de Fevereiro de 1640, e acaba em 24 de Abril de 1661.

Na pagina 1 se acha o assento de obito de Magdalena Monteira fallecida em 4 de Julho de 88, que se enterrou na egreja, debaixo do côro á banda esquerda, e com a mesma declaração apparecem muitos outros assentos.

A folha 4 verso se acha o assento de Martim Fernandes fallecido a 2 de Setembro de 1580 *no Esprital*, e foi enterrado na egreja, da Pia para a capella das Almas. Não fez testamento.

A folha 99 acha-se outro assento de Brites Luis, fallecida no Hospital; está enterrada no adro junto á porta travessa; falleceu em Outubro de 1599.

VI

Apontamento ministrado aos Castilhos por alguma Religiosa do mosteiro de Sant'Anna; lettra de pessoa visivelmente de bastante edade (textual).

Em hums Livros piquenos intitulados Lusiadas de Luis de Camões, he q̃ dis o Seu nacimento e a Sua morte, a q.[al] foi no tempo q̃ os Felipes gouernarão este Reino faleceu em 1577 ó 1578 por tradicão he q̃ se dis

q̃ se enterrou no Coro de Baxo deste Mosteiro, q̃ nessa hera já hera Mosteiro, mas tão bem hera Parrochia, e por baxo do Coro de Sima q̃ agora existe, hera Igreja nesse tempo, e a porta da Igreja não hera a donde he agora mas Sim fazia frontaria a Calçada, e donde he a Portaria, hera então a Sacrestia, empucivel he Saber o Lugar da Sua Sepultura, Só desmanchando todo o Coro de baxo, e cavandose, he q̃ Se puderia Saber, mas isso he empucivel. dizeer o P.[e] Joze Agostinho q̃ vio a Sepultura isso he falço, pois já pelo Terremotto estava o Coro e a Igreja como agora está. mas nos tais Livrinhos he q̃ da alguma nuticia, mas m.[to] breve etc. e as Relegiozas q̃ já pelo Terremoto herão idozas, Só Sabião o mesmo q̃ nos agora Sabemos.

VII

Mais apontamentos de Castilho certamente destinados á redacção do Relatorio.

1.º — Nudos in ignota. . . .

2.º — Descripção poetica das Vesperas, pacificamente resada lá em cima, ao som das nossas martelladas, diligencias, e conversas cá por baixo. Era a imagem do perfeito despego da terra. Em quanto se lhes revolvia o edificio, como que nem de tal davam fé, e proseguiam. . . .

3.º — Não se emprega mais zelo, não se sentem mais ancias e alvoroços procurando minas.

4.º—Tem muito de solemne este trabalho de quem procura, pelas entranhas da terra calada, um Morto.

5.º—¡Que vezes, talvez, os nossos pés lhe andaram mesmo por cima sem o cuidarem! Uma das coisas mais desconsoladoras que ha, é este não responder dos finados ao amor que os chama. Vós vos communicais com o vosso amigo ausente, de uma para outra parte do mundo; mas o vosso maior amigo, o vosso irmão, a metade de vós mesmos, que morreu..... ainda que em braços o tenhais, ainda que lhe clameis, ainda que entre vós tivesseis ajustado o revelar-vos os segredos da Providencia, são mudos como a estatua no sepulchro. As vozes ressoam para toda a terra, penetram no ultimo firmamento, e não dão eccos na sepultura.

6.º—N'esta desconfiança de o achar, uma reflexão nos surge tristissima ao amor proprio: ¿que é pois a gloria? ¿que sômos nós, a quem o sôpro da nossa vaidade enche todas as vellas? Mas apoz esta, vem outra, raiada de luz, e embalsamada de consolação: aquelle que se não sabe onde está, está por isso mesmo em toda a parte. Esta desapparição representa-se á phantasia como coisa por certo modo sobrenatural. E' uma especie de espirito, que se apresenta em mil partes ao mesmo tempo. Quasi se sente que assim preenche o seu extraordinario destino de

errar sempre sem domicilio nem poisada. Vêde o que elle diz na canção em que fala de suas peregrinações, que deixou repartida pelo mundo a vida em mil pedaços.

7.º—Pelo menos (me dizia eu) aqui esteve muitas vezes, aqui orou e chorou, aqui desejou ficar para sempre, e d'aqui surgirão, ao toque da trombeta, os ossos que o nosso affecto não vale a ressuscitar.

8.º—Dizem as lendas e chronicas, que as sepulturas dos Santos a si proprias se denunciavam com uma fragrancia suavissima, entre canticos de espiritos invisiveis. ¿Por que rasão os ossos do homem, que ainda depois de morto encanta a terra, não teem tambem alguma virtude que os revele? ¿Por que lhe não ressoam em torno alguns eccos harmoniosos de seus antigos pensamentos?

9.º—Ha um não-sei-quê poetico, em considerar estas mulheres, que, vivendo na terra trazem o coração no Céo, que vão no mundo por entre os homens e atravez do tempo, extranhas ao tempo, aos homens, e ao mundo, como aves que se poisam no alto do mastro, e se deixam assim levar, na sua peregrinação, para regiões aonde os mareantes vão levados pela avareza á confusão dos negocios, ellas pelo desejo da primavera aos bosques aprasiveis, ha, digo, um não-sei-quê poetico em as considerar tão ciosas da posse de um homem

como Camões, cantor das armas e da gloria. ¿Que teem com elle as que só cantam Gloria a Deus e aos homens paz?

. . . .

IX

NOTICIA LITTERARIA

ACERCA DA

SENHORA D. FRANCISCA DE PAULA POSSOLLO DA COSTA

(Maio de 1841)

Nem todas as dividas da amisade são doces de pagar.

Como dever quasi religioso me incumbe tecer hoje uma corôa de elogio a uma pessoa cara a todos os poetas portuguezes, e a mim, o minimo d'elles, carissima pelo nosso longo trato litterario. Mas esta corôa havia de cingir uma cabeça, e já não póde abraçar mais do que uma urna. Esta corôa, que havia de ser só de murtas e rosas, ha-de levar menos rosas e murtas do que ciprestes e saudades.

Suave é recontar prendas e virtudes; doloroso recordal-as, quando já não existem fóra da memoria dos que as conheceram.

Outra accresce a esta pena, e de não leve momento. Para dizer pouco, lá está o affecto, lá está a gratidão, que se não contentam senão com muito; e lá está a morte, que

realça e engrandece quanto mette em si, a qual nos crava ainda mais longe as balisas a que podemos correr; e para dizer muito, lá estão, de outra parte, a covardia e modestia natural, que se retraem de exaltar o de que nos honrámos; as alheias invejas, que até a umas cinzas frias dão olhado; a mediania e vulgaridade, que, assim como não aspiram a alturas, tambem as não consentem.

Quando, porém, o que se pretende embalsamar para veneração dos vindoiros é (ou antes, nem já é, mas foi) uma simples mulher, simples no viver e na fortuna, simples no tratar, simples no desejar, e até nas virtudes e dons do engenho, que a extremavam, simples e simplicissima, a difficuldade se torna quasi invencivel, porque ahi, nem que as quizeramos, poderam caber as pompas do estylo, nem a verdade sem ellas tem côres ou lustre, que bastem a attrahir os olhos.

Todas estas considerações juntas me teem sido parte, para que, tanto ha e por tantas vezes sollicitado dos outros, e de mim proprio, a escrever uma breve Noticia da pessoa e obras da snr.ª D. Francisca de Paula Possollo da Costa, só hoje, apóz dezassete mezes de perdida, pude acabar comigo que lhe viesse pagar o meu tributo; e ainda, além de tardio, encolhido e escaço.

Não lhe trago o *talento de oiro* que eu quizera, se não o simples *óbolo* de cobre, indispensavel para que o morto passe sem naufragio o rio do esquecimento. Não tecerei nem atarei a grinalda; só lhe lançarei por cima algumas de suas florinhas. Outras mãos, não mais amigas, sim mais dextras, e

com menos causa para tremer, algum dia por ventura lh'as ajuntarão.

I

N'esta famosa cidade de Lisboa, sabido e costumado berço de engenhos, ainda que tambem sabido e costumado sepulcro e inferno d'elles, nasceu no dia 4 de Outubro de 1783 a snr.ª D. Francisca de Paula Possollo. Foram seus paes o snr. Nicolau Possolo, e a snr.ª D. Maria do Carmo Corrêa de Magalhães.

Boa estreia lhe foi para as virtudes, de que havia de sahir tão ornada, o abrir logo os olhos em casa tão abastada de tal fasenda. Entre paes e parentes, de quem para logo entrou a ser delicias, achou todos os exemplos d'aquellas qualidades maçissas do bom Portugal velho, que tão raras correm já por entre as garridices modernas, como o oiro e os diamantes.

O recato, a palavra, a probidade, união intima com os de casa, lealdade inteira com os amigos, benignidade com os extranhos, afferro á Religião como herança, e á boa-fama como posse immemorial; estes eram os pergaminhos de sua familia, não fidalga nem plebeia, mas com rasão contente de si, e estimada dos que por uso ou fama a conheciam.

De sua meninice não ha que memoremos; deslisou-se como todas, deixando mais saudade a quem a perdeu, do que lembranças ou proveitos; se não que já então, segundo contam os que a trataram, n'aquellas flores

da vida se podiam ir adivinhando os frutos de mais crescida estação. Nos brincos alvorecia o engenho, e nas palavras o juizinho, a que só fallecia, para ser *rasão*, o conhecer-se.

Nos estudos particularmente se recreava; e com tanto espirito corria por toda a boa doutrina, que menos parecia seguir, que acompanhar, o mestre; menos aprender, que recordar. Era terreno de tão nobre condição e prospero ceo, que para qualquer boa cultura parecia abençoado.

¡Ainda mal, que isto, que para o diante havia de sahir tão claro, ao melhor tempo da sementeira o não acabaram de entender! ou por ventura, andavam ahi influxos d'aquella estrella velha e cega, que ainda para Portugal não chegou ao occaso; estrella, ou antes apoquentada lua herdada dos Moiros, segundo a qual ás mulheres se não ha-de conceder alma com vôos mais altos que o lar de sua cosinha, a meza de seu marido, ou o berço de seus filhos; ¡como se, para arraiar por dentro uma casa de felicidade, não valesse mais um espirito allumiado!

Além dos mistéres e prendas manuaes, costumadas do seu sexo, só lhe ensinaram a ler e a escrever; e ainda assim, o ler, a que de repente se affeiçoou, só mui coado lhe era consentido, e tão raro, que em vez de lhe saciar as sêdes lh'as accendia.

Da penna, ¿que uso podia fazer? Se algum assomo de Poesia (muitas vezes lh'o ouvi) lhe apparecia na alma, flor nascida sem semente, e verdadeira inspiração de uma graça original, olhava em derredor de si;

tudo era em prosa. Encolhia-se com o seu pensamento; tremia que nos olhos lh'o adivinhassem; ¡quanto mais... pôl-o em praça onde lh'o vissem! Nome de *poeta*, ainda para homens era injuria; ¿que não seria a uma donzella bem nascida? Dissimulava portanto; e, ou a poder de opprimir e aperrear nas fecundas entranhas do animo aquelles filhos, ainda embriões, os matava e se matava, ou, se algum, muito a occultas, lograva vir a lume, não lhe ousava de chamar filho; amava-o como mãe, e como madrasta lhe era forçado deixal-o acabar ao desamparo e entre desprezos.

Uma penna, com a liberdade de usar d'ella, se lhe afigurava a unica varinha de condão que preencheria todos seus desejos. Todos seus enfeites e joias, os dera em troco; por uma só hora assim passada, enjeitaria os mais festejados passatempos. Mas uma penna, com parecer a mais leve coisa qua ha no mundo, hoje em mão de homens é um sceptro; e no tempo de nossos paes era, em mão feminina, uma maravilha, horrorosa sobre todos os horrores; era um monstro perigosissimo, em que se não havia de tocar senão duas ou tres vezes na vida, nos mais solemnes lances d'ella.

Ficava-lhe a Musica; n'ella se vingava; e o que á Poesia lhe não consentiam que desse, todo o entregava a esta segunda Poesia, ainda que tão dessemelhante e inferior á primeira, quanto o são os sentidos á imaginação, o retrato ao vivo, os eccos ao que fala, e o caduco ao que não morre. O exercicio da Musica ajudou o desenvolvimento

vagaroso da prohibida arvore dos versos, que a Natureza lhe plantára n'alma como em paraiso; e os applausos que principiou a receber, foram estreia dos muito maiores que aguardavam a sua lyra.

Agora me peza, que, no tempo em que tive a fortuna de a ouvir, me não desvelasse eu em tomar d'aquelles seus annos mais particulares notas de muitas coisas, se não de grande pezo, de grande sabor ao menos, e que já hoje em vão se procurariam nas memorias dos seus intimos. ¿Mas quem me houvera então adivinhado que eu lhe havia de escrever a vida?

II

Entrava pela adolescencia, quando um acaso afortunado lhe deparou as obras de Cervantes. E' velejar por um mar de rosas, e descobrir uma Ilha encantada.

Muitos annos eram já passados, quando d'isso me falava, e ainda se sentia enlevar em tal lembrança.

¡Que larga fonte e profuso banho de imaginação, para quem sahia sequiosa e abrazada de um areal que julgára sem fim! Foi Cervantes os primeiros amores do seu coração poetico, Cervantes o seu modelo e invejas, Cervantes o seu mundo e os seus sonhos. Lia-o, traduzia-o, decorava-o; só não ousava escrevel-o.

Camões, e um ou dois insignificantes poetas portuguezes, só depois, e muito mais tarde, lhe appareceram. Recebeu o primeiro com a devoção que tamanho nome lhe

inspirava, e se devia augmentar pelo conhecimento. Camões falou segredos com a sua alma, iniciou a no culto, recebeu-lhe o voto de poeta. Os outros a confirmaram n'elle, pois que viviam impressos, tendo tanto mais de amor e inspiração em todas suas paginas, do que ella sentia em cada minuto de suas interiores meditações.

— «Muito vai (agora o vejo) — accrescentava ella — do cuidar, a pôr por obra. ¡Se quanto sente o coração, e sonha o espirito, por versos ou ainda por palavras se soubesse dizer!... Mas, na nossa ambição inexperta, pômos os limites da Arte onde chegam os da phantasia, lá pelas raias do infinito; e logo no primeiro adejo conhecemos, que o ar que tinhamos de atravessar é mais denso do que o que podem romper azas.»

Quaes fossem as suas primeiras tentativas metricas, ninguem o soube nunca. Ao acordar, nasciam junto do travesseiro; escondidas no seio, viviam um dia sobre o coração que as brotára; ao despir, cahiam para expirar nas chammas, e deixar em herança o mesmo fado ás que infallivelmente havia de trazer o dia novo.

Aos quatorze annos desabrochou o seu primeiro soneto.

N'este, e nos seguintes seus versos, conhece-se, á mistura com a indole peculiar do engenho da autora o *não sei quê* do espirito de Camões; são flores, que, sem desdizerem da planta que as brotou, com as visinhas flores que as fecundaram contrahiram todavia parentesco.

Todo o talento de poetas é por natureza

imitativo; e, assim como nenhuma edade é mais poetica do que a primeira, nenhuma tambem mais imitativa.

Hão de n'isto reparar os que vão creando poetas; primeiro, para lhes resguardarem dos olhos noviços os modelos defeituosos ou viciosos, mórmente os que peccam por sobejidões e encarecimentos, que são os vicios mais pegadiços á gente moça; e segundo, para que, de um principiante não transpirar por todas as lettras de suas paginas, senão os pensamentos do autor que estuda, não concluam, antes de tempo, que não ha ahi, por de baixo d'essa massa que se evapora, muita substancia propria, que a seu tempo poderá sahir.

Sabido em casa o nascimento do soneto, e presumida talvez por elle a predestinação litteraria da autora, franqueou-se lhe uma pouca mais licença para a leitura de livros patrios, como quer que o acaso os presentasse, ou os rastreasse o instincto d'aquella tenra e curiosa alumna de si mesma; mas não lhe procuraram guia, ou, ao menos, roteiro; e, com quanto das estranhas linguas lhe deram a aprender a Franceza, e com tão boa mestra como foi a nomeada Madama Cunha, collaboradora da *Grammatica* de La-Rue, pouco uso lhe deram por então de livros francezes para solido aproveitamento. Tão pouco chamaram ao seu commercio pessoas, que por mera *caridade poetica*, se não por interesse da Arte, a animassem na carreira.

Solitaria a começára; solitaria a proseguia, como quasi solitaria a devia de findar.

A' Natureza e á sua diligencia haviam de pertencer unicamente quantas palmas grangeasse.

III

Os cinco annos, que decorreram até aos dezanove de sua edade, foram férteis em poesia facil, que ella desperdiçava por quantos objectos lhe appareciam, mormente, como bem é de cuidar, pelas formosuras do campo e da primavera.

Era um cantar gracioso, e sem ambição de que o ouvissem nem os eccos; um cantar por gosto, e por cantar, como de andorinha nova, que revôa por entre quantas folhas de arvore ao longe avistou da janellinha do seu ninho.

Mas se a andorinha é da primavera, a primavera é do amor; sai-se de sob as azas maternas, para avoejar e cantar pelos ares largos e serenos, visitar e festejar todas as formosuras da Creação, inspirar e expirar por todos os poros mocidade; que são os feitiços do mundo uns quasi claros antegostos de Bemaventurança. Porém ao sahir, logo ali ou pouco a diante, por baixo das folhas verdes, jaz escondido o laço, onde toda a liberdade vai parar, toda a alegria converter-se em penas, já crueis e já suaves, toda a amplidão do futuro resumir-se n'um desejo.

A' morte compararam o amor as Escrituras pela dureza; [1] e em mais que na dureza

[1] *Fortis est ut mors dilectio* — Cant. dos cant. — VIII, 6.

NOTA DOS EDITORES.

se assemelha o amor com a morte: tambem a sua hora é inevitavel; e, com sabermos que a ninguem poupa, nem poupou nunca, ninguem antes de vinda a sua a cuidou jámais possivel; ou imaginando-a, a figurou tal, que de todo o houvesse de render, arrancar-lhe a alma do corpo, e transportal a além-mundo por umas regiões immensas de penas e gloria. D'onde menos se teme, póde a morte assaltar; e d'onde menos se espera, accommette o amor. Ainda a fortuna, que rege a vida, se deixa algumas vezes reger da razão, que a transforma, ou da vontade, que a obriga; mas estes dois polos da vida, amor e morte, um, como crepusculo de manhan, que vê o mundo e o dia para diante de si, outro, como crepusculo da noite, que apoz si os deixou, estes dois mysterios principaes, por que tudo nasce e desapparece, e por onde o mundo, desfazendo-se e fazendo se de continuo, se perpetúa, estas duas horas, que tão grandes e occultos destinos envolvem ambas, onde, quando, e como, lhes aprouve, nos colhem de improviso, e do alto de todos nossos projectos nos derribam.

Francilia, a *Pastora do Tejo* (que esse nome e appellido havia ella tomado para si ao baptizar-se, segundo o rito velho, nas aguas classicas da sua Aganippe); Francilia, depois de dezanove annos de admiravel isenção para quem, sobre ter nascido tão sensitiva e poeta (que vale o mesmo), por poeta e por tão gentil e graciosa, que era, muitas vezes se vira suspirada, querida, e rogada; Francilia, que, de affeita a não festejar se-

não as galas da Natureza e as doçuras da amisade, já não presumia que houvesse affecto superior á amisade, nem deleite recatado na Natureza que no fundo de tamanha torrente d'elles merecesse ser ainda procurado; a innocente, em annos tão apartados já da innocencia, a conquistadora sem industria e invulneravel sem exforços, sentiu soar emfim a sua hora.

E aqui principiou a segunda *epoca* da sua Poesia.

IV

Sem renunciar os gostos de sua mui longa infancia, e os objectos de seus primeiros cantos, a sua lyra foi de novo afinada na solidão; os seus sons se tornaram mais graves e doces; a sua voz, mais profunda e inspirada.

¿Onde entrou nunca o amor, que a melancolia o não acompanhasse?

Ainda o mais ditoso, se é amor fino e verdadeiro, se delicia nas tristezas. Se o presente lh'as nega, estuda saudades. Se lhe ellas fallecem, phantasia receios; desespera-se em quanto não alcança; depois de obter, sobresaltam n-o os perigos; e de quantos se lhe afiguram possiveis, de todos padece.

Quem diz «amar», cuida exprimir a mais deleitosa coisa do mundo, e a mais leve, e diz muitos prazeres que são mágoas, muitas penas sem nome, e uma doença occulta revezada de frios e febres, e acompanhada de tresvalios, mais vezes de temer que de folgar.

E' uma estação de primavera tormentosa,

que todas as vidas atravessam, e uma poesia elegíaca, de que ainda os mais prosaicos se não dispensam.

¿Que não será então d'aquelles que já nasceram poetas, isto é, predestinados da fama, e precítos da ventura! ¡Que não padecerá e se doerá, em lhe chegando a faisca, um coração que a Natureza recheou todo de sentimentos inflammaveis!

¡E se esse coração é feminino, dobradamente sensitivo, dobradamente poeta?! ¡Oh? ¡que livro, se a olhos de fóra podesse chegar!

Mas nem os versos, com todos seus arrojos e energias, nem a prosa, com toda sua facilidade e promptidão de exprimir, traduzirão jamais fielmente um só capitulo de tal livro interior, de coisas escrito e não de palavras, a partes claro a partes enredado, meio historico meio sonho, pio e impio n'uma mesma phase, doirado aqui de generosidade e virtudes, logo ali denegrido de crimes e egoismo; livro em que Deus, o diabo, a Natureza, o homem, e os homens, escrevem, riscam, e rescrevem simultaneamente.

E providencia é, que tão descompostas obras não saiam á luz, nem fiquem monumentos de coisas tão monstruosas como as paixões, e as tempestades.

A esta absoluta impossibilidade, contra a qual, todavia, luta (e nem sempre sem algum triumpho) a moderna seita de escrever, que, se tantas vezes não mentisse, chegaria a fazer da Litteratura o valle de Josaphat, onde todos appareceriam a todos nus e transparentes até ao intimo refego do coração, a

esta feliz impossibilidade, digo eu, sem a qual todas as vontades umas de outras se desatariam, e perecêra a sociedade, accrescia n'estes tempos de hontem, que já hoje (¡tanto anda o mundo!) nos parecem velhos, outra tambem impossibilidade para um tal coração se conhecer: e era o poetar de *formulario*, o pensar pautado, o exprimir e o metrificar por *publica-forma*. Falo de doença que tambem curtí, e de que não quero agora dizer que ainda me sinto apalpado.

Tres ou quatro autores, cada um d'elles com seu diverso genero de valia, eram até *hontem* em o nosso Portugal, os exemplares inimitaveis, e as Imagens, a cujas aras todo o noviço poeta fazia os seus tres votos de profissão, a que por toda a vida não faltava. Eram estes autores, pelo de mais, Camões e Bocage, grandes mestres de pequenissimos discipulos; e alguns, que não é bom nomear, da mui benemerita e mui semsabor Arcádia, que em santa paz descance, já que em *gloria* não pode ser.

Havia logo o coitado do *vate*, que esse era o nome da seita, de se namorar como todos elles, nem mais nem menos, sentir como todos elles, suspirar ingratidões, ciumes, e ausencias, como todos elles, cantar á sombra das mesmas arvores, ao som dos mesmos ribeiros, acompanhado dos mesmos passarinhos, com as mesmas phrases, hemistichios, e rimas, já sabidas de cór por todos os leitores.

Podia se fazer o soneto, a canção, a ode, o madrigal, a decima, do mesmo modo como muitas vezes se lê: isto é, com o pen-

samento d'ali cem léguas; e para adormentar os curiosos, compunha-se, em summa, um livro dormitando. E por ahi se iam, arrebanhados, até parar nas tendas, a que elles no seu pindárico estylo chamariam *Lethes*, todos os aprendizes, officiaes, e mestres, de Poesia; sendo n'isto (como em tudo) tão poderosa coisa o commum exemplo, que, se algum verdadeiro poeta nasceu n'estas enfastiadas eras, viajou incognito, sem ousar, nem por momento, desembuçar-se da capa da vulgaridade.

Breve: as primeiras quatro linhas de um soneto d'esses proprios tempos resumem quanto sobre isto se podéra dissertar:

> Trovejaram os poetas da manada;
> e seguiu-se uma chuva muito fria
> de versos, que nos campos da poesia
> mui grande perda fez com a enxurrada.

Quanto pois vai, em abundancia e força, d'aquillo que n'uma alma apaixonada se encerra, ao pouco e descórado que a Linguagem póde exprimir, tanto era mais encolhida do que a esphera d'essa mesma Linguagem a mui lustrosa e ouca espherinha do poetar d'aquellas boas gentes, ás quaes, se a nós hoje se póde, se deve, e se ha-de, reprehender que, para banquetear os leitores com sabores novos e exquisitos, lhes guizamos dragões, serpentes, e carne humana, bem se lhes podia lançar em rosto o excesso contrario, porque só regalavam os seus de caramellos, com agua chilra do Permesso.

V

Amou a nossa Francilia, como bem era rasão que amasse quem tão tarde começava; que já por estes remissos disse Ovidio, que o Amor os obrigava pelo capital e juros de sua divida.[1] Amou, como quem só tinha de amar uma vez, e para sempre. Amou, como mulher perfeitamente mulher, que tanto vale dizer mocidade de dezanove estios, como muita virtude e muito engenho.

E comtudo... os copiosos versos que offereceu aos seus amores, de nenhum modo se estremam d'entre as infindas collecções do mesmo genero.

Mas¡ que muito que não sacudisse ella um jugo, a que tantas cervizes de homens se dobravam, quando, sobre as demais rasões para não ousar, tinha aquella da natuzeza do seu sexo, para quem o proferir um só *amo* bem sumido, bem envôlto em rosas de pudor, é façanha que primeiro se medita, que se ensaia, que se accommette muitas vezes sem a levar a cabo, e que faz perder as noites que a precedem, e as que de apóz se continuam. Assim que, sem exceder artisticamente ao côro dos outros poetas namorados, moralmente se póde dizer que se lhes avantajou.

[1] Palavras de Ovidio, que julgamos serem aquellas a que allude Castilho:

Sæpe venit magno fenore tardus amor.

Os Editores.

E se, como elles, só de flores artificiaes ataviou o seu idolo, por se outras não usarem, ainda assim mais nos agrada ella do que elles, porque n'elles não podia deixar de ser pequice de entendimento o que já n'ella se nos pode figurar acanhamento, ou dissimulação feminil, que nem podia calar tudo, nem a dizer tudo se atrevia.

Por mim digo, e o sinto, que mais me toca a simples palavra *Amor*, ou um longe de desejo n'uma voz de Musa, do que trinta d'estes Apollos barbados, fabricantes empreiteiros de sonetaria apaixonada, de *fado*, *natureza*, *tristeza*, *desgraçado*, *destino*, *amargura*, *pura*, *ferino*, *formosa*, *amoroso*, *extremoso*, *vigorosa*, *salgueiro*, *flores*, *ribeiro*, *rigores*, *lisonjeiro*, *amores*.

VI

De dois annos que duraram os seus, antes do casamento com o snr. João Baptista Angelo da Costa, nada achamos no que escreveu, por onde possâmos historiar. Representam-se amores como todos os amores, com os seus fluxos e refluxos de esperanças e desesperações, de ancias de viver, e de ancias de acabar; em tudo, finalmente, como todos.

N'este praso uma enfermidade cruel a veio colher; cruel e cruelissima, porque onde poupa a vida, raras vezes perdôa á formosura. Da frágua das bexigas sahiu, comtudo, não só viva, se não tambem com as mesmas graças, com que n'ella entrára; e se não mais amavel, certamente muito mais querida de

quantos corações em volta do seu leito haviam já palpitado com pressentimentos de morte. [1]

Aos 16 de Abril de 1813 se apertou finalmente o desejado laço, com grande contentamento de ambas as familias e dos amigos; que assaz, e em tão longo noviciado, se haviam provado a todos os olhos, como boas estreias de bençam para o novo casal, as virtudes dos dois amantes, a firmeza do seu querer, a conformidade de suas indoles, e o cabal de sua mutua vocação. E não sahiram vãos os auspicios.

Era o snr. Costa Official, pelo seu porte e boas prendas muito estimado na Marinha Portugueza, a que já, por uso de annos, se affizera com singular affeição; mas gosto, costume, e profissão, tudo n'elle trocou o amor tão bem correspondido de sua esposa; e, melhor que os argonautas portuguezes, para sempre se esqueceu das ondas e inconstantes prazeres do navegar, pondo pé em ilha de tantos amores e amenidade.

Se jamais houve condição para invejas, aquella o foi sem nenhum falta. Viviam ricos de amor, e amor tão fino, que do casamento escapára tão illezo e perfeito, como ella de sua perigosa enfermidade; ricos de

[1] Até este ponto se achava escrita a presente biographia, quando os amargores da vida domestica de Castilho, a longa doença de seu irmão, o seu fallecimento no Funchal, e outros trabalhos, minuciosamente descritos nas suas *Memorias*, vieram interromper a tarefa, que só continuou meado o anno de 1841, finalisando a 20 de Maio.

Os Editores.

virtude, em que um a outro eram exemplo e copia; ricos de saude, paz, e alegria; ricos de estimação geral; e até dos bens da fortuna ricos e opulentos.

Ter só para si é não ter — escrevia um bom Poeta do passado seculo; por estes se pode logo dizer que tinham, e tinham muito. Era a sua casa a mais sabida e trilhada da pobreza do bairro, a quem, na doença e mais trabalhos da vida, nunca ahi se negava ou difficultava o remedio, como o coubesse na alçada da riqueza ou do crédito ministral-o.

Dos milhares de exemplos, com que esta verdade corria então provada por boccas e corações de todos, não faremos aqui escritura; seria processo infinito, não só longo; e de mais: isso teem comsigo a maior parte das obras de beneficencia, que são umas flores de celeste semente, tão mimosas e delicadas, que, merecendo tudo onde nascem, transplantadas para um discurso fora do seu tempo, e por isso frio e morto, logo esmorecem, que não parecem as mesmas, e facilmente se lhes passa por cima sem as olhar.

Mas pouco importa que se não renove na terra commemoração de coisas, que em outro melhor livro, e para outro melhor premio, ficam assentadas. Para o empenho que por nossa conta corre bastará a este proposito que digâmos, que difficultosamente se topará com filho ou filha de pobre, que em seu bairro (era o das Trinas do Mocambo) nascessem em seu tempo, que, em testemunho de os haverem tido por padrinhos, não trouxessem da Pia, e não conservem, o no-

me, ellas de *Francisca*, e elles de *Angelo*, ou *João*; genero este de monumento de pouco lustre e menos permanencia, mas de mais significação e valia, que os de marmores e bronze, porque para se esses fabricarem basta o ser Rei, em quanto est'outros só por virtude se grangeiam.

Não costuma esta, quando é perfeita e de lei, enjeitar como inimigas as alegrias, antes parece que, pela boa sombra que ellas fazem, melhor se alenta e fortifica. N'esta casa se via; que, sendo os donos d'ella a Providencia terrestre de quantos a buscavam, das portas a dentro não falleciam outros praseres e divertimentos: trato e desvelo de jardim, que o tinham mui fresco, e rico todo o anno das mais curiosas e peregrinas flores; ajuntamentos numerosos de parentes e amigos; musica de quasi todos os dias; dança muitas vezes; e por derradeiro, um formoso e bem proporcionado theatro, onde a miude se representavam dramas e comedias, já traducção, já invenção da nossa mesma Poetisa.

Duas nos ficaram das originaes, de que, por se não terem ainda vulgarisado pela estampa, correrá por conta nossa o dar alguma noticia: intitula se uma RICARDO, *ou a força do destino*; a outra O DUQUE DE CLÉVES.

Em que annos as escreveu, não achamos apontamento; nem nos consta se de alguma novella estrangeira tiraria alguma d'ellas, como n'este genero de escrever muitas vezes se costuma.

VII

Morrêra um Duque velho de Clèves, deixando por herdeiro no titulo, e na melhor parte da casa, a seu filho primogenito, mancebo de excellente indole e virtudes; e o restante a um filho-segundo, chamado o Cavalheiro de Rossemont, moço de muito menos conta, levantado, e vicioso.

Aconteceu, que vindo este a namorar-se de uma aia da Duqueza de Clèves sua cunhada, e traçando tomal-a por mulher, encontrou da parte do irmão toda a contradicção e contrastes, que de seu facilmente se podem entender. São as difficuldades incentivos para animos alterosos; furta a donzella, recebe-a por mulher, tem d'ella um filho. Era bastante para o amor; não o era para a vingança.

Imagina logo uma, em que juntamente lucre felicidade para o filho, e commette a execução do seu designio a Rogerio, seu aio e amigo, que já nos amores o ajudára, conduzindo-lh'os por sua industria ao bom termo a que eram chegados. Toma pois Rogerio o filho de seu amo, e consegue pôl-o em logar e nome de outro da mesma edade, que nascêra ao Duque; troca esta em verdade mui dura de crer, pela impossibilidade de se enganarem assim os olhos de toda a familia, os do pae, e mórmente os da mãe.

O desherdado e desfilhado Duquesinho, posto pelo mesmo Rogerio a crear, torna para os lares paternos, restituido pela mesma mão que de lá o arrancára, mas não declarado, nem conhecido, nem adivinhado.

Rogerio o dá como orphãosinho, desamparado á caridade do Duque e Duqueza, de quem, para promover o casamento do Cavalheiro, se fizera creado, e creado se ficára para observar, e lhe dar aviso, se alguma tempestade contra elle se levantasse, por se vir a descobrir o retiro, onde com sua mulher vivia desconhecido.

Em annos e amisade vão crescendo juntos os dois primos, e com elles uma Sophia, filha e herdeira do Marquez de Sircé, noiva ao futuro Duque destinada por mutuo consenso dos paes. Não ha corações enganados — diz o rifão velho; poderá muitas vezes sahir falso, mas acertou aqui, porque o de Sophia, promettida ao Duque de Clèves, desde logo se inclinou a Luiz, a quem, só, o titulo competia, com quanto por então não fosse mais do que um pobresinho sem nada, e guarda-roupa, que tinha de ser por espaço de annos, de Carlos, que assim havia nome o enxotado filho do Cavalheiro de Rossemont. De ver está que foi adorada de quem amava; e tanto o foi, quanto desamada d'aquelle a quem desamava.

Sobreveem guerras; para lá se partem o Marquez de Circé e Carlos, que ambos serviam na milicia, ficando a donzella em casa de uma amiga por nome Margarida, Condessa de Sancerre, a qual, como chega a primavera, a leva comsigo de Paris para a quinta e paços de seu solar. E aqui dá principio a comedia.

Luiz, o guarda-roupa de Carlos, que por lá se anda, aproveita-se de uma licença que d'elle teve para viajar, e vem ter á quinta;

e tenta, a occultas da Condessa Margarida, gosar-se, se podér, da companhia e conversação da esposa, que já ao tempo Sophia, sem que ninguem o sonhasse, o era sua. Na quinta o vemos a sós com Roberto, feitor da Condessa, velho mas simples, rustico mas honrado. Confessa-lhe o amor, porém não o casamento, e, sem declarar quem é, lhe pede que lhe valha, com tomal-o alguns dias por hospede encoberto. Convence-se o velho, e concede no pedido, por se lembrar dos seus bons tempos. Não andou como era de esperar de quem tantos tinha já vivido; mas, bem ou mal, fel-o; ¿e quem affirmará que não dê homens d'esses a Natureza, para extranhar ao Theatro o valer-se d'elles em uma pressa?

Recebido está o nosso afortunado marido no seu esconderijo, como que ainda andasse a merecer.

Finda a guerra, chega de Paris Carlos, annuncia ás senhoras a proxima vinda do Marquez, e proxima conclusão do casamento. Excusado é dizer como ficaria a coitada de Sophia, entalada entre dois maridos, reforçados um pelo sacramento e outro pela paterna autoridade; consome se, desatina, desata o segredo perante a amiga, a qual vendo, como mulher de juizo, que o que está feito feito está, e não tem remedio, se põe por parte d'ella; e quando logo, chegando o pae lhe extranha o enleio e pena em que a sua presença a parece ter posta, coisa tão fora de sua esperança, como de toda a boa rasão, por ella acode, attribuindo aquelle seu assombramento ao repentino abalo cau-

sado do alvoroço em corpo já estremecido de doença, e lhe pede que deixe para mais opportuno tempo as intentadas bodas. Desgosta-se o pae, ira-se, mas convem, por outra coisa não poder, na rogativa.

Pouco se dava a Carlos das difficuldades, em materia em que a principal d'ellas era a sua propria repugnancia, por trazer o coração captivado da formosura de uma filha do feitor, chamada Gabriella, moça mui gentil, e que na casa servia por creada, a qual, combatida das baterias de fora, e principalmente das de dentro, por tal arte se lhe affeiçoára, que, sem esperanças de o alcançar por marido, á conta da desigualdade, nem tenção ou desejo de por outro modo se lhe render, déra comtudo de mão, só pelo contentar, ao casamento, que do pae lhe estava muito havia tratado, com um Jacques, aldeão, mancebo e visinho, que n'ella vivia embellezado. Enfados de Jacques com a ingrata e com o rival; raivas e desesperos de Carlos com o rustico; ternuras e instancias com Gabriella para que o acceite; instancias e humiliações para com o feitor para que lh'a outorgue; reluctancia invencivel do pae; combate e virtudes da donzella; até que, depois de varios successos, vai Jacques ter com o Marquez de Sircé, que já anda desconfiado da frieza de seu futuro genro, e lhe denuncia os secretos amores d'este com a creada. A ponto apparece ella então, com um papel que singularmente a dessocega.

Ao sitio onde estão, no bosque, chegou tão distrahida e preoccupada, que a viram elles, sem que ella de ninguem désse fé;

mal que os percebe, quer sumir no seio o papel; cai-lhe. Jacques apanha-o, e, a despeito das suas muitas supplicas, ao Marquez o entrega, que n'elle descobre a confirmação da denuncia, uma proposta formal, e assignada, de casamento de Carlos a Gabriella. Jura tomar vingança do offensor. Este, entretanto, lamenta comsigo a desgraça da sua fortuna, que, por muito alta, lhe difficulta o cumprimento do seu maior desejo.

Aqui lhe acode o remedio que os nossos leitores estão prevendo, mas que o espectador ainda não pode adivinhar, porque tudo que narrámos precedente ao erguer do pano lhe vem agora a ser revelado por seu aio Rogerio, e provado com papeis que lhe este mostra, escritos da mão do Cavalheiro de Rossemont. Remedio era, como lhe chamámos, porém remedio com sua mixtura de amargo, porque n'aquella mesma hora a lembrança de perder bens e grandeza, se lhe não destruiu, pelo menos lhe aguou, segundo parece, o gosto de assim se ver muito mais perto, e quasi ao alcance do seu idolo.

D'aqui avante, por si se faz a comedia: Luiz, alçado por Duque, recebe em publico a Sophia; dota largamente a Gabriella; esta casa com o seu Carlos; o pae Roberto vai com elles; e Jacques fica em seu logar por feitor da Condessa. *Solatia victis.*

VIII

A outra acção, *Ricardo, ou a força do destino*, passa-se na Toscana.

O Gran-Duque Henrique, viuvo e sem

filhos, determina de se casar com a Princeza Julieta, filha do Principe Edmundo, seu intimo e leal amigo. Na primeira scena a vemos no seu aposento, dizendo mal á sua vida por assim virem a lhe embargar uns secretos e finissimos amores que traz com Ricardo, mancebo gentil, que em seu palacio se creára como filho, mas a quem se não sabem paes. Eugenia, sua aia, que já de sua mãe o fôra, tanto se condoe do aperto em que a vê, que, para lhe crear animos, lhe descobre parar em sua mão um papel cerrado, que a Princeza-mãe lhe entregára ao despedir-se da vida, onde se contém o nascimento de Ricardo, com outros segredos que muito poderão fazer á sua fortuna; o qual papel, porém, segundo a recommendação da moribunda, só em uma de duas occasiões poderá ser aberto: por morte do Gran-Duque, ou por algum perigo imminente de vida, a que o orphão se veja chegado. Deseja e insta Julieta para que se tente tal remedio, pois que na mão o tem; mas não o leva de Eugenia, que não é ella mulher para faltar a juramentos.

Corria o tempo; apressavam-se os preparativos; ia o perigo, de ponto em ponto, a inevitavel. Gera ousadias o temor. Recebe o Gran-Duque uma carta de Julieta, em que esta, pelos melhores termos que pode, lhe vem pedindo que a não constranja a um impossivel, por quanto o coração que elle requesta, já o ella não possue para lh'o offertar, que muito ha que o tem dado a outrem. Era o Principe homem de bom juiso; espinhou-se a principio a majestade, com o re-

pudio; mas venceu-a logo a rasão; e entrando Edmundo, lhe participa haver n'aquella hora mudado de designio, e o deixa entregue a mil desvairados pensamentos, sem por entre elles poder encontrar com a causa de tão subita mudança. Mas a carta da filha, que o Soberano ahi deixára por descuido, lhe descobre parte do enigma. O que falta, por si se lhe explica, pois que, se Julieta ama, não poderá ser senão a Ricardo.

Já áquelle tempo o desaventurado moço era fugido, que, assim como soube do projectado casamento do Duque, assentou em não pôr mais pé na casa da sua perdição, e lá se anda a monte, por solidões, a curtir penas. Quiz sua estrella (pois que são ellas por boa astrologia as influidoras da *força do destino)*, quiz sua boa ou má estrella (que não quero já d'aqui chocalhar o que está por vir) que, sahindo-se Henrique a montear, acertou de ir ter ao mesmo bosque; e, namorado da amenidade e frescura d'aquella parte d'elle onde Ricardo se homisiava, mandando afastar monteiros e comitiva, se assentou a repoisar junto de uma arvore. Por detraz do mesmo tronco lográra Ricardo esconder-se; e ahi começa uma scena de tentações atiçadas pelo diabo debaixo do nome de *amor*, e melhor disseramos *ciume*, em que o desventurado mancebo por tres ou quatro vezes se sente a pique de cravar ás punhaladas o coitado do velho, muito mais coitado do que elle, e nem sequer já áquellas horas seu rival. Prevalece contra o diabo a Natureza; horrorisa-se do intento; arroja de si o ferro; descobre-se.

Levanta-se o Principe, entre assustado e indignado, appellida os seus, manda prender o *criminoso*. Voltam á cidade.

Insta Edmundo com Henrique, para que se dê pressa a pôr a pena ao delinquente, e se espanta de o achar tibio e irresoluto na vingança. Acode Julieta, acompanhada de Eugenia, a lançar-se aos pés do imperante, intercedendo pelos seus amores, com grave affronta e indignação do pae. Diz que na mão de Eugenia vem papel desconhecido, por onde o incognito nascimento do reo se fará patente; pede e alcança que não só se leia, senão que se leia na presença d'aquelle a quem mais toca. Trazem Ricardo agrilhoado; abre-se a carta; Edmundo a lê em voz alta; escreveu-a e assignou a a Gran-Duqueza Ernestina já quando desenganada da vida; e fala com os povos da Toscana. Ahi lhes declara como, andando ella pejada, sonhára o Gran-Duque Henrique, seu marido, que lhe nascia d'ella um filho, que, por competencias que entre ambos se viriam a levantar, lhe poria a vida em grande perigo; que, induzido o pae de maus conselheiros determinára esquivar se á prophecia, com dar morte ao recem-nascido; que industrias porém do materno amor levaram a palma; que o menino se salvára, e vivia; que em casa, e á sombra da esposa de Edmundo se creava; que era *Ricardo* o seu nome; que era esse o herdeiro da corôa, e que por um signal da face o reconheceriam. Caem as cadeias, as iras, os ciumes; o pae abraça o filho; o filho ao pae; os dois amantes casam, com geral contentamento; e, porque

os casamentos nos actos finaes costumam ser contagiosos, casam tambem o gracioso creado de Ricardo com a lacaia da Princeza, ficando por este segundo desfecho burladas as esperanças de outro pretendente, que é um velho e derrengado creado de Edmundo.

As scenas jocosas d'estes dois competidores entre si, e com a namorada de ambos, que a nenhum quer desenganar por não diminuir probabilidades; os lances e apuros comicos a que o andar das coisas os vai levando, não são o menos bom da comédia, e assaz provam que era a autora para muito mais do que fez; e bastante houvera conseguido, se com mais humilde *sócco* se contentára.

IX

Da invenção d'estas duas comédias, pois que d'ellas fômos relatores, já nos não cabe dar sentença. Só diremos em geral, que em ambas, sem embargo da diversidade dos enredos, se divisa a mesma mechanica, porque em ambas pende a acção de um personagem, que não é quem parece, e se desenlaça com a apresentação de um papel, preparado desde antes do principio para vir na hora do aperto descobril-o, e pôr tudo em bôa ordem e harmonia; mechanica esta que só por mui velha e cahida podéra hoje figurar de nova no mundo theatral.

No desenho dos caractéres não falta, pelo de mais, *justeza* e *verdade*, como em phrase do officio se usa dizer; mas, como todos ahi arrasôam e falam á moda, isto é pen-

sam francez, ainda que em portuguez falem, sentem francez, ainda que portuguez pronunciem, o desnatural da locução talvez damna ao effeito; e as *partes*, aliás bem concebidas, se nos não conchegam bem com a consciencia. ¡Mas que muito que tropeçasse ella, inexperta, onde elles, praticos, tantas vezes caem!

X

¡Oh! ¡Que formosa coisa fôra, se, por saciados e enjoados (já que por *prégados* e *convertidos* não póde ser), acabassemos algum dia por nos persuadir quantos outros nobres e fecundos amôres procedem do amôr da patria Lingua! Se o ignoral a póde ainda alguma vez ter desculpa, o empregal-a, ignorando-a, em coisas de luxo, nunca deixará em tribunal de sizudos de ser sandice.

Das injurias que se lhe pódem fazer, não é ainda a peor a de a salpicar de palavras peregrinas, com ser já essa uma confissão muito clara de ignorancia, mas sim o contrafazel-a por dentro, não no corpo, que são as palavras, senão na alma e vida, que taes se pódem chamar o geito e feição interna do periodo, a indole peculiar de sua construcção, a maneira essencial de converter em figuras as ideias, de fazer entender por formulas acceitas, correntes, e costumadas, toda a varia força e relações dos affectos; n'uma palavra: aquelle *não-sei quê* que todos sabemos, tão candido e sincero, que é em cada idioma o que são na mulher a

pureza e as graças reunidas, que da alma de quem fala transporta mais do que as ideias para a alma de quem ouve; porque n'ellas, como que vem pegada (vá sem vénia a ousadia) uma parte do mesmo espirito que as engendrou; em summa: aquillo tão hereditario, tão materno, tão do leite, do berço, dos brincos, das ruas, das officinas, da praça, da casa, e do campo; tão do nosso ar, do nosso viver, do nosso sonhar; tão do nosso lêr, do nosso recordar, do nosso orar, do nosso folgar, do nosso doer; aquillo tão inauferivel, tão *nosso*, que todo o mundo nol-o não póde para si tomar, e por onde, conversando inteiras horas em afinação portugueza, a todos os conceitos chegamos sem dar fé de uma só phrase, que, por diversa no feitio e movimento, nos esbarrasse ao entrar pelos ouvidos.

Isso sim, que é em cada uma das Linguas o *sancta sanctorum*, a que ninguem deve consentir offensa, nem sombra d'ella.

XI

A verdade é, que em toda a parte ha bom e mau universal, bom e mau particular e proprio.

Assim hão-de em cada povo os que n'elle escrevem, e lhe são ou pretendem ser guias, zelar-lhe o bom que de seu tem, procurando grangear-lhe o bom alheio que lhe mingúa; sacudir-lhe o mau que o enxovalha, forcejando por que lhe não entre o mau alheio, que, de envôlta com o bom (e mais pegadiço que o bom) lhe podéra vir.

Devem ser como os artifices do Templo de Salomão: com uma mão na obra para o edificar aos fieis, e na outra a espada para o defender de inimigos.

Muito nas boas horas nos venham de França elegancia e finura; de Inglaterra altiveza e força; doçura de Italia; graça e pompa de Castella; philosophia, phantasia, e novidades de Allemanha. Mas para usar de tudo isto não tiremos de extranhos a Linguagem, senão quando conhecermos, em consciencia, que não basta a nossa; e ainda então, não é á porta do Francez que primeiro havemos de ir bater e envergonhar-nos, que mais perto temos a mãe Latina, a boa irman Hespanhola, e ainda a Italiana.

E se isto, que em geral, por parte da Lingua requeremos, é tão justo, como ainda os mais rudes confessarão, ¿quem não vê com quanta mais rasão se está por si mesmo requerendo para o Theatro? porque: se o Livro é de seu autor, o Theatro é do Povo; se o Livro é retrato do pensamento de um individuo, o Theatro é espelho para todos os individuos; se, emfim, no Livro o que muitas vezes se acha é um mundo phantastico, no Theatro ha-de sempre contemplar-se a sociedade humana, embora entremeada de caractéres raros ou unicos, mas sempre sociedade, isto é, de mutua, facil, e natural communicação entre todas suas partes, e, por conseguinte, expressa toda por uns termos e formas, não só entendidos, mas costumados dos ouvintes, e como que nativos de sua mesma terra.

N'este particular me pareceu bem demo-

rar-me, por poder ir este papel, por acerto ou erro, cahir em mãos de algum dos muitos, que para o Theatro escrevem, que por moço podésse ainda olhar por si, e por não callejado se quizesse converter; reformação essa de vida muito para louvar, não só por longa e difficultosa, mas principalmente pela soltura que aos escrevedores estão consentindo o desleixo, ignorancia, ou covardia, de muitos censores.

Mas, pelos não acordar a elles d'onde dormem, que poderiam vir estrear em mim o seu officio, largo por mão a materia, e faço volta ao de que vinha tratando.

XII

Digo pois que, apesar do defeito geral da Linguagem, e do fraco da invenção, não carecem as nossas duas comedias de bastante merecimento.

Isto ao menos sei eu: que muitas ha ahi escritas por autores lá de fóra, escolhidas, vertidas, representadas, continuadas, impressas, e lidas, que, se não valem menos, tambem não valem mais do que estas duas; mas que, se nos lembrarmos por que mão estas duas foram feitas, não havemos de dissimular que valem ess'outras muito menos.

E' o drama a obra mais de-costa-a-riba de toda a Litteratura.

E' a nau de-linha da republica litteraria, para a qual todo o saber e experiencia, todo o engenho, todo o trabalho, toda a riqueza, apenas bastam.

Desde o escolher, cortar, e aparelhar o

de que se ha-de construir, até a lançar perfeita mar em fóra, capaz de navegar para toda a parte, e de resistir a todas as ondas, vai tão largo o dispendio de tempo, mettem o juizo, a phantasia, e o coração, tanto cabedal do seu, que poucos braços de homens são para tanto; braço de mulher, nenhum.

A novella, sim, é e deve ser de sua alçada, porque para ahi vão bem cabidos o luxo do descriptivo, os derramamentos da conversação, os incidentes e episodios, as moralidades philosophicas, o cançar, descançar, e dormitar de quem escreve, e mil outras partes e desares, que (sem querer fazer offensa aos engenhos feminis) no inventario judicial de suas virtudes e defeitos fielmente se encontrarão.

Algum dia sahirão a lume Ricardo e O Duque de Clèves. Quem os então ler, e se recordar do que deixo escrito, conhecerá que, se por algum modo peccam as minhas sentenças, mais é por severidade do que por indulgencia; e que em tudo que eu jámais podér dizer de bem de meus amigos, ou de mim proprio, bem se póde fazer conta do meu voto; porque nem a mim me costumo perdoar, nem sequer lisonjeio aos que mais amo.

XIII

No seu theatro representava a nossa Poetisa, com grande e devido applauso de quantos a viam, que assim era ella natural em todos os seus geitos e movimentos, expressiva nos gestos sem emphase, e no declarar energica sem artificios; prendas mui raras

então, e mui raras hoje, em comicos professos e de largos annos, ¡quanto mais em quem nunca pizára tablado!

Agradava a novidade; tornava se preceito o exemplo, pela autoridade da pessoa. Todas as mais damas e sujeitos da *Companhia*, que em geral se compunha de parentes seus, procuravam imital-a.

Sahiam os dramas bem, isto é, sahiam taes quaes eram: não desfigurados, nem contrafeitos, nem parodiados, nem arrebicados, nem possessos. Representações perfeitas, não, que não podia ser; porém muito menos afastadas de *normaes*, do que tantas outras, que por paginas de jornaes e cartazes de esquinas com esse titulo se pavoneiam, não sem muito riso de estrangeiros, e encolhida vergonha dos naturaes que ainda a conservam.

Os costumes, excusado é advertir que eram ali escrupulosamente respeitados; não se consentindo em immoralidade, nem por atacado, como por ahi se vende enfardada em grandes dramas de nove actos e vinte e nove quadros, nem sequer ao retalho, como nol a dão os graciosos de entremezes, os mais normaes de todos os normaes, depois dos poetas normaes d'esta normalissima era de normalidades.

Castigat ridendo mores - tinha (e quer ainda hoje ter) por sua divisa o theatro; ¿e por que não, se para tudo dá o bom do texto?

—Por modo de riso vamos dando cabo dos bons costumes — quererá dizer. ¿E quem então o contradirá? A' fé, que não serão os

paes de familias, que trazem, já de annos, voto feito de não levar lá mulher ou filha sua...

Mas, porque tambem esta paragem me é perigosa, e, se me deixasse ir levado na corrente, poderia ahi cahir em guellas e inferno de alguma Charybdis, volto prôa, dando muitas graças a Deus de o fazer ainda a tempo; e dos theatros grandes a toda a força de vella me torno a acolher ao nosso amavel theatrinho, de que nunca eu houvera sahido.

Outra prova do bom juiso e gosto de sua dona era (em meu entender) que, sendo, como ainda hoje é, costume geralmente recebido, que n'este genero de divertimentos particulares não figurem senão homens, não só representava ella, mas fazia representar aquellas de suas parentas e amigas, em quem sentia mais habilidade; e não havia n'isto inconveniencia, que tanta era a virtude das por tal mão escolhidas, o juizo dos com quem lidavam, as relações que entre todos havia, a probidade hereditaria da casa, e a vigilancia dos donos d'ella.

Por este modo, sem offensa dos bons costumes, nem quebra na fama, se evitava o mais semsabor de todos os semsabores inventos que ao mundo teem vindo, o mais desnatural, o mais absurdo e insoffrivel, que é o das *damas* machas.

— Outras não temos, nem podemos ter, nem devemos ter.— acudirão por si os theatrinhos.

Bom remedio: fechae-vos, e desfazei-vos, já que não podeis representar.

Simphonias desafinadas,—dizia Horacio—maus perfumes, e maus doces, não são coisas, que em um lauto banquete se hajam de consentir; e ¿porquê?

... *poterat duci quia cæna sine istis*;

porque são luxo, de que se póde prescindir. [1]

XIV

Entre taes passatempos, e tão afinados pelo instrumento secreto de sua alma, lhe corriam os annos, leves, risonhos, com as mãos pejadas de dadivas, os rostos cheios de promessas.

Uma só coisa lhe faltava: e era convivencia de poetas como ella, para cujos ouvidos trabalhasse, com cujos louvores se accendesse, em cujas amigaveis censuras se instruisse, almas espaçosas, por onde a sua acordasse eccos, e por elles se podesse conhecer, julgar-se, apreciar-se.

Pelos engenhos vai, o que vai pelas palmeiras; com cujas ramas elles sympathisam. Tambem solitarias se florescem; mas, para cambiar as flores em frutos ricos, é mistér á arvore a vizinhança de suas irmans; ao espirito, a convivencia com espiritos seus egu-

[1] *Ut gratas inter mensas symphonia discors,*
et crassum unguentum, et Sardo cum melle papaver,
offendunt, poterat duci quia cœna sine istis.

Arte Poetica—versos 374, 375, 376.

Nota dos Editores.

aes; e então, não invocada, não sentida, nem vista, baixa pelos ares perfumados e poetisados a fecundidade.

Os hermaphroditos que se desposem comsigo mesmos, e produzam, são porventura ainda mais raros, ou mais fabulosos, que os hermaphroditos corporaes.

Algum exemplo se apontará (e será por Allemanha) de poetas-poetas em solidão; mas a esses a fama lhes serve de aura fecundante. O sussurro intellectual que gira nos ares, lhes faz vezes de sociedade; e para se manterem accezos basta, e sobra, que já no presente estão como que ouvindo a posteridade.

Nada tinha d'isto a nossa Francília, que atravessava o mundo por caminho na verdade facil, mas cercada, como o Enêas de Virgilio, de uma nuvem, que, permittindo-lhe ver todo o movimento exterior da cidade, lhe tolhia o ser vista, reconhecida, saudada, e venerada pela que realmente era.

Infert se septus nebula, mirabile dictu,
Per medios, miscetque viris, neque cernitur ulli.

E este viajar é triste e cançado; muito mais, quando falta Achates, com quem se abra de longe em longe o coração. Foi desaventura sua, mas não unica, nem rara.

Prosaica é toda a sociedade; mais ou menos prosaica foi sempre, e será sempre; e tambem isso, tão esquivo e insoffrivel para o Poeta, nos mostrará a sizudeza reflexiva dos philosophos ser, como realmente é, um grande e indispensavel bem. Mas, bem ou

mal, é prosaica, fria, egoista, desdenhosa; terrestre no trabalhar, no pensar, no querer; incrédula e incapaz de abraçar, de seguir, ou de entender, o verdadeiro Bello, divindade sublime só revelada aos espiritos altos, e que o povo (e *povo* é quasi tudo) só adora repartida em falsos idolos de oiro, de prata, de honras, de poderio, de delicias, e de outras caducas mundanidades.

Acontece logo forçosamente, que todo o genio que ahi nasce (e melhor dissera, que do ceo para ahi cai), vive vida de amarguras em forçado e trabalhoso desterro, que por isso ha pouco lhe chamámos predestinado da gloria e precito da ventura; vive ralada vida de desharmonias, de contradicções, de tropeços, de quédas, de arrojos e abatimentos revezados; unico *fiel*, entre descrentes, e unico elle havido e evitado por *descrente*; fugindo de ouvir; tremendo de falar; mal ousando apparecer; e nunca de todo descoberto. ¡E o fogo sagrado, com que tanto podia resplandecer e allumiar, fechado n'alma d'onde só por olhos ressumbra, lh'a queima e requeima por dentro, lh'a desfaz, e se desfaz!!...

Meus amigos, se Deus vos der filhos poetas, não os esperdiceis; mas pedi-Lhe de mãos postas que vôl-os não dê; que mal se compensa com uma palavra sonora, gravada em loisa de sepulcro, o descontentamento, encurtamento, e mallogro de uma vida.

Quando em *ermo* de poesia vol-a deploro, não quero dizer que absolutamente lhe faltassem relações com os poetas do seu tempo. Com alguns sabemos que as teve, sendo

d'elles estimada e celebrada; taes como: Curvo Semmedo, Marqueza de Alorna, Pimentel Maldonado, Conde d'Obidos, Massuelos Pinto, todos tambem já defuntos, e outros que ainda vivem, como os senhores Garrett, Barão da Pedra Branca, Lopes de Lima, José Maria Grande, o Padre Oliveira Leitão de Gouvêa, e a senhora D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado. Mas todos estes bons espiritos, só por acaso e de passagem atravessaram pelo seu horizonte, vindo assim a causar lhe mais saudades, do que verdadeiro aproveitamento de doutrina e exemplos.

XV

Poetava ella, todavia, e assim continuou até á ultima hora; mas, como quasi só poetava para si, nem se ia para o trabalho com aquelle impeto e fé que fazem milagres, nem curava de esmerar e lustrar o que fazia.

Eram objecto de seus cantos (gorgeios de uma ave engaiolada, gorgeios — improvisos, desestudados e formosos — os disséreis) o amor e a amisade. Mas ¿que interesse grande para os de fora se poderá desentranhar do trato uniforme e tão sereno de uma amiga com suas amigas? Ou ¿que ha, no amor satisfeito e seguro, para muita poesia?

Alguns versos entretanto apparecem, por entre os muitos que então escreveu, onde sôa o gemido, expressão, e vingança do ciume; mas, se o sentimento que os dictava era verdadeiro, mui longe estava de verdadeira a causa que o produzia.

A mais perfeita e mutua lealdade reinava

no casal. Era ella, e foi sempre, amada; como sempre o serão de homens honestos as pouquissimas que reunirem, com as demais virtudes, a brandura e suavidade de indole que a extremava.

Mas de causas externas não tem o ciume necessidade para se produzir; é cancro d'alma, que por si nasce; cortam-n-o, e cuidam extirpal-o; e logo do mesmo humor da alma se renova. Na de Francilia, se hei-de dizer o que entendo, não provinha elle de infidelidades do esposo, que nenhumas havia, mas antes, e só, da necessidade de dores, que um coração poetico forçosamente havia de ter em tão largo e constante remanso de fortuna.

¿Que remedio? taes somos todos por natureza; e peores que todos, os poetas. Meus amigos, outra vez vol-o digo: Deus defenda de poesia os vossos filhos.

XVI

Em remanso de felicidade, disse eu que vivia ella. Assim era, mas não durou.

Cançou-se a Fortuna de tão longo servir contra seu costume; trocou as mãos; choveram os trabalhos; desfez-se a opulencia; desappareceram com ella os praseres, sendo d'estes os ultimos em fugir os da beneficencia. Assombrou-se e succumbiu o varão; acudiu-lhe, e salvou-o, e consolou-o, a mulher.

Tambem isto o sei eu por experiencia: que, por mais que blazonemos nós outros, nem sempre somos dos dois sexos o mais

forte. Para lutar com a Natureza physica e bruta, sim; mas para combater a Fortuna, vencel-a, e humilhal-a, á fé que não. Porfiará o homem contra o mal, até cahir vencido; ainda depois de vencida se debaterá a mulher, e muitas vezes ressurgirá triumphante.

Nos dias serenos, basta a fragrancia de uma rosa para a prostrar; uma sombra a intimída; uma voz mais alta lhe demuda as côres; n'um passeio por um relvado de jardim se vos pende ao braço de cançada ou mimosa. Mas vem a noite tormentosa da adversidade; ahi é o crescer, e sahir gigante, como que em todo o demais da vida não tivesse feito senão poupar e ajuntar forças para o conflicto.

Aqui, porém, outra accrescia a esta rasão geral, que do que deixámos ponderado facilmente se deduz: pelo mundo passam, mas não são do mundo, os animos dos poetas; e todo o desabar de edificio terrestre mal lhes parece merecer a pena de uma verdadeira saudade.

Com um exemplo d'entre mil o provarei, posto que extranho á historia, mas que, por ser de poeta e de amigo, não será desacceito.

Trabalhava, tempo havia, o nosso «Horacio Portuguez», José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvêa, na feitura e aperfeiçoamento de uma de suas odes. Todos os dias passeavamos juntos, e, nas largas horas que durava o passeio, todo elle era Ode, e alvoroço lyrico. Finda a tarefa, continuam os passeios, que eram já de posse velha;

mas, logo n'essa primeira tarde, se era ida a furia e alegria do nosso Poeta: á ventura se deixava levar, calado, distrahido, e melancolico. Requeria-se-lhe o motivo, dissimulava. Instámos; e ... (¿ adivinhal-o-hieis vós outros, os mundanos?) confessou-nos, com aquella infantil candura que é tão sua, que chorava a queima de um seu olival, que era a melhor parte de todo seu haver; que havia já semana que a noticia lhe chegára; mas que, occupado como andava com a sua Ode, só então achára ocio para se contristar, como de veras se contristava, com tamanha perda.

¡ Estes são os poetas!...

Quasi que me crescia agora tentação, meus amigos, de desejar poesia para os vossos filhos e para vós mesmos, pois que de uma tão facil coisa, como é uma Ode, se pode fazer conductor que decline o raio, ao menos por algum tempo.

XVII

...... Assim lhe corria a ella a vida, já demudada mas ainda não anoitecida. Passeio do ultimo crepusculo de verão, ou primeiro de outomno, lhe foi aquelle mau e bom tempo.

Já as alegrias estrondosas se eram idas. Já entre os seus olhos e o ceo lhe iam seccando, e amarellejando, e cahindo, algumas das suas mais verdes esperanças. Mas quanto mais se rareavam ellas, mais se lhe desembaraçava a luz de cima, de que já então começava a namorar-se.

Da mão esquerda de Deus nos chovem as

prosperidades; mas os trabalhos, com a sua mão direita aberta nol-os lança Elle, quando com o coração nos está acenando.

Vesperas solemnes da morte—chamou aos festins um bom engenho. ¿Por que se não chamaria assim ás dôres jejuadas, e trabalhadas vigilias, de outros melhores contentamentos?

Jazia a casa triste e sizuda; o theatro, desfeito; dos saraus e festivos tumultos, só duravam memorias; o alvoroço da vivenda, com a mocidade dos donos d'ella parecia escoado.

Era já a nossa Poetisa entrada pelos quarenta e seis annos de sua edade, e então começava o noviciado dos padecimentos. Dos cuidados do esposo se compunham, pela maior parte, cs seus, cuja violencia só pela grandeza da serenidade com que lh'os recatava a poderamos medir.

Reprehensão é mui sabida e costumada em bocca dos reprehensores de tudo, serem fingidas as mulheres; mas, se bem se advertisse, ahi se veria um dos seus mais altos e menos entendidos louvores. Essa *quéda* lh'a deu a Providencia, não por amor d'ellas, se não por amor de nós. Quasi todo o seu dissimular e simular é para melhor se desempenharem para comnosco do seu officio de consoladoras.

O mesmo fazem ao homem, filho adoptivo da sua alma, que aos filhinhos ainda infantes de seus amores: para o distrahir das penas, lhe cantam; para lhe seccar as lagrimas, engolem as suas e sorriem; para o divertir das mágoas da vida, sobredoiram de palavras

arraiadas o lado visivel do animo, voltando para dentro a mais nublada e tormentosa parte d'elle.

A affeição conjugal (não lhe chamarei aqui *amor*, que é termo improprio, não por dizer muito, como alguns cuidarão, mas por dizer pouco), o uso a convertêra em necessidade e natureza.

Dois entes que envelhecem juntos, não envelhecem; não são neve as cans, que a uma e uma se viram nascer; e, se ahi reinou sempre, sem extravios nem quebras, a formosa virtude do mutuo bem-querer, chegada a hora do desamparo dos mais gosos, a todos succede; a todos suppre; com a herança de todos elles se reforça; torna-se paixão de novo genero, serena, inatacavel como coisa santa, immortal como coisa divina.

N'esta unanimidade viviam, emendando ella, com o seu extremado juizo e virtudes, os estragos da sorte, e encobrindo, com quantas mais flores poeticas sabia e podia, as ruinas da edade.

Já o costume principiava a conchegal-os com a sua nova condição; e no logar das delicias, que já de fóra lhes não vinham, n'outras melhores se vingavam, todas nascidas de dentro, mais finas, mais suas, e mais delicias..............................

....

XVIII

Senão quando.... uma noite (foi a de 14 para 15 de Novembro do anno de 1829), dormindo toda a casa, sôa no leito dos esposos

um grito dorido. Acorda ella em sobresalto. Revolvia-se o marido, torcendo-se e retorcendo-se sob as angustias de uma pontada agudissima. Bradava por ella, e por Deus; ambos lhe acudiram: ella, com todos os soccorros, que o aperto do lance estava requerendo; e Elle, despenando-o brevemente de tão incomportavel martyrio.

Quando veio pela madrugada, já o leito de dezasseis annos de amores era féretro; e de dois, ainda ha pouco tão vivos e tão vivazes, só estava de pé um corpo semi-morto, mais pallido que o defunto, com os olhos cravados n'elle, a alma fulminada, esmagada debaixo de todo o pezo do passado, duvidando ainda da evidencia, e sem perceber d'ahi para avante caminho algum possivel para qualquer parte do mundo.

Contar os extremos d'aquella dor, nem as proprias testemunhas d'ella o atinaram. Só os muito desgraçados (e nem todos) os rastrearão. Concebo-a eu, e sinto-a para mim; escrevel-a para os outros não o sei, nem que o soubera o tentaria.

E' já de si a humana vida tão cevada de tribulações, veem-nos ellas tamanhas, tão imprevistas, e tão certas, e tão irremediaveis, de todos os lados e por todos os modos, umas de dentro outras de fóra, umas de perto outras de longe, umas debaixo dos pés outras do alto, que nenhuma deshumanidade pode já haver mais impia, nem nenhuma sandice mais tonta, do que empregar a escritura, que só para instruir e consolar se inventou, em martyrisar sem nenhum proveito aos pobres dos leitores, que nenhum mal nos fize-

ram, e a quem no seu proprio não faltará que chorar.

Emfim os levaram, um do outro arrancados pela primeira vez: a elle, para o descanço do sepulcro; a ella, para outro peor sepulcro, e sem descanço.

Refinou carinhos a amisade dos parentes; tentou a de todas as partes a razão com consolações; mas cada affago lhe recordava uma perda; e contra cada razão de conforto mandava mil a desesperação.

Era a sua fraqueza a mais forte n'aquelle combate; cederam-lhe; deixaram n-a a seu gosto cerrar-se nas trevas de seu aposento, esquiva a todos os olhos profanos, debulhada em lagrimas, e entregue, entre dia e noite, á pratica das mil engenhosas e nem sempre vans superstições do coração.

Do tempo fiavam parte do remedio, que é elle (como elegantemente disse um nosso escritor) a *emma* das grandes dores, que todas esmoe e desgasta, e aguardavam o complemento da cura da Providencia de Deus, e do não vulgar juizo com que a Elle dotára.

Passaram dias, semanas, mezes, e ainda annos. Cançou e decahiu o delirio; ficou só a tristeza, que tinha de ser n'ella tão sem allivio como o luto.

XIX

Dezasseis mezes menos tres dias lhe estavam já curtidos em lagrimas, quando em 13 de Março de 1831 me escrevia para a serra do Caramulo, onde me eu então em-

brenhava a desastrada mudança do seu estado n'estes versos, que de boa-mente aqui agora lançarei:

> Victima infausta de crueis saudades,
> saudades que da Morte a foice avara
> de esp'ranças despojou, quasi na borda
> da horrivel sepultura, que incessantes
> de atroz desesp'ração as mãos preparam,
> o derradeiro adeus Francilia grata
> envia ao caro irmão. Lastíma, ó vate,
> a desditosa amiga. Alguns momentos
> traze á memoria de Francilia o nome,
> e sobre o seu destino miserando
> uma lagrima, um ai, desprende ao menos.
>
> ¡Adeus, e para sempre! eu deixo a vida.
> Triste, isolada em meio do Universo,
> ¿da vida que farei? Perdi o esposo,
> perdi Jonio, o meu bem, o meu thesoiro.
> Já nada tenho que me prenda ao mundo.

¡Tanta era a persuasão em que estava da pouquidade de suas forças para continuar a resistir ao mal, que ainda áquella hora não havia perdido ponto das suas, e elle se lhe representava tão fresco e temeroso, como se na vespera começára!

XX

Moveu espanto em alguns, que dor assim verdadeira se deixasse fundir e tornear em versos; e logo os arguiam de arremedar sentimento que já não havia, como carpideiras, que por pompa se levavam alugadas a vozear nos funeraes.

Taes generos de frechas, tiradas por satyricos, ressurtem o mais das vezes do alvo,

e voltam a cravar-se nos seus autores; por que o suspeitar deslealdade e embuste sem rasão, indicio é, e não leve, de animos desleaes e embusteiros.

Acudia eu por parte da ausente (que elles não conheciam) com dizer-lhes e repetir-lhes isso mesmo.

Ponderava-lhes, como não só era prova de insoffrivel soberba, se não tambem de ignorancia imperdoavel, o presumir qualquer, que tudo quanto com o discurso se lhe não conchavava, ou se não ageitava com os seus particulares costumes, havia logo de ser condemnado por desnatural, inverosimil, e impossivel; que n'uns matava o infortunio como corisco; n'outros como doença; n'outros como cançasso; que em muitos não entravam as penas; em alguns duravam pouco; em alguns (e eram esses os mais miseraveis) se lhes egualavam com a existencia; que este desafogava em lagrimas e clamores, aquelle em furias; que um apenas suspirava, outro se queixava, outro orava, outro emmudecia; qual fugia para o ermo, qual para a sociedade para se aturdir, qual para o suicidio para se resgatar; procedendo de uma só raiz, que é o instincto e necessidade do repoiso, o desconcerto de tão encontradas variedades.

¿Por que logo, onde havia e cabia de tudo, um espirito desde a infancia creado e costumado com a poesia, que a tinha por quotidiano pensamento, e quasi por linguagem, e que n'ella traduzira sempre tudo que o alegrára ou entristecêra, havia de ser forçosamente esbulhado da unica herança, que d'en-

tre todos seus outros bens lhe remanescia? e mais, quando já o correr do tempo tinha levado de cima da melancolia os delirios, e a desesperação.

Assim a justificava eu do crime de novo genero, e pelo menos ridiculo, de que algumas semi-almas em prosa a faziam ré, ¡por exhalar mágoas de dezasseis mezes em regras de onze syllabas! E assim defenderei sempre todo o accusado á revelia por quem o não conheça.

Dictame é este em geral de summa justiça, nem vai grande louvor em o guardar; mas no applical-o ao caso de que tratamos, dou eu um documento não duvidoso de minha inconcussa lealdade; por quanto, se por mim mesmo, seguindo o costume d'esses mesquinhos, a houvesse de julgar, já podéra dizer, e com menos temeridade do que elles, que não era verdadeira dôr a que se deixava dobrar a artificios métricos.

Sujeitam-se as murtas, e mais plantas de garrida louçania e lustrosa gala de vergéis, a que a industria as apare, torça, ate, e affeiçôe ás figuras de seus desenhos; o cipreste não: todo elle é tristeza brava, desalinho selvático mui isento, mui desambicioso; só folga com o seu negrejar, com o seu gemer; só com as urnas se entende, e só aponta e se levanta para o ceo.

A viuvez d'alma, se Deus não tivesse podido, querido, e devido, crear almas diversas da minha, havia de ser quasi sempre tácita. Poeta em si e para si, algumas vezes e muitas; mas ¡para os outros e para profanos poeta! nunca jámais.

Apartemos, porém, por excusada, esta digressão, caminho declive que me levára aonde agora não posso ir, ainda que para lá me fuja a vontade; e tornemo-nos com a mão ao fio que nos vinha governando.

XXI

Dado e assentado por sem duvida, que estes e outros seus versos, de que logo faremos conta, podiam sem maravilha nascer em cemiterio (raridade não sem exemplo e exemplos na Historia litteraria), vejamos o como passou por ella esta derradeira parte da vida, que ainda abrange uma eternidade de nove annos.

Só mulher e poetica a vimos até aqui; d'aqui avante a veremos mulher, poetisa e christan. O que a vida não soubéra, soube-o a morte; o que não podéra fazer a felicidade, a desaventura o fez: completou-a.

Fôra em todo o tempo uma de suas qualidades, e até uma de suas graças, um genero de melancolia, que em meio dos maiores gostos a salteava; ella lhe temperava o riso, lhe embrandecia a voz e o dizer; filtarva-se e expirava-se por todas suas acções; em meio do povoado lhe creava soledades, e nas soledades campestres paraisos. Chamam-lhe *achaque* ou *sina* de tristeza os que a não experimentaram; sendo que se ha n'este mundo trato e conversação com outro melhor, e no valle das lagrimas uns longes de ante-gostos da Bemaventurança, só os alcançam os melancolicos, que o não dizem.

A esta nativa predisposição deu incremen-

to e força o desamparo e orphandade, em que via e sentia o seu amor. D'antes, era a sua melancolia como veo raro, transparente, azul celeste, que a sua alma trazia, qual se lhe fôra posto por mão branca de algum Anjo bom, para a resguardar, já da muita luz que importuna, já do olhar muito mais importuno de todos os que passam; casto e mystico veo, que, sem desfazer ás coisas as suas figuras, côres, e sons, tudo isso lhes demuda, tudo aformoseia, e poetisa todos os caminhos e atalhos da peregrinação. Agora porém, de veo se lhe transformára em venda tão tapada e cega, que era já para ella o mundo como se não existira.

Em Lisboa, e debaixo dos mesmos tectos, tão lembradas testemunhas de contentamentos, levou os primeiros annos em mais que apêrto de clausura, cerrada comsigo em seu aposento, como em templo ou tumulo, cercada de reliquias e memorias do ausente companheiro da sua mocidade; não querendo ver, nem ser vista; não pedindo nem soffrendo novas de fóra; nem consentindo em visitas que lhe interrompessem as do esposo, salvo nas de sua mãe, e de alguns outros intimos parentes, que por dó, ou por interesse que n'ella tinham, e juntamente por aprenderem cada vez melhor a admiral-a, algumas vezes entravam, como a furto, a vel-a e ouvil-a.

XXII

Do livro interior do coração humano, nos dias das paixões tempestuosas da mocidade, disse eu, pouco ha, ser grande fortuna que

não podessem olhos de fóra chegar a lel-o.

¡Mas que livro, para ser lido, estudado, e citado, o que fiel e pontualmente contivesse a chronica do como tal espirito, e em taes circumstancias, empregou, encheu (e talvez enfeitiçou) tantas e tão largas horas de solidão! Mas quem, só, nos podia dar esse livro, jaz agora debaixo da terra.

O mais que d'elle nos ficou, foram alguns fragmentos sôltos em paginas de poesia. Bom numero d'estas foram *epistolas*, que lá me iam ter á minha serra, com a refutação pratica das especulativas consolações e confortos, que eu de lá, tambem em versos, lhe enviava.

N'estas suas composições, e melhor dissera improvisos, ou vozes de uma alma que a sós estava com outra praticando, ha certo desatavio que muito as recommenda. Por sua mesma facilidade estão confessando que se não fizeram para a Imprensa nem para a fama; qualidade esta já de si muito para louvor (não só indulgencia), por ser a falta d'ella o peccado original que mais partos da melancolia tem levado á perdição. Todas suas galas, que as teem, mais são de sincera verdade, que não de engenho curioso.

E tambem com isto podéra eu tapar bocca aos praguentos, que de poetar a murmuravam. Arvore em flor, que o vento quebrou pelo pé, ainda depois de derribada ás vezes continúa de florejar; frouxamente, sim, tristemente, sim, desesperançadamente, sim, mas com maior merecimento por isso mesmo; porque morre como viveu, e ainda morta não desmente da que fôra.

XXIII

Mas outras Epistolas compunha ella n'essa mesma epoca, as quaes, com serem de mais arrojada poesia e novidade quanto ao genero, muito melhor que todas as minhas defensas lhe conciliariam as boas vontades, provando a sinceridade, profundeza, e constancia, de suas penas.

São estas Epistolas onze em numero, escritas ao esposo, a quem, ainda depois de perdido, reputava por seu. ¿Não reconheceis bem ahi a mulher poetisa e amante?

Se a vós tivesseis visto, atravez da porta do seu quatro cautelosamente fechado a todos, como esconderijo de amores defesos e sequiosos, carregada de preto, cabellos sôltos, rosto pallido e descarnado, olhos scintillantes de fé e amor, physionomia enlevada e absôrta, a alma fóra do mundo, e a mão correndo, como de seu proprio movimento, com a penna por sobre o papel; se tivesseis presenceado o seu successivo mudar de côres, de postura, de gestos, de expressão; se no alternar-se das suas lagrimas, sorrisos, e serenidade, houvesseis traduzido as differentes regiões intimas que o seu espirito ia atravessando; se houvesseis visto muitas vezes, cahir-lhe dos dedos a penna desanimada de alcançar o pensamento, e a encetada carta continuar-se mentalmente, larga, rica, legivel sem ser escrita; fico-vos eu que vos arredáreis d'ali como de um logar de mysterios, tão mysterios para a vista como para o discurso, onde tudo que passava era fóra do natural conhecido, rôtas e devassadas as bar-

reiras entre a vida e a morte, e resumidas no concavo fundo do espelho magico da alma as variedades dos tempos, as differenças e extremos das affeições, a devoção e a paixão, a terra com todos seus gostos, o templo com todas suas ceremonias conjugaes e funebres, a sepultura comtodo o seu enigna negro e luminoso, e o Ceo, reflexo de todas as formosuras do orbe em numero e grandeza infinitamente augmenta das.

Não são estes encarecimentos do estylo, ou sonhos de acordado, de que hoje se tem por uso rechear os livros; é a pura verdade; e nem toda, se não um bosquejo, um longe, e uma sombra d'ella; porque do que em taes horas, tão sem semelhantes, tão ricas, tão extranhas á vida, e tão cheias de vida, tão inspiradas e tão extáticas se descobre, se inventa, se adivinha, se goza, se padece; de tudo, emfim, que pode sahir e sai, para o animo, de cada uma das profundas rupturas de um coração lacerado e não morto, nem o proprio que o experimentou conseguiria recordar-se, nem recordando-se comprehendel o em linguagem, nem comprehendendo o ser dos extranhos entendido.

São estas onze Epistolas os fragmentos que nos ficaram de toda aquella sua correspondencia, ao mesmo tempo funebre e erótica. O seu estylo é derramado; a sua invenção, se de tal vocábulo se pode usar em tal genero, é ás vezes fraca; a ordem, desconnexa; e o metro nem sempre rico. De um coração ainda poeta procederam manifestamente, mas não passaram pela Arte.

Se é este um *senão* é senão que lhes realça

o merecimento. Casos ha, em que a maior industria consiste na falta de industria. Ao lel-as, se está em cada linha reconhecendo que não foram ellas escritas para tal fim.

Sente-se até um genero de remorso de devassar as relações secretas entre o amor e a morte; mysterios santos, mas não menos velados de seu pudor, e ainda muito mais receosos da luz, do que os do amor com o amor na primeira hora de seus abraços sensuaes.

Por isso, ainda que já agora onde está, de novo possuindo (e segura de nunca mais o perder) o objecto que então amava e adorava ausente, nenhuma repugnancia lhe pode já fazer que nós outros, cá no pó d'onde fugiu, revolvâmos esta porçãosinha do espólio, já para ella inutil, da sua alma, por mais piedosa coisa tenho o deixar taes cartas onde jazem, do que, para grangear-lhe umas honrinhas vans, de que já não carece nem saberia, estampal-as para passatempo de curiosos, e violar o que foi em todo o tempo seu segredo.

Mas, porque ha ahi exemplo litterario, e incentivo moral que pena seria perder-se, não deixarei de apontar alguma coisa.

Compraz-se ella de reanimar com todas as circumstancias minimas todos os dias fastos dos seus amores. Na 5.ª, onde historía o principio d'elles, o como, o quando, e o onde se enamorára, encerra um grande numero de primores e graças.

E' sobretudo e sobremaneira delicioso o esmero, e quasi desvanecimento, com que faz o retrato dos seus dotes physicos e mo-

raes, da sua formosura e enfeites no dia em que o descobriu no meio de uma festa religiosa, resplandecendo a seus olhos com as galas militares por entre todos os circumstantes, como ella aos d'elle se extremava por entre as mais donzellas, e mui gentís, de sua edade. Está-se-nos representando infantilmente namorada de si mesma. Não atina o animo allucinado de quem lê, no como ha-de adoral-a: se menina já deusa, se dama ainda anjo; concorda tudo, e duplicadamente a ama. Se não andasse ahi o ultimo extremo da graciosidade natural, seria o maior requinte do artificio.

Uma vez... acorda sobresaltada ao bater da hora nocturna do passamento, para começar a sua carta áquelle espirito sempre presente na phantasia, mas que, ao som de hora tal e tão sua, bem poderá ser que ahi esteja em realidade.

Outra vez, sentada ás escuras junto do seu leito ermo, e com os olhos fitos n'aquelle ceo de estrellas já tão seu conhecido, espera pelos primeiros albores do dia para começar uma nova carta. Não são as aves do seu jardim mais madrugadoras para os cantos do amor afortunado.

XXIV

Mas não só á confidencia dos seus secretos do coração se assiste n'esta leitura; senão a outra muito mais intima, e muito mais *confidencia*, qual é a das duvidas da rasão acerca do futuro destino do homem.

Christan fôra a sua creação (já o nós to-

cámos), em casa e familia christan, entre exercicios e costumes christãos, e em tempo em que para o não ser não havia ainda a moda, nem a licença e seguro que hoje correm; se para bem ou para mal, os nossos netos o dirão.

A agua dos Baptismos d'aquelle tempo, dados com fé, e com fé recebidos, rara vez chegava depois a seccar-se de todo nas frontes. Entretanto, como a sua existencia, com proceder de tão pura nascente, veio até se metter por estes mares revôltos e estrondosos da presente edade, mau se fazia de crer se affirmassemos que nada tomou em si da côr terrena e turva do leito e margens por onde passou.

Não é hoje um grande crime, sendo (nada menos) uma desgraça, e grandissima, o ser tibio e remisso na Fé. No leite se bebe a Fé; no leite se bebe a incredulidade; e este seculo giganteu, mirrado, e altivo, de que somos partículas, do seculo XVIII procedeu; seculo anão, gordo e lascivo, sceptico e mofador.

De tal Padre (se é lícito dizel-o) emanou tal Filho; de tal pensamento, tal Verbo, que se encarnou na especie humana; e da união d'entre ambos tal espirito de frieza, desamor, e morte, que se infundiu, mais ou menos, em todas as almas; e esta Trindade terrestre, inimiga de toda a Religião, constitue realmente a principal Religião da immensa maioria.

Ha dissonancia, se não repugnancia, entre o teor da vida actual e as praticas pias de nossos avós.

O frontispicio da egreja, que ainda medita e ora no meio de tantas outras que sussurram convertidas em fábricas, em quarteis, em tribunaes; as toadas de alguns sinos, que ainda de longe a longe se escutam, quando já tantos outros desceram desbaptisados do alto dos seus campanarios ás fundições da artilharia ou da moeda; o Lausperenne por entre as mascaradas, onde se consente e applaude que dancem as vestimentas sacerdotaes de envôlta com os pintalgados arrebiques dos palhaços; e o sermão, eloquencia suave, desapaixonada, desinteressada, caritativa e amorosa, apóz os discursos do fôro, rhetorica armada, turbulenta, calculadora, e de fins todos terrenos, corporaes, e palpaveis; em summa: tudo que se refere, pela imaginação, a um viver futuro, em meio de tudo isto...... que os olhos estão vendo não se referir nem pertencer senão a um viver presente; são uns como anachronismos mal azados para attrahir vontades, e pouco despertadores de veneração.

Todas estas coisas velhas, sérias e espirituaes, entre o reboliço das modernas, se estão como os anciãos e matronas que assistem a uma festa. Todo o seu viver ali é saudade, saudade do bom tempo em que tambem triumpharam, e a que esta geração não assistiu. Agora não entram ao quinhão d'estas delicias; espantam-se de as contemplar; nem para remuneral as já se afoitam; sentem que a torrente inevitavel da edade lhes quebrou as forças, os arrancou e os leva; que a sua caduca presença nem já contrista os verdes annos dos circumstan-

tes, porque nem já, quasi, para o seu recanto se volvem olhos.

N'estes termos, em que muito receio que não haverá exageração de melancolia, claro está que a espiritualidade, que d'antes sobrava nas mostras, e depois se retrahiu para os interiores, envergonhada dos dedos, motejos, e sorrisos até dos parvos e creancinhas, forçosamente se havia de enfraquecer á mingua de ar, de luz, e de exercicio, e a final esvaecer se e acabar, e deixar se substituir de novos habitos. E isso foi; e muito ha que n'isso estamos; no que (repetil-o hei) mais ha desgraça verdadeira, do que verdadeiro crime.

Ha desgraça, porque não temos alma de que nos honremos, nem consolações que egualem ás afflicções, nem consciencia para base necessaria e inconcussa da moralidade; mas crime não, porque isto que somos, assim positiva como negativamente, não nol-o fizemos nós mesmos. No sangue de nossos paes, no ventre de nossas mães, no leite de nossas amas, no calor do nosso berço, andava já o achaque de que padecemos; anda no ar e objectos que nos cercam; anda no que vemos e ouvimos; atraz de nós vem; adiante de nós caminha; comnosco trabalha; comnosco descança; é o nosso ser, porque o nosso ser se compõe das relações com tudo mais que é.

Entretanto, quando assim deitamos ás costas de uma como *fatalidade*, que não deve ser senão Providencia desconhecida, a publica irreligiosidade d'este seculo, e a desaggravamos generosamente do titulo de ver-

dadeiro *crime*, não queremos dizer que em alguns, e muitos, dos irreligiosos não haja por sua parte culpa, e culpa grave, quando em tribunal de rasão houverem de ser julgados.

Embora vá a infinita familia humana por onde e para onde Deus sabe. Não ha hoje voz tão alta que se lhe possa fazer ouvida, ¡quanto mais a minha! Mas a algum que ainda se detiver por curioso, quando por mais não seja, para escutar o que alguem atraz fica dizendo, ¿por que razão se lhe não diria na occasião opportuna alguma palavra, parecida com essas bonissimas verdades que nem já se usam nem ousam por esta terra? Aquelles o façam sempre, que tiverem, não melhor animo e persuasão mais sincera do que eu, porém maior autoridade no dizer, maior força no disputar, e uncção mais efficaz para persuadir.

A mim me basta, que o lume da minha Fé, que eu cheguei (posto que tarde, e não sem custo) a ressuscitar de sob as cinzas, já o não escondo nunca aos que m'o pedem, ou por elle me perguntam, embora m'o não acceitem; e para estes é que me pareceu demorar-me um pouco mais sobre a materia.

XXV

Costume é hoje em dia, e mui corrente, o applicar a todas as coisas a liberdade do exame; nem ha que dizer contra tal costume por parte da boa-razão. Por aqui teem crescido todas as sciencias até ao ponto de encorpadas em que as admiramos; e por entre

seus ramos novos se teem podado os velhos e podres que as assombravam. Por aqui se tem reformado pagina a pagina (e dizem que em bem), todo o codigo dos direitos humanos. Por aqui, até a Religião se tem expurgado de milhares de insanias, fallácias, e abusões, que a deslustravam.

Não negarei pois a vantagem, necessidade, e até obrigação, que temos, de examinar quantas coisas nos dizem respeito, sem exceptuar a Fé. O que só digo é, que rejeital-a sem a ter examinado, sobre ser nescedade que faz nojo, é *crime*, para o qual a mesma philosophia se deve arvorar em Inquisição, e mandal-o açoitar com pregão pelas ruas e praças.

Ora, para se fazer este exame, em que Rousseau empregou annos de bom estudo, em que La Bruyére e Pascal consumiram dias e noites, em que os profundissimos juizos de Bossuet e Newton se desvelaram, em que muitos escritores impios e muitos escritores santos gastaram uma parte de suas vidas, ou todas, não basta o que fazem os doutorinhos imberbes do nosso tempo, que é pescar de orelha um syllogismo, e ás vezes menos do que isso, um motejo com seus fumos de argumento (mas argumento já vencido e já tambem motejado), e com este só cabedal estabelecer fábrica e abrir loja de incredulidade, com sua taboleta de lettras gordas mui doiradas de philosophia falsa.

São estes, tristes discipulos de si mesmos, e mestres de outros ainda mais sandeus do que elles, os que peor estrago teem feito pelos campos ricos da Fé, das esperanças,

e do amor; assim como vemos, em tempos de levantamentos e bandos civis, que não são os verdadeiros soldados em batalhas campaes os que mais destroem, se não os rusticos, os villões, e o populacho, que, sem saberem marchar, investir, nem defender-se, dos primeiros paus que toparam fizeram armas, com os primeiros farrapos que furtaram se composeram á feição militar; e, sem sujeição a cabos, vozes, nem regimentos, lá se vão por sua conta ferindo e talando. O terror que derramam, lhes é festa; d'onde soou trombeta de esquadrão inimigo, fogem; e accorrem onde ouviram retinir entre inermes alguns sons de gostos ou de moedas.

Sim: os exercitos ordenados, e pouco populosos, dos argumentadores incrédulos, pouco por suas mãos teem feito, que se compare com os maleficios d'estas catervas damninhas que invadem tudo, roubam tudo, e enxovalham tudo; em abono das quaes, não ha que dizer, senão que se não fizeram ellas a si, mas nasceram da babugem que dos pantanos philosophicos transbordou para toda a parte. Só do mixto d'ella com o pó sêcco da terra podia pulullar, ao calor aliás fecundo e benéfico do sol da Liberdade, esta praga, invisivel por miuda, mas temerosa por infinita.

Se ha ahi, quem ao som de seus zumbidos adormecesse na triste paz da negação ou do scepticismo, que se levante; e, antes de tornar a cahir, considére na pequenez e fraqueza dos que o adormentaram.

A' fé, que, se assim o fizessem muitos, bem se correriam de sua leviandade, saca-

riam de novo a duello o *pro* e o *contra*, vestidos ambos de todas suas armas offensivas e defensivas; partir-lhes hiam com egualdade o sol e o terreiro, fechariam a estacada a extranhos, soar-lhes hiam a trombeta de arremetter, assistiriam ao duello com a sizudeza de juizes imparciaes do campo, deixal-os-hiam a sós provar exforço e dextreza, romper lanças, perder estribos, saltar das sellas, puchar das espadas, quebral-as, travar-se a braços, lutar arca por arca e a todo o transe, até que um d'elles, morto ás mãos de seu contrario, cahisse. A esse o enterrariam para sempre; e ao vencedor o mandariam pelos arautos pregoar vencedor, porque ahi verdadeiramente haveria sido o juiso de Deus; e se a alguem o morto parecesse o melhor, nem por isso deixára a consciencia de ficar desassoberbada do seu cargo.

Isto era o que a todos cabia e cumpria fazer; mas não é isto o que de muito a cá se costuma.

Desdenhavam-se os homens da fé implícita de a confrontar com as negações; o baraço e a fogueira eram os seus argumentos; o doutor maximo das suas conclusões, o verdugo. E hoje.... os homens da incredulidade pejam-se até, de que nas razões adversas se lhes fale; dão-n-as, sem se humiliarem a contrapezal-as com as suas, não só por mais leves, se não por inteiramente vans de pezo; e, n'isto ao menos mais humanos que os seus contendores de outr'ora, tudo que é dos Ceos a dentro, ou da materia a dentro, o condemnam ao desprezo, ao escarneo, ao riso, e ao nada.

Nem religiosos eram aquelles antigos Religiosos, nem philosophos são estes Philosophos modernos, que nem a verdadeira Religião se teme de philosophias, nem a verdadeira Philoscphia tem medo a religiões.

Nada ha tão certo, em que não caibam duvidas; e nada tão falso, em que se não possam descobrir verdades; pelo que, o direito de examinar fica sendo, além de direito, obrigação mui rigorosa para todos aquelles que sentem lume de juizo dentro em si.

XXVI

Se já estudastes o ponto quanto em vós era, e do estudo vos surgiu uma cabal certeza de que por cima das estrellas tudo é deserto, por baixo da campa tudo pó, no vosso composto tudo materia; se essa sentença do discurso já a podestes fazer passar pela chancellaria da consciencia, que é o juiso do juiso; se nunca mais ouvistes, nem lestes, nem presenciastes, nem cogitastes, coisa que desarranjasse um só átomo do vosso famoso e façanhoso systema; ficae-vos muito nas boas ou más horas, e mais bem vos faça essa seguridade, do que vós provavelmente fareis aos vossos semelhantes.

Se, porém, a *negação*, que tão alta vos soa na voz, não tem raiz mais funda que a da lingua; se nem bem conheceis o que abrenunciastes, nem bem distinctamente abrangeis o que elegestes; se o que dais por certezas não são, quando muito, mais do que probabilidades, possibilidades, ou meras veleidades; se as vossas theses não passam

de hypótheses; se vos esquivais desconfiadamente á disputa dos livros ou dos homens, que melhor e mais largamente do que vós estudaram; se, vendo cahir de morte subita o conhecido que passeava ao vosso lado, vos enfiou o rosto; se, acommettendo-vos a doença, vos sobresaltastes; se, assustando-vos o medico, ou dizendo-vos que corrieis perigo, sentistes de cada recanto d'alma surgir-vos uma duvida; se então o nome de Deus, proferido acaso por uma velha idiota, fez de cada uma d'essas duvidas brotar o terror... deveis a vós mesmos, aos do vosso sangue, aos vossos amigos, e a toda a humana especie, o reconsiderar o assumpto, que, para qualquer parte que se haja de resolver, é de todos os assumptos o importantissimo.

Não sei eu de coisa tão indecorosa, por demente e variada, como é o descançar e folgar homem n'uma culposa ignorancia ácerca de seu proprio sujeito, e de seu maximo negocio, quando amanhan (¡e agora mesmo!) o pode a morte saltear, sem lhe deixar hora, nem valor, nem juiso, em tamanha turvação, para averiguar tão largas e confusas contas com suas ideias.

D'ahi vem que, todos os dias, os que vivos e são nos pareciam mais seguros, e mais ufanos blazonavam por detraz de suas trincheiras e fossos de materialismo, chegados ao transe provador de valentias se transformam, desatinam; e, não contentes já com o que ha na Religião, acceitam, pedem, imploram, ¡até os excessos e extremos do mais desordenado fanatismo! «Se transformam» — disse; e não disse bem; porque na maior

parte d'elles não é mudança substancial a que então se faz, se não só o sahir á flôr o que no intimo andára sempre comprimido; e com tanto mais impeto, quanto já lhes fallece força de vitalidade para o atabafar.

¿E que outro podéra ser nunca o desfecho da pomposa impiedade de mulherinhas, de imberbes, de meninos, de rusticos, de officiaes, e de tantos que sabemos, que nem estudaram, nem poderam estudar, por mingua de tempo, de edade, de remanso, de mestres, de livros, e até de entendimento? ¡Pobresinhos, que dão por lido e averiguado o immensuravel livro do Universo, sem talvez poderem ler *por cima* uma só lauda do *Carlos Magno*!

XXVII

¿Qual será, porém, a *rasão* não (que a não póde haver), mas o *motivo*, de tão manifesta, tão geral, tão pegada, e tão crescediça loucura?

De um homem se refere, que recebendo uma carta em occasião que estava para se ir para umas grandes festas, e receando, por algumas antecedencias, que poderiam n'ella conter se noticias tristes, que o tirariam do seu proposito por acudir a maiores interesses, a metteu cerrada para o seio, e partiu. Concluida a bôda, que foi de dias, fez volta para casa; acha a carta, que já lhe tinha esquecido; lê-a. Estava perdida uma demanda, de que pendia toda a sua fortuna, e a qual, se lhe houvera acudido logo, se lhe teria ganho. Isto é o que fazem os que inteiramente põem de parte o exame dos

negocios da Outra-vida: temem perder a festa, ou achal-a aguada; por isso tremem de se informar do que vai no fôro.

Ide para a bôda, mas seja depois de lida a carta; conhecei pelo menos o que deixais, antes de o deixar; errae, ou enganae-vos, se vos praz, mas não sejais dementes. Affêrro ao mundo, cubiça insaciavel de deleites, costume, natureza, e já necessidade de soltura, são visivelmente os porquês de tal semrasão.

Vencidos e accossados no primeiro campo aberto, a esta trincheirinha se recolhem, contra a qual não é mistér trabucar bateria grossa de theologias para dar com ella desfeita, porque emfim não passa de terra, senão que, tirando-lhe com a mesma terra, se derriba e toma: porque não só não é verdade que da Religião nos sejam defendidos os que verdadeiramente merecem o nome de *praseres*, que são todos aquelles que não trazem por caroço semente de arrependimento, unicos que tambem a philosophia approva, se não que é certissimo que da mesma Religião brotam espontaneamente, já cá na vida, muitos outros ainda mais copiosos e suaves.

XXVIII

Dois generos ha de gostos, em que esse appellido não desdiga: uns, que facilmente podem degenerar e passar de licitos a viciosos e criminosos; outros, de indole mais san e incorruptivel; e de uns e de outros os dá o mundo.

Os primeiros (que haviam de ser os ulti-

mos) são os da nossa natureza corporal, e nos quaes tambem os brutos comnosco communicam.

Os segundos (que haviam de ser os primeiros) são os de nossa natureza intellectiva e affectiva, nos quaes communicamos com os Anjos.

Por onde, já o homem foi rectamente comparado áquella escada mystica do sonho, que assentava em baixo no pó, em cima se encostava nas estrellas.

Os regalos terrestres, todos os conhecemos, e todos n'elles acreditamos; porém os deleites do espirito, poucos n'elles acreditam, porque poucos os experimentaram.

Dizer a quem só vive para apascentar os seus cinco sentidos, que ha umas delicias contrárias d'aquellas, que elle d'ali não póde vêr, porque entre elle e ellas anda mettida toda a terra, umas delicias que caminham revirádas ás avéssas a respeito d'elle, é darlhe materia a tanto riso e zombarias, como se dava aos bons dos nossos avós quando se lhes falava dos antípodas; e sem embargo, tão certo como haver antípodas, é o existirem aquellas taes delicias, que a rasão demonstra e as historias confirmam. Do negal-as alguem, só se póde concluir a sua falta, ou de discurso, ou de noticias, ou de tudo junto.

Delicias as dizemos, e com bom direito, pois são de mais alta jerarchia e subidos quilates que os meros gostos:

primeiro, porque a todas as vontades, apostadas em as lograr, se fazem accessiveis;

segundo, porque não custam, nem oiro, nem trabalhos, nem empenhos e compadrias, nem saude, nem socego, nem fama, se não que antes nos conciliam tudo que n'estas diversas coisas pode haver de bom;

terceiro, porque, não sendo presente da fortuna, tambem a jurisdição da fortuna lá não chega;

quarto, porque em todo o tempo permanecem, e para toda a parte nos acompanham, sem que a velhice ou a doença as entibiem, antes encorpando e arraigando cada vez melhor, quanto mais se vai fendendo, aluindo, e arruinando, este edificiosinho caduco de dois dias.

Aos commodos da vida exterior, se os ha, communicam um pouco mais de duração; tornam-n os mais suaves, mais prestadios, mais livres de mau olhado. Com a pobreza e fadigas nos resignam; com os desprezos e opprobrios nos accommodam; no cárcere nos conversam; no desterro nos acompanham; no cadafalso nos riem; e do fundo infimo das miserias nos correm a cortina a ceos e ceos de felicidades.

XXIX

N'este ponto insistirei, porque o tenho por de summa importancia, e não menos evidencia: que, se por fugir tristezas e melancolias, se foge da Religião, bem sem causa se foge d'ella.

¿Onde ha ahí povoador de palacio, senhor de provincia, de Reino, de Imperio, artista coroado de loiros, sabio venerado das

Nações, triumphador carregado de palmas, dama resplandecente em saraus como diamante-rosa engastado em joia de oiro, ou mancebo ardente e mimoso reclinado entre perfumes, luzes, e musicas, sobre o seio semi nú de uma formosa entre formosas, em meio de um festim de amores e liberdades; onde ha, emfim, homem ou mulher, tão a seu contento, e tão a pleno favorecidos da sorte, que se possam gabar de ir enfiando todas suas horas, uma a uma, no fio do viver, como pérolas sem-senão e lucidissimas em fio de oiro e seda, como tantos Religiosos e Religiosas de que as chronicas andam cheias?

No canto de uma cellasinha nua, sepultado no silencio, junto de um leito funeral, não vestido se não amortalhado, prezo para sempre debaixo do mesmo tecto, amarrado á columna inabalavel da obediencia, arrancado de parentes, despedido de todas as coisas mais amigas de nossa natureza, das festas, das conversações, dos banquetes, dos espectaculos, dos passeios, dos amores, dos applausos, quebrantado das vigilias, macerado do cilicio, attenuado dos jejuns... ¡ quanto e quanto varão, e bem varão, quanta e quanta mulher, e bem mais que mulher, não conservaram inalteravel o contentamento, que a morte não mudou, senão porque o converteu em sorriso de ineffavel alegria!?...

Logo que na alma se accende, ou reaccende, o lume da Fé, todo o mundo exterior se lhe transforma. O que é do homem, se lhe fica representando tão pequeno e feio,

que já lhe não dá nenhuma cubiça; e o que é da Natureza, ou da mão immediata de Deus, a vista do campo, dos montes, do ceo, das aguas, ganha novo lustre e preço, e entra com ella em relações mais intimas e amorosas.

O paganismo poetisava religiosamente o campo; o amor o poetisa; ¿que não fará uma crença, que juntamente é Amor, e Religião?! ¡E que amor, para quem bem o sente! ¡e que Religião para quem bem a sabe!

¿Que é um prado de primavera, ou noite de estio, para o vulgo descrente? O prado é um verde de varias côres salpicado, um mixto agradavel de calor e fresco no ar, algum arôma e alguns gorgeios; a noite, um repoiso de ouvidos e olhos, um refrigerio dos ardores diurnos, e lá pelo alto uma pintura mui lustrosa de estrellas.

¿E para o naturalista tambem incrédulo (se o ha tal)? O prado é uma collecção formosa de plantas, várias nos appellidos, indoles e préstimos, e de animaes delicadamente organisados pelo acaso ás apalpadellas; ¿a agua, leite prateado, do ribeiro que o fertilisa? reunião de uns gazes; ¿o ar, que revolve as formas e os cheiros, transmitte as côres e os sons? um mixto de fluidos, deputado para esses taes e outros officios; ¿e a noite? ausencia da luz; e somno de animaes e plantas por debaixo de um cardume de sóes longinquos.

¿Mas que é tudo isso para o Religioso, mormente se ao lume da Fé junta tambem a luz da natural sciencia? São as differentes

recâmaras e salas da casa preparada por uma Sabedoria, Poder e Bondade sem limites, para hospedar as suas creaturas. São todas as abundancias do viver temperadas de doçuras, imbuidas de amor, e envôltas de mysterios, que enfeitiçam coração e phantasia. De toda a parte se cuida enxergar umas como entrevistas do Pae commum, e o sorrir candido dos Anjos, que elle deu por companheiros aos homens, e de outros, por ventura, a quem faria, como as dryades e náyades dos antigos, os custodios tutelares das arvores e das aguas.

Cai a noite. Transformou-se o palacio em templo; a terra, são sepulturas; as montanhas, grandes aras; o silencio, recolhimento de oração; o ruido do mar ao longe, das fontes ao perto, da viração passando, e os cantos e soídos de algumas occultas aves e animaes nocturnos, hymno ao ALTISSIMO, e universal reconhecimento de vassalagem. E por cima da immensa abóbada d'este templo, fabricada de milhões de orbes, que tambem, como vivos, acompanham este concerto de *hosanna*, e vão narrando em côro as glorias do Creador, por cima d'esta abóbada immensa, o palacio onde os que perdemos na terra nos estão esperando, immortaes e deificados, e aonde, primeiro que nossa morte lá conduza, nos estão já levando os desejos sobre as valentes azas da Fé.

¡E temei ainda as tristezas da vida contemplativa, solitaria, virtuosa, religiosa!...

XXX

Mas já quero fazer-me de boa avença: finjo eu, e concedo-vos (não ha mais *conceder*, nem mais *fingir*), que sejam todos estes gostos nascidos de outros tantos erros, e puras chymeras, que a final se hão-de todas resolver em vaidades. ¿Convencer-se-ha d'ahi, que o ermitãosinho desamparado em cume de serra a todos os desabrimentos do anno, a todas as penurias e miserias da solidão, não seja em boa verdade mais contente e afortunado, que o mundano na profusão de suas galas e regalos?

Escreveu aquelle velho philosopho moderno de Inglaterra, Jeremias Bentham, que nem os maiores penitentes e austerissimos cenobitas se eximiam da sua grande regra, que era: ser o primeiro e unico movel de todas as humanas acções o desejo ou necessidade dos praseres; vindo a ser o *deliberar* lançar contas aos gostos e desgostos que podem resultar de cada uma, e cahindo sempre a preferencia para onde pendia o mais dos gostos. Entendia elle, e com prudente discurso, que ninguem mais cubiçoso do que esses juramentados renunciadores de cubiças; porque por cada gostinho da terra, que n'ella enterravam, ficavam aguardando, lá para o dia da colheita, grandes frutos, não de mil por um, se não de innumeraveis.

E perguntarei eu: ¿que bem se póde comparar, quanto mais preferir ou sobrepôr, ao bem de tão ambiciosa, de tão desmedida, esperança? Embora viesse a morte acabar tudo, ¿que vida haveria, ainda assim, mais

bem vivida, vida de força e exforço, vida de heroicidade, vida de amor, vida de paz com a consciencia, vida de expectação e com os olhos no Ceo, vida povoada de sonhos doirados, vida emfim desprezadora de tudo que não era ella, contente com o seu durar, para mais merecer, mais contente ainda com o acabar, por se ver chegada ao conseguir?

Nem são estas umas subtilezas de philosophias vans. ¿Que são, por si mesmos, os bens e os males, que nos trazem em continuo afan, desde que abrimos os olhos até que nol-os fecham? ¿Que ha n'uns de agradavel, e de terrivel nos outros, que lhes seja proprio? A mesma coisa que a um contenta, a outro o desgosta. O que me hontem aborreceu, amanhan me encantará. Nas variações da edade, nas da fortuna, se nos vão successivamente cambiando os apetites. E' logo claro, que não está em nenhum dos objectos exteriores o sabor que se lhes julga, se não na disposição do sujeito que o recebe.

¡Sobre quantas campas rasas, em crastas de freiras e frades, se não poderia com verdade escrever:

Aqui jaz
o pó de quem se gosou de muitas dôres!

¡E em quantos mausoleos ás costas de leões de marmore estas:

Aqui finalmente descança
quem todos os bens do mundo padeceu!

Ao que fez profissão de vida sensual e divertida, por si lhe hão-de nascer as afflic-

ções. O que ás mortificações se votou, n'ellas achará as suavidades que não procurava: no Egypto as cebolas, no deserto o manná.

Por esta parte, a Natureza e a Religião bem estão mostrando serem duas obras diversas de um só e mesmo Autor.

Assim se desfazem os especiosos pretextos da irreligiosidade voluntaria, com só encaral os de perto; ficando para logo os seus partidarios reduzidos á desnudez de sua fraqueza, ao muladar de sua fétida ignorancia, e condemnados ao dezprezo d'aquelles mesmos, a quem, pouco ha, tanto escarneciam.

Com esta cabilda me pareceu conveniente sahir a escaramuçar um pouco, por ser, como disse, a mais damninha.

Quanto aos incredulos de seita, de systema, e de escola, não são gente contra quem baste uma excursão. Fôra precisa, para os vencer uma boa guerra, grande apercebimento de armas, muito tempo, e logar conveniente. E para isso nem ha aqui modo, nem homem que baste.

Nem a mim me parece que para nenhum homem nomeadamente esteja esta palma reservada. A philosophia desfez o que poude da Religião; só a philosophia refará d'ella o que poder. A philosophia andou por muito tempo latente, no seculo passado, minando a Fé; a espiritualidade anda, não menos latente, n'este seculo, minando a falsa philosophia. A terra fecundada já traz nas suas entranhas a crença, a qual d'esta vez nascerá d'ella, assim como outr'ora nasceu do Ceo.

«Os amadores do seculo presente—diz o Padre Bernardes—pelejam contra os do seculo futuro dentro do mesmo ventre da natureza humana, como Esaú e Jacob pelejavam dentro do ventre de Rebecca; porém emfim Jacob ha-de levar a benção e o morgado, e Esaú ficará privado d'elle, porque o vendeu pelo seu apetite.»

Mas atemos o ceifado, que assaz vão sendo horas de recolher.

XXXI

. . . .

Diziamos pois, que havia de necessariamente a nossa Poetisa ter recebido algumas influencias da peste anti-christan, que tão acceza e consentida lavrava por todos os andares da sociedade; peste (se assim se póde dizer) mais negativa que positiva, mais de desprezo pratico, do que de especulação acintosa, mais occasionada de perguiça, que de diligencia, e por isso mesmo mais pegadiça, mais teimosa, mais rebelde a medicinas.

Não se ha-de porém cuidar que alardeasse ella, como tantas outras, as suas duvidas ou semi-certezas contra os dogmas fundamentaes de toda a Religião. Entendia discretamente, que das offensas que á sociedade se podiam fazer, a mais grave era atacar, ou com o discurso ou com o exemplo, opiniões em que principalmente se estriba toda a boa moral; que o desconhecer a Deus podia passar como erro entre a ignorancia

e a sabedoria; mas que o apostolar contra Elle, sem plena convicção e ainda com ella, nunca deixaria de ser ignorancia orgulhosa e perversidade declarada; em qualquer homem, crime atroz; mas em qualquer mulher, além de crime atroz, escandalo, e infamia infamissima. E tanto viveu sempre sobre si n'este particular, com tal tento e sizudeza se houve, que só por sua propria confissão, já depois de rebaptisada e confirmada se veio a saber, que tambem ella cançára e adormecêra nas ingremes verédas da Fé.

Uma só coisa nos espantaria; e era: que de tal raiz de corrupção não brotassem obras de perdição nos seus dias de verdor e prosperidade, se não tiveramos tanto á mão com que explicar naturalmente este milagre; e era por uma parte a força do exemplo e creação christan; a virtude, que por certo modo como que se apega ás paredes da casa, e d'ellas se communica aos filhos que a povôam; e, sobretudo, o amor, que é a melhor guarda de si mesmo.

O decahir da opulencia lhe déra o primeiro abalo para a conversão; mas o impulso que de todo a rendeu, foi a morte do que sobre tudo amára, com o qual totalmente se lhe foram esperanças e temores.

No seu *Tratado da consolação philosophica* disse Boécio:

«Não esperes, nem temas; desarmarás e renderás ao teu peor inimigo. Todo o que trepída, signal é de que ou se arreceia, ou cubiça. Por falta de firmeza ou dominio proprio, arremeça o broquel; e, movediço no seu pos-

to, tece cadeia com que possa ser arrastado». [1]

Em uma das suas epistolas ao morto, não já morto para ella, antes mais vivo, e eterno, assistimos á representação, como dito é, dos interiores combates que n'ella se pelejaram entre o espirito e a materia, entre o discurso e os sentidos, entre a fé e a incredulidade. Ahi se vê, manifestamente, por que passos contados se foi operando a sua transformação:

na felicidade plena, — soberba, indolencia, futilidade; — não é preciso mais para *materialismo*;

começada a vasante das prosperidades, — reflexão e cuidados; — *scepticismo*;

no recrescer dos trabalhos, — pendor do sceptismo já para a parte da *espiritualidade*;

no maximo do infortunio, e desencantado o mundo pela morte, *espiritualidade, religiosidade*, e *christianismo*; porque o lenho eterno da Cruz é sempre o que a final se depára para salvação aos naufragados nos temporaes da vida.

O berço da sua felicidade, fôra-o a desfortuna; e a corôa, foi o amor em lagrimas quem lh'a pôz.

[1] *Nec speres aliquid, nec extimescas,*
Exarmaveris impotentis iram:
At quisquis trepidus pavet, vel optat,
Quod non sit stabilis, suique juris,
Abjecit clypeum, locoque motus
Nectit, qua valeat trahi, catenam.

Boecio — *De consol. philos.* L. I, viii

NOTA DOS EDITORES

Chóros ha, que seccam e assolam; e chóros que fertilisam, nutrem, despenam, e beatificam.

Um genero de instincto, como o que leva a corça ferida á procura do dictâmo, que só a pode curar, a tornou pois, já madura, áquella summa e preciosa coisa da Fé, que desde os seus annos viçosos transcurára; e, pelas ruinas grandes de uma paixão terrestre e humana, fez subida para outra egual paixão divina e celeste. E' entrar a um palacio de oiro por escada da mesma materia.

XXXII

De uns escrupulososinhos sei eu, que não deixarão de pôr taxa n'este modo de conversão, affirmando, com suas mui espevitadas e descaridosas theologias, que não é esta uma porta verdadeira da Jerusalem Eterna, se não phantastica, illusoria, e pintada da propria mão do diabo, que até com as mais santas coisas sabe armar e perdernos; e, como se acabassem de chegar n'esta hora do conselho secreto do Altissimo, pregoarão mui desempachadamente, que não pode ser Religião acceita a Deus a que nasceu da idolatria das creaturas, e vai entremeiada, e talvez mais que meiada, de profanos affectos.

Que lhes responda por mim quem no officio se póde dar por mais mestre do que elles; e diz assim:

«E' louvavel e proveitoso exercitar-se a alma n'estes affectos pios; porque ao perfeito se passa pelo que é imperfeito. A mais

primorosa pintura, primeiro foi poucas linhas de um informe debuxo; e as flores, que na arvore não pareciam mais que uns suspiros, ou desejos de se communicar, vieram a produzir frutos abundantes e consumados.»

Andae, andae, que não será Deus de tão mau contento, como o vós á vossa imagem e semelhança quereis fazer.

Viera ella ao mundo com o condão de agradar; enfeitiçára na quadra de suas alegrias; interessa-nos o vel-a no seu lidar para ressuscitar a alma e compôr o Ceo.

A Fé, meramente nascida da creação, e confirmada por inercia e habito, é apenas um reflexo; mas a que nós accendemos em nós mesmos, a que nós resguardamos contra mil sopros extranhos, anteparando-a cuidadosamente, como se resguarda com a mão a luz salvadora que nos encaminha por um despenhadeiro, essa Fé, sim, que é verdadeiro fogo, e o mais proprio para honrar o ETERNO.

Convertida finalmente, e a pleno e em toda a sinceridade convertida, ficou dobradamente amavel e graciosa; não d'aquella graça que é só para os olhos e para a presença, sim d'aquell'outra que namora animos e vontades, que tudo em torno suavisa e perfuma, que se pega aos que a não desmerecem, e, ainda depois de passar pela morte, vai correndo viva pelas memorias, como aroma finissimo, que a rosa deixa por onde passa.

Mas rasão é, que n'este particular nos não dilatemos, que escrever miudezas de santi-

dade sem enfastiar a bom numero de maus leitores, só ao nosso Frei Luiz de Sousa foi concedido.

XXXIII

Quatro largos annos levou na mais exemplar e piedosa vida, n'aquellas mesmas casas que tão bem ajudavam a sua dôr, e onde, entre as saudades, que são umas como ruinas do contentamento, ataviadas do seu natural musgo, dotadas e povoadas de um cheiro bom, e de muitas reconditas harmonias, se comprazia de scismar, com os olhos no Ceo, arruinada e ruina ella mesma; como estatua de nympha em jardim desamparado e bravio, por um d'aquelles luares de verão que devem apraser aos mortos, e alvoróçam ternuras em todos os vivos.

Maravilha parecêra que tanto ahi resistisse, a não sabermos ser a dôr uma febre, que tambem sustenta.

Mas, porque os estragos de sua saude iam já apparecendo a olhos, e cada vez mais, teve-se por forçoso o desarraigal-a, para a ir pôr onde ar e sol a tomassem amorosamente, e lhe repassassem os sentidos e membros, já gastados, de uma pouca mais de vitalidade. Para uma sua quinta no Cartaxo a transplantaram, servindo-lhe de lenitivo á perda dos saudosos logares de que se despedia, as memorias, tambem muitas e mui vivas, do esposo e da mocidade, que n'aquelle tão sabido e costumado retiro seu a aguardavam.

De perto de outros quatro annos, que ahi se lhe deslisaram, mansos, resignados, es-

pirituaes, campestres, e poeticos, pouquissimo se póde individuar, posto que muitas cartas suas recebi eu por todo esse tempo, nas quaes a sua alma se descobria com a formosa desnudez de seraphim, e se via andar aspirando virtude e bemaventurança de Deus em todas as creaturas insensiveis que a cercavam. As flôres e aves eram principalmente a sua recreação, como aquellas que em mais clara poesia lhe falavam das Alturas.

Reduziam-se as suas praticas religiosas a uma beneficencia continua e de todos os generos, e a meditações e orações, mais vezes no campo, que na casa; mais pelos ermos espaçosos da noite, que na turbulencia do dia; e sempre desacompanhada de ente vivo, afora o seu Anjo, que, presenceando tal fervor, não podia deixar de a acompanhar com os joelhos dobrados no pó, os olhos e as mãos levantados para o Ceo.

Em lembrança merece ficar um ulmeiro, que na quinta existe, notavel por espessura e frondosidade de ramas, pelo alteroso de sua estatura, pelo geito e graça natural do seu porte. E' uma grande ilha de verdura no meio dos ares, visivel de longe, fresca e viçosa, povoada e visitada de cardumes de passaros. A' sombra amplissima d'este ulmeiro, n'uns rusticos assentos que para esse fim ordenára, vinha passar quantas horas lhe consentiam de folga as domesticas obrigações; aqui se entregava aos seus lavores feminis, aqui lia, aqui scismava, aqui philosophava, aqui escrevia, e aqui lhe manavam serenamente ao longo das faces, como aguas de

fontes limpidas, umas lagrimas, que a todos os risos excediam em goso, e onde parecia que o azul do ceo folgava de se reflectir, como irmão que na pureza de suas irmans se está revendo.

XXXIV

Entrava o Maio de 1838; era o mez do rouxinol, e dos poetas; quando as suas visitas ao ulmeiro começaram de se tornar mais raras e curtas. Era a derradeira primavera que para ella floria.

Uma enfermidade, occasionada da saudade interna e eterna que a roia, a prendeu em casa, e pouco depois na cama. Houve-se logo o mal por sem remedio. Reinava a consternação no domicilio; trasbordava por toda a villa; era principalmente sentida da pobreza, que á porta lhe amanhecia e anoitecia. Só na enferma, com ser egual, e maior, a certeza que tinha do seu proximo fim, por sentir andarem-lhe já por dentro as mãos da morte desarmando e desfazendo a portátil e terrena casa da alma, só na pacientissima enferma se não enxergava turvação.

Conheceu que era tempo de aparelhar para a trabalhosa jornada; pediu e recebeu os Sacramentos; envolveu-se no manto alvissimo de uma consciencia pura e purificada; reclinou a cabeça sobre o unico travesseiro macío para moribundos, que é a Fé, e offereceu-se desassombradamente, antes com alegria, á tão promettedora e suspirada partida.

Tres sós pensamentos da terra se lhe notaram, por entre os milhares de celestissi-

mas cogitações de que lhe foram cheias aquellas solemnes horas: primeiro, uma pena mui profunda de não ver uma sobrinha, a quem creára e amava como a filha (de tantos e tão queridos parentes como tinha, quiz a Providencia que só um sobrinho, que de administrador rural lhe servia, e sua mulher, lhe houvessem de cerrar os olhos); segundo, uma recommendação mui instada e repetida, de que se enviasse á sua querida mãe o retrato d'aquelle... (não ha que nomeal-o) que nunca da lembrança lhe sahira; unica e ultima joia da terra, que não sem muito custo demittia do seio; finalmente, que, assim como no Céo iam ser juntos, e juntos haviam sido em todo o tempo, tambem em um só tumulo os reunissem, sem pompas ou de escultura ou de epitaphios, mas com uma simples inscripção, de que a mim (porque a bem conhecêra) me deixava commettido todo o encargo.

Aos 19 de Junho choravam-se na terra muitas lagrimas, em quanto no Ceo se havia de estar celebrando, com verdadeira benção de felicidade immortal, a renovação de um consorcio, que a nenhum dos mais perfeitos e mais invejados do mundo concedêra jamais vantagem.

Foi o seu cadaver depositado, por emprestimo, na parochial egreja do Cartaxo, como na da Lapa em Lisboa o havia sido o do esposo.

Todas suas disposições testamentárias foram pontualmente cumpridas: o legado retrato ficou, assim como o d'ella propria, entre as mãos e debaixo dos olhos sempre choro-

sos de sua mãe; e no cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres d'esta cidade, em um mausoleo de fino marmore, por baixo de duas mãos entre si travadas e apertadas, se lê o seguinte:

PERPETUA
FIDELIDADE
CONJUGAL

AQUI JAZEM
JOÃO BAPTISTA ANGELO DA COSTA
NASCIDO EM LISBOA AOS 2 DE AGOSTO DE 1781,
FALLECIDO AOS 16 DE NOVEMBRO DE 1830;
E D. FRANCISCA DE PAULA POSSOLLO DA COSTA
NASCIDA NA MESMA CIDADE
AOS 4 DE OUTUBRO DE 1783,
E FALLECIDA AOS 19 DE JUNHO DE 1838.

A MORTE D'ELLE OS SEPAROU PELA PRIMEIRA VEZ;
A SAUDADE D'ELLA
OS TORNOU A REUNIR PARA SEMPRE N'ESTE SITIO.
DAE-LHES UM SUFFRAGIO, MAS NÃO LAGRIMAS.

Nos degraus d'este tumulo, a miude visitado e enflorado de seus numerosissimos parentes, e que os ciprestes dentro em alguns annos protegerão com as suas sombras piedosas, poderá alguma vez a donzella na aurora da vida, que estas paginas houver lido, ir sentar-se a meditar e inspirar-se, á hora em que o sol, fugindo e desamparando a Natureza, deixa no logar da visão esplendida do mundo os proveitosos pensamentos da brevidade da vida, do preço inapreciavel do tempo, do valor da virtude, e de uma existencia melhor, que para além dos tumulos e ciprestes amanhece.

A sua visinha, que mora invisivel debaixo do mesmo marmore, onde ella reclinada suspira tão viva, tão moça, tão festejada, tão esperançosa, lá de dentro lhe dirá, na linguagem muda com que as almas entre si conversam, mil profundos e proveitosos segredos de sabedoria; e ellas se amarão sem nunca se terem encontrado n'este confuso valle dos peregrinos; e trocarão secretamente entre si prendas e penhores de boa amisade, dando os, cada uma, d'aquellas coisas que no seu mundo se produzem e no outro valem: a morta á viva, as verdades que prestam e consolam; a viva á morta as orações e suffragios que beatificam. E como se erguer para sahir d'aquelle sitio religioso, o seu animo levará dentro em si uma luz mystica, por desconhecida mão acceza, que lhe fará ver pela primeira vez a fealdade de muitas formosuras, o perigoso de muitas seguranças, a chyméra de muitos desejos, o fecundo e florído de muitos caminhos agros, a doçura de muitos sacrificios, os recursos do estudo contra o ocio que relaxa, os da moral contra os vicios que assolam, os da Fé contra a desesperação, que mata em um dos mundos, para condemnar no outro.

XXXV

A esta só de minhas leitoras (se tal a ha ou houver ahi) vão ordenadas as poucas linhas mais, que a este escrito me pareceu ajuntar, por lhe dizer d'esta sua desconhecida amiga e mestra tudo quanto sei, e já

não póde ser que a não interésse. Breve serei, e chão, como convém.

Foram suavidade e modestia as principaes feições de sua alma; partes que rara vez se casam com aquell'outras de engenho vivo e prompto, e de um saber maior que o vulgar. Nem se arrogava mais do que lhe competia em materia de louvores, nem ainda tudo que lhe competia o acceitava. Perante homens, se contentava de parecer mulher; entre mulheres, forcejava por se lhes egualar, encolhendo e dissimulando com muita industria a sua propria altura.

A todos ouvia com attenção e docilidade, como se de todos aprendêra. Comsigo discutia e amadurecia os seus conceitos em tempo e logar proprio; e sendo requerida, expunha-os com simplicidade, defendia-os sem pertinacia, sem cólera os deixava refutar, refutados os depunha, mostrando no renuncial-os e confessar-se vencida um genero novo de victoria, mais engraçado e honroso que o mesmo triumpho.

Havia a Poesia pelo melhor de todos os males, pela mais efficaz distracção de trabalhos, e consolação de amarguras, pela mais innocente e frutifera das ociosidades. Infancia de adultos — se lhe póde chamar, e com razão; que, se ha seraphim de fogo que possa defender a invasores e profanações o paraiso da alma, esse é a Poesia, quando em paixão se chega a converter.

Do affecto, que no coração lhe abundava, repartia com todos e com tudo. Debuxava em si as penas alheias, para lhes acudir; imaginava depois as alegrias dos que havia

consolado, para por ellas e d'ellas compôr as suas. De mingua de phantasia nasce o mais das vezes a falta da caridade.

De virtudes, nenhuma se póde particularisar em que excedesse, a não ser esta, de uma universal e perenne benevolencia. Todas as outras as tinha com egualdade, inteiras, e sem quebra.

Baldado seria o procurar, pelo muito que escreveu, o minimo vestigio, quer de orgulho, quer de odio; nem menos d'esse odio, que, sendo de todos o mais vil, passa no mundo por galantaria, e como tal se usa; o qual se disfarça com a mascara de experteza gracejadora, ou de engenho facêto, para empolgar e atassalhar como por festa aos que aborrece; ora aos maus porque não são bons, ora aos bons porque não são melhores, ora aos optimos porque não são pessimos.

Nunca a sua alva penna estillou fel de satyra; e comtudo, em uma Epistola a uma sua amiga (deveu de ser desafogo, e foi unico) se vê que a inveja não a poupou, e que, desde que entrou ao poetico estádio, mais de uma vez lhe vieram quebrar os espiritos, e desconsolal-a, os motejos e grosseiros apódos d'aquelles que ou não crêem no talento, ou, pelo menos, não dão ás mulheres licença para que o tenham, ou, tendo-o, para o mostrarem.

Se de amor são, em geral, os seus poeticos haveres, bom quinhão todavia tinha n'elles a amisade; mas amisade e amor não pareciam n'ella duas, senão uma só paixão; que assim traziam emprestados e trocados os attributos: o amor, casto e sizudo como a

amisade; a amisade, ardente como o amor, como elle delicada, miuda, cheia de pontinhos e ciumes.

XXXVI

De politicas opiniões não se havia aqui de falar, porque nem os homens fizeram a Politica para as mulheres, nem Deus as mulheres para a Politica.

Desdiz ás damas a *Gazeta*, como aos varões o *Correio das modas*. Aos animaes fortes pertence a terra onde pésam e vencem; ás borboletas e aves o ar fluido, onde umas brilham, outras cantam, e todas se recreiam, e enfeitam a Natureza, e namoram as vontades.

Do homem é o ampliar seus direitos, e pugnar que lh'os não violem; da mulher, o consolar-lhe e alegrar-lhe a vida; da mulher, o apertar cada vez mais seus deveres, e resistir a que lh'os relaxem.

Por elles e para elles os códigos, que supprem, como podem, a Moral; para ellas e por ellas a Moral, que dispensa códigos.

Seja para elles casa a praça dos comicios, o campo das pelejas civis, o alcáçar ainda mais tumultuario dos Parlamentos; que para ellas lhes será cidade, reino, e mundo, a casa.

A prosperidade commum dos Estados, ellas a preparam de antemão, humilde e caladamente, das portas a dentro, dando a vida, a creação, e os primeiros costumes; em quanto elles trabalharão em alargar a publica fonte, de que para o diante se alimen-

tarão, medrados, a paz e contentamentos domesticos.

Não quero insinuar (de tal me defenda Deus) que seja nas mulheres tão feia, perigosa, e mortal enfermidade a Politica levantada e liberal, como a irreligião; sendo entretanto certo haverem muitas vezes produzido uma e outra os mesmos deploraveis effeitos de desordenada soltura; só digo e entendo que, para socego e fortuna de quem com ella houvesse de viver, mais valêra mulher da antiga bitóla, peccando por encolhida, propendendo até para o passivo do despotismo, do que uma citadora de *Contratos sociaes*, de artigos de *Constituição*, e de *Cathecismos do cidadão*. Não vingará a primeira toda a sua altura; mas a segunda a sobrepuja. Aquella não haverá renegado de mulher; esta, querendo transformar-se em homem, nem homem nem mulher ficará sendo. Róca ao esgrimir e espada ao fiar. Com esta se entretenha quem quizer, no passeio ou saráu; mas quem bem souber, com a outra se receberá.

Algures diz, se bem me occorre, aquelle guapo engenho de Bernardin de Saint-Pierre, o quão gostoso lhe era ouvir de graciosa bocca desconcertos de grammatica, desprimores de etymologia, descuidos e trocados nas palavras. Nem podia nem havia de ser outra a rasão, senão que, quanto menos a mulher presume e alardeia, tanto mais fica valendo; quanto mais extranha se mostra ás nossas caprichosas convenções, mais parece estar toda no seu intimo ser e feminidade; quanto menos estudada, tanto mais simples,

mais sincera, mais amante, mais amorosa, mais amavel e mais ella mesma.

Entre todos os humanos vicios ha porém sempre o bom meio, onde a virtude móra; e este é para as mulheres: na Política, a quasi indifferença quanto ao pensamento; nas palavras e acções a mais cabal inercia, a mais neutral imparcialidade.

Não aconteceu sempre assim á nossa Poetisa. Viu com alvoroço o nascimento da Liberdade portugueza; com magoa e terror a sua morte; com encantamento a sua ressurreição. ¿Quem lh'o extranharia?

Crédula e esperançosa, como inexperta, como mulher, e como habitadora do mundo phantastico e doirado das imaginações, cuidou (como tantos cuidámos, se não todos) que á edade de ferro ia seguir se novamente a edade de oiro; que a Astréa, que ultima fugira da terra profànada, primeira volveria a ella redimida; que se veria correr em levadas o leite e o nectar; que um phantasma, nem visivel nem visto, chamado Amor patrio, não tendo de Midas senão as mãos, só deixaria por converter em oiro aquella porção indispensavel da terra para produzir as seáras e as vinhas, as relvas e as flores, onde, por entre os lobos e cordeiros congraçados, dançariamos todos ao som dos hymnos da egualdade.

N'este caso de tanto e tamanho esperar, o seu *liberalismo*, como dizem, não só era desculpavel, se não digno e dignissimo dos mais altos louvores, porque todo nascia da sua indole feminina, terna, caritativa e benevola. Logo porém que viu que, por mais

que a philosophia se cançasse, e suasse a puchar o cordel á tramoia, nada se transformava na scena do geral theatro, só tremiam e se moviam os panos e bastidores, só se trocavam os comediantes, e os nomes e as falas das partes, e o titulo da tragi-comedia, mas não a substancia e vaidade da representação, abriu das mãos a lyra, longamente invocadora de prodigios que não acabavam de chegar, e tornou-se aos cantares, tão seus costumados, do Amor, da Amisade, e da Natureza; não lhe ficando de tão delicioso sonho mais do que uma quéda para a Liberdade, bastante para lh'a fazer desejar no Reino e no Mundo, mas já pouca para a defender com porfias, ou celebral-a com versos; e ainda isto mesmo, o veio com todos os mais gostos a perder na viuvez.

XXXVII

Até aqui o seu caracter moral. Do seu litterario, só diremos, em resumo, que mais fizera por ella a Natureza do que fez a Arte; e de toda a Arte que recebeu, ella propria foi a sua mestra.

Amou sempre apaixonadamente a leitura, e a frequentou; porém mais como recreio ou consolo, do que estudo; e a todas antepoz sempre a dos poetas.

Era dotada de uma memoria prompta e perseverante, que empolgava no vôo todos os formosos pensamentos, phrases, e versos; e, como falcão bom apegador, acudia sempre muito a ponto a lh'os trazer.

A sua conversação era facil, clara, ornada,

judiciosa; muitas vezes de duvida e consulta, nenhuma de oráculo; nunca de capêllo e borla, e sempre instructiva; sempre medida pelos entendimentos e gostos dos com quem praticava. Era um donoso e continuo transformar-se: com a infancia, infante; com a puericia, leve e voluvel; com a adolescencia, alegre ou amorosa; madura com a madureza; com a velhice, pausada, reflexiva e profunda. O seu *amor-proprio* (se o tinha) sabia, como ninguem, hospedar e agasalhar aos alheios, despedil-os mais pagos e contentes de si mesmos do que d'ella; n'isto só parecia cifrar-se todo o seu.

É a conversação uma sciencia difficultosissima, que participa de muitas sciencias, ou de todas, que nem se ensina nem se aprende, que tem mais visos de inspiração, que de industria, e cujo don é por ventura ainda mais raro, que o rarisssimo de bem escrever. E este don, esta prenda, esta sciencia, possuia ella no summo grau, accrescentando o merito do bem dizer com a felicidade de uma voz clara, melodiosa, variada, e que por si mesma se matisava e temperava, mui ao natural, com as côres das ideias que representava, com o calor dos affectos que exprimia.

Por este modo as melhores, e, podemos dizer, as inimitaveis de suas obras, foram as que não escreveu, nem podia escrever.

XXXVIII

D'ella nos ficaram impressos, e manuscritos; originaes, e traducções. Apontaremos titulos; não faremos commentarios:

Um volume de poesias, publicado em pequeno numero de exemplares, e gratuitamente distribuido por pessoas de sua amisade, com o titulo de *Francilia, Pastora do Tejo*—8.º, 248 paginas.

Inedita existe dobrada ou triplicada quantia de versos seus arcadicos no genero, como estes.

Duas novellas, uma das quaes sahiu á luz em 1819, e se diz *Henriqueta d'Orléans.*

As duas comedias de que acima falámos, etc.

São as suas traducções impressas:

Corinna, ou a Italia, de Mme de Staël, com annotações.

Carta do Conde de las Cases, dirigida da ilha de Santa Helena ao Principe Luciano Bonaparte; e

Pluralidade dos mundos, de Fontenelle.

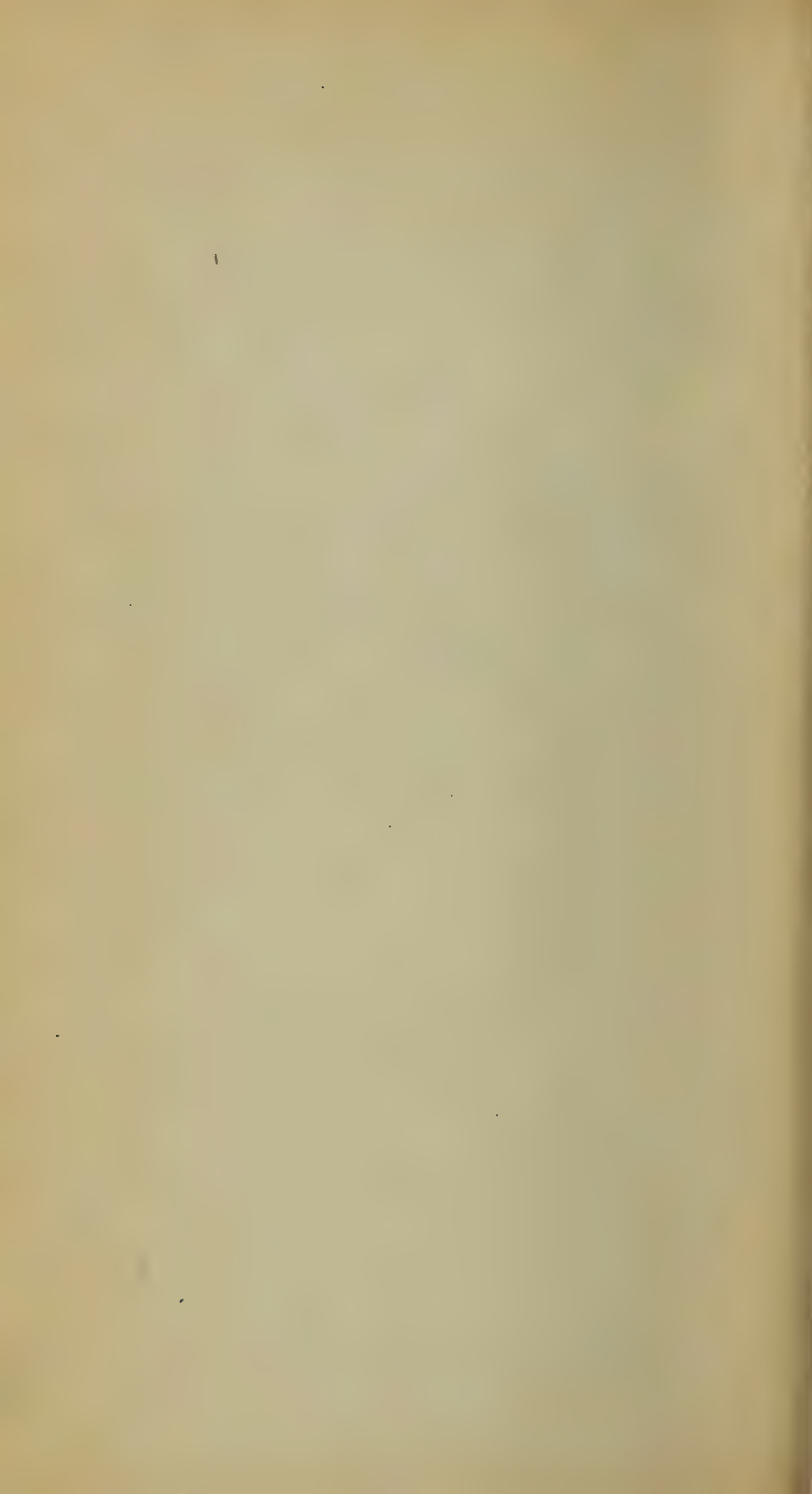
Em todas estas obras ha clareza e facilidade; extraordinaria riqueza de linguagem, não; mas (não é já esse um pequeno merito) muito menos ignorancia d'ella do que hoje por ahi mostram, e quasi alardeiam, os traduzidores, contrabandistas, ou bufarinheiros litterarios, de pregão sonoro e arquêta bem abarrotada de ninharias e peçonhas; raça damninha, por cujo tráfico (ou traficancias) devêram de olhar os legisladores, pois que tão nossos e respeitaveis são os nossos

costumes e Lingua, como a nossa Religião, boa fama, e socego. N'esta parte, para o dizer de fugida, merece e carece o actual regimento da Imprensa de um grande e mui philosophico accrescentamento. ¿Far-se-ha elle? Apostae que não, que eu vos fico pelo ganho.

XXXIX

Mas dêmos já o ultimo *vale* a este sepulcro, em torno do qual a saudade nos tem feito demorar muito mais do que desejariam os que até aqui nos hajam seguido; monumento onde a Fama coroada de loiro se não virá postar como atalaya, mas que, pela fragrancia de virtude que d'elle está sahindo, repellirá sempre para longe de si as vaidosas, as infieis, as impuras, as levianas, as indignas do venerando e divino nome de Mulher.

Lisboa, 20 de Maio de 1841

FIM DO VOLUME I

NOTA

Dois retratos existem da senhora D. Francisca de Paula Possollo da Costa, ambos de primorosa industria e mui cabal parecença: um, feito pelo snr. Bento Dufourcq, e outro pelo snr. Santos, pensionado alumno que fôra do Estado na nossa Escola de Pintura em Roma. Obra de preço faria a mui benemerita *Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis*, se, assim como já no seu *Panorama* publicou o retrato de Mad. de Stael, para ahi trasladasse egualmente o da nossa Portugueza sua traductora.

........................Noscere vultus
Optarunt tandem femina virque sucs.

CASTILHO.

INDICE